



Uma luz no fim do túnel !!!

Uma luz no fim do túnel
Xavier T.
Edição eletrônica
São Paulo – Maio – 2001

Copyright © 2001 – BN – 230.194-405-354
Todos os direitos reservados e protegidos por lei.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem autorização prévia, por escrito, do autor.

Carta ao leitor

Nunca imaginei que um dia poderia escrever, não gostava de escrever nem de ler, mesmo querendo nunca teria conseguido tempo para fazê-lo, porque tive uma vida muito agitada e sempre fui uma pessoa extremamente ocupada. O que me leva a fazê-lo, é simplesmente a gratidão por ser quem sou hoje graças ao meu passado alcoólico, um passado negro e sofrido que já sem esperança de vida mudou de repente após viver uma “experiência sem nome”. Sinto a necessidade de que todos saibam que há uma solução para os desequilíbrios emocionais e especificamente como aconteceu comigo, para a dependência do álcool.

Este livro nem é nem tem a pretensão de ser técnico ou profissional, espero conseguir relatar a pura verdade sobre fatos reais vividos através da dependência e do sofrimento, e mais tarde da recuperação.

Enfrentando sem opção responsabilidades de adulto, e ainda na adolescência, queimei algumas etapas da vida para atingir as metas por mim preestabelecidas. Vivi o que para muitos pode significar chegar até o topo. Viajei bastante, morei em alguns países por este mundo afora e conquistei altos cargos em grandes companhias, não foi o suficiente para mim, e para concluir minhas ambições precisava ser um empresário bem sucedido, obcecado por esta idéia também tive minhas empresas.

Após tal experiência de vida, quando tudo parecia indicar que tinha conseguido realizar meus sonhos com um certo sucesso, percebi ter chegado ao fundo do poço. Era tarde demais e me confrontei com um quadro irreversível, inconformado tentei várias alternativas, porém em vão, já não tinha mais forças e sofria até o ponto angustiante de pensar que estava ficando louco ou poderia morrer a curto prazo.

Vivemos em um mundo perturbado e sempre o será, desastres e calamidades nunca pararam até o presente momento, continuam as fronteiras que delimitam os países e pelas quais já se brigou muito, parece ter chegado a calmaria, mas as guerras tecnológicas são assunto de atualidade, tudo indica que o ser humano é movido por ideologias e sede de poder, nada mudará se não mudarmos nós mesmos.

Gostaria que esta pequena leitura desse uma visão de esperança para uma vida melhor, existe sim, a possibilidade de viver de uma maneira feliz com serenidade e sabedoria, mas a vida me mostrou que isso acontece a maioria das vezes somente quando chegamos a derrota total. Entendo que hoje vivo uma vida feliz e minha família também, em outras palavras tenho mais uma chance, uma nova vida. Hoje, ao contrário do passado não preciso mais ser o diretor do show, a verdade é que minhas prioridades e conceitos mudaram.

Valeu a pena

Conteúdo	Pág.
Introdução	5
Da infância - <i>Nas discussões e brigas familiares os adultos tornam-se crianças e, as crianças sofrem como se fossem adultas - Uma criança frágil e sensível vive num ambiente caótico que o marcará para toda a vida..</i>	7
Liberté – Egalité – Fraternité - <i>Apresenta-se uma oportunidade única para vencer - Basta ter coragem e vontade de chegar ao topo.</i>	11
Possuído pelo cupido, amor à vista - <i>O amor não tem pressa, e sem ele é impossível viver - Não existe o acaso, o destino estava predeterminado.</i>	21
O Cristo Redentor esperando por mim - <i>Querendo chegar ao topo por causa das ambições doentias - Mais uma fuga procurando a própria identidade . . .</i>	31
No desespero, minha família afundava junto comigo - <i>Desnortado voltava ao inferno - A queda livre estava começando - Após os benefícios chegam os prejuízos.</i>	35
Tinha que aproveitar a ultima oportunidade - <i>Estava derrotado, sem mais nenhuma expectativa de vida - Forçado em aceitar a realidade para manter-me vivo.</i>	39
Uma luz no fim do túnel - <i>Estava começando uma segunda vida - Os primeiros tempos de sobriedade. . .</i>	52
Os Doze Passos de A.A. - <i>Sugestões para quem quer abandonar a bebida - Um programa de vida que pode ser adotado por qualquer um.</i>	64
Perguntas e respostas sobre os Doze Passos de A.A. - <i>Se você nunca ouviu falar de Alcoólicos Anônimos, mate sua curiosidade.</i>	72
Minha opinião sobre A.A. - <i>Resumindo - Capítulo V do livro azul.</i>	78
Bibliografia	81

Introdução

Durante esses últimos anos tal qual um recém nascido tenho me interessado de um modo “real” pelo ser humano e tentado entender o que houve de errado comigo por mais de trinta anos. Sinto um alívio ao pensar que todos temos com maior ou menor intensidade certos desvios ou imperfeições que nos levam sistematicamente a algum tipo de dependência. Há aqueles em que estes dissabores estão enraizados dentro deles mesmos fazendo parte de suas próprias personalidades e que possivelmente nem saibam, o que poderia se chamar de neurose pura, e também há aqueles que de uma ou outra maneira sentem a necessidade consciente de consumir algo que possa lhes trazer de alguma forma relaxamento ou euforia conforme cada caso, de todas maneiras todos encontram conforto através de algo ou alguém (canalizando o estado emocional provocado pelos defeitos de caráter), o que determina uma dependência. Existem inúmeras maneiras de depender de algo ou de alguém, algumas delas são aquelas vistas pela sociedade como dependências graves porque progressivamente podem levar a morte prematura ou a distúrbios psíquicos irreversíveis, na medida que se consomem drogas em excesso, nocivas para a saúde, quase sempre se tenta esconder a verdade porque envergonha os que convivem com a “vítima” e também porque a maioria das pessoas não sabe que é uma doença, portanto acreditando ainda que o paciente possa ser recuperado do “vício” se costuma tratar os efeitos e não as causas, em outras palavras uma espécie de anestesia, acho inconcebível ter que viver uma vida inteira na base de tranqüilizantes. Outras dependências mais suaves são vistas com tolerância porque se acha que ser dependente do chocolate, doce ou comida não é tão grave assim, e há aqueles que não consomem absolutamente nada talvez porque não tiveram nenhuma ocasião ou motivo para experimentar, porém isso não impede que tenham distúrbios emocionais que eles próprios não vêem mas que podem ser percebidos pelos outros.

Frequentando inúmeras reuniões, palestras, e conversando com especialistas sobre o alcoolismo, aprendi que se tratava de uma doença e que não eram eles que tinham feito tal descoberta, me disseram que assim foi divulgado pela O.M.S. (Organização Mundial da Saúde), que era progressiva, incurável e que podia levar a loucura ou a morte prematura de seu portador. Quando ouvi a palavra “doença” a primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que eles tinham toda a razão, estavam totalmente certos, porque dito por eles se fosse verdade seria mais fácil de suportar. Falavam que era uma doença total já que não se limitava ao simples fato de pessoas que bebiam até cair, era total porque abrangia tanto a parte física, como a mental e a emocional.

É por estas características que o alcoolismo é universal, pode atingir qualquer habitante de qualquer país, não discriminando cor, sexo, grau de cultura, religião, idade ou classe social.

Até o presente momento não existe nenhuma vacina ou remédio contra o alcoolismo que realmente tenha comprovado algum resultado confiável e duradouro, isso em função de suas características, porque estamos falando de algo mais complexo que a parte física pura e simplesmente. Não estou querendo menosprezar nem a classe médica nem as religiões, porque as vezes tem conseguido bons resultados e sei que muitos profissionais tem trabalhado no sentido de recuperar alcoólatras sacrificando uma boa parte do seu tempo, porém tem-se observado que

quando terminado o tratamento médico e o paciente retoma sua vida normal são mínimas as chances de reintegração bem sucedida. Lá fora são quase permanentes as oportunidades que se apresentam para tomar um drinque, a aí como fica?, é justamente este primeiro gole que pode fazer com que comece tudo de novo, pois o alcoólatra não pode controlar seu modo de beber. Precisam ser reconhecidos o esforço e a contribuição que tanto a classe médica, psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e outros, assim como várias religiões têm exercido para ajudar aqueles que sofrem com a doença. São forças somatórias para o bem-estar da humanidade.

Daí a existência de grupos de auto-ajuda tais como: Alcoólicos Anônimos para os dependentes do álcool, Al-Anon para os familiares que convivem com o alcoólico, Al-Ateen para filhos de alcoólicos com idades de treze a dezenove anos, Narcóticos Anônimos para dependentes de drogas (chamadas ilícitas), Nar-Anon para familiares de dependentes de drogas, Neuróticos Anônimos para pessoas com desequilíbrios emocionais (neurose), C.C.A. Comedores Compulsivos Anônimos, F.A. Fumantes Anônimos, M.A.D.A. Mulheres que Amam Demais Anônimas, D.A.S.A. Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, S.I.A. Sobreviventes de Incesto Anônimos, Jogadores Anônimos, estes são alguns dos grupos de auto-ajuda existentes no Brasil atualmente, existem no exterior outros grupos que tratam de outros tipos de dependência e que muito provavelmente não irão demorar muito em se formar aqui. Todos os grupos chamados de Anônimos tem se espelhado através do programa de Alcoólicos Anônimos e cuja essência são os DOZE PASSOS, valiosa ferramenta para a recuperação do dependente. Baseado na troca de experiências entre seus membros é que se consegue deter a doença mudando radicalmente de vida. Existem outras irmandades e associações voltadas para esta finalidade, que também contribuem para uma recuperação satisfatória do alcoólico. Todas elas são bem-vindas, pois apesar de terem estruturas diferentes o que realmente importa é que o alcoólatra possa ter mais uma alternativa para não morrer.

Consultei várias literaturas que me ajudaram muito para escrever o texto deste livro, a relação consta no capítulo Bibliografia no fim deste livro. As matérias contidas neste livro são exclusivamente de minha responsabilidade e representam apenas o meu pensamento pessoal que, mesmo coincidente, não deve ser considerado de A.A. ou outros como irmandades.

Todos os relatos escritos neste livro, são simplesmente a experiência vivida por mim, foram momentos difíceis e outros maravilhosos durante minha recuperação como alcoólico. Não existe nenhuma receita ou poção mágica para se recuperar do alcoolismo, cada ser humano é diferente do outro e o que serve para mim pode não servir para outro doente alcoólatra.

Quero aqui agradecer e dedicar este livro a minha esposa que foi uma peça chave para minha recuperação devido a sua compreensão e conhecimentos sobre a doença, que com um convívio feliz e duradouro possamos terminar esta segunda fase de nossas vidas, também quero agradecer aos meus dois filhos por terem me dado a oportunidade de tentar ser um “pai”, mudei muito mas ainda acho pouco, sei que isso só acontecerá lentamente mas não desanimo, amo vocês. Obrigado do fundo de meu coração a todos aqueles que hoje são meus amigos e que conheci durante estes últimos nove anos, aos que moram no Brasil, no exterior, a vocês amigos reclusos, amigos internados, vocês esposas e esposos, filhos e filhas de alcoólicos, vocês que me ajudam a tratar do meu pânico e de minhas fobias, a todos vocês que igual a mim foram atingidos por “algo” que nos tornou “diferentes”, e especialmente a você Henrique.

Da infância

*Nas discussões e brigas familiares os adultos
tornam-se crianças e, as crianças sofrem como se fossem adultas.
Uma criança frágil e sensível vive num ambiente caótico que o marcará para toda a vida.*

Sitges é a cidadezinha onde nasci, parece um cartão postal, fica a uns 35 km. no litoral sul de Barcelona, até hoje é uma cidade turística, na pós guerra muitos estrangeiros descobriram esse lugar maravilhoso e o tornaram famoso. Na “costa dorada” com o mar azul e ainda com pequenas embarcações dos pescadores tinha todas as características adequadas para passar férias e descansar, dava para perceber que era uma cidade artística aonde muitos artistas vinham de longe para pintar seus quadros a beira mar. Era um ambiente boêmio que evidentemente estava ligado aos artistas de modo geral, escultores, escritores, poetas e por ai afora. Os turistas (nacionais ou estrangeiros) tinham alto poder aquisitivo, alguns deles eram proprietários das mansões construídas frente à praia na parte mais nobre da cidade. Todo ano durante as férias o numero de habitantes duplicava, eles curtiam alem das belas praias as diversas opções de lazer, como o golfe, tênis equitação entre outras. Recordo-me perfeitamente do ambiente no verão, sentia-me um privilegiado pelo fato de morar lá o ano inteiro.

Meu pai também nasceu ali, sua família era totalmente catalã, tinha duas irmãs, a mais velha “Josefina” era viúva e seu marido tinha feito fortuna em Cuba, infelizmente nunca tiveram filhos. A outra irmã “Eulália” era a caçula e minha madrinha, demorou em se casar, casou-se já coroa com aproximadamente uns quarenta e cinco anos de idade, tentaram fazer um filho mas infelizmente nasceu morto. Portanto, uma família cuja sucessão somente poderia ser feita por parte da linhagem do meu pai. Três anos mais tarde Eulália e seu marido adotavam uma menina e a registraram como legitima filha deles. Obviamente que por trás disso tudo tinham em mente o que iria acontecer depois quando fossem tratar dos assuntos de herança, pois entre as posses dos meus avos e da Josefina somados valeria seguramente a pena brigar.

Minha mãe é francesa, nasceu em Denain ao norte da França, ela completou noventa e cinco anos de idade em fevereiro de 2001, ainda moça trabalhou alguns anos como secretaria de diretoria numa firma em Paris, tinha uma irmã, a Jane mas seu apelido era “Nonô”, meu avo foi transferido para Sitges com a responsabilidade de construir uma usina de cimento a seis quilômetros da cidade num vilarejo chamado Vallcarca. Quando minha avó, minha tia Nonô e minha mãe foram pela primeira vez de férias e visitar meu avô a Sitges, ficaram impressionadas. Foi la que meus pais se conheceram, namoraram e casaram. Minha mãe, mulher bonita elegante e de forte personalidade se adaptou sem maiores problemas no país, ela gostava muito do meu pai.

Eu era o caçula da família com cinco filhos, quatro homens e uma mulher (éramos seis, mas o Gustavo que morreu com dois anos de idade por causa de um tumor na cabeça, nunca o conheci), e como costuma acontecer sempre nas famílias com mais de um filho tive mais mimo e proteção que meus irmãos mais velhos pelo simples fato ser o caçula.

Tinha cinco anos de idade quando meu pai, por causa de um derrame ficou deficiente em uma cadeira de rodas para o resto de sua vida e foi aí que começaram a complicar as coisas no seio de minha família. Ele era alfaiate de renome e conhecido, com muito boa freguesia após

longos anos de exercício da profissão, sempre no verão tinha mais serviço, trabalhava em casa e as vezes até virava a noite para cumprir o prazo prometido aos clientes, morávamos numa casa no centro da cidade com três andares e haviam umas três ou quatro costureiras que ajudavam o meu pai durante o verão.

Nos anos cinquenta as esposas estavam restritas a criar os filhos e se manter às tarefas rotineiras do lar, diante o novo quadro que se apresentava, como levar adiante uma família de cinco filhos com idades entre cinco e dezessete anos?

Havia mais um ingrediente para temperar tal situação, o relacionamento entre a família do meu pai e minha mãe não era dos melhores. Talvez por causa da nacionalidade de minha mãe, simpatia e relacionamento fácil que ela tinha com os que a rodeavam, ou talvez por ciúme sabendo que éramos nós os sucessores para efeitos de herança. Dez anos mais tarde minhas tias forjariam um testamento assinado pelos meus avós deixando somente uma legítima parte dos bens (correspondente a um dozeavo do total) ao meu pai e ainda com valores sub estimados, em outras palavras ficou praticamente sem nada.

Nos primeiros tempos minha mãe conseguiu com algumas reservas financeiras levar a família adiante, mas depois todos meus irmãos e irmã sem alternativa tiveram que partir a fim de tratar de suas próprias vidas, cada um por si mesmo para sobreviver.

O Santiago que já tinha se formado em engenharia iria à França para começar sua vida profissional, chegando lá e estando em idade de servir o exército foi enviado à guerra da Argélia, voltando a Paris três anos mais tarde. Desde aquela época até os dias de hoje mora na França a 80 km. de Paris no estado de Seine et Marne. Recém aposentado, casou-se três vezes e tem quatro filhos homem e duas filhas.

A Odette, minha única irmã foi para Inglaterra onde trabalharia como baby sitter pois não tinha nenhuma profissão. Faleceu em 1987 de causa desconhecida, morava perto de Paris, sei que doente tomava sedativos antidepressivos e que também gostava e bebia bastante álcool. Teve quatro filhas e um filho em dois casamentos e um amante.

O José Maria, optou pela vida religiosa e ingressou nos Padres Escolapios, dez anos depois era ordenado sacerdote naquela igreja, dez anos mais tarde eu o influenciaria a abandonar a batina. Hoje, é o único que mora perto de Barcelona numa cidade chamada La Garriga, tem quatro filhas, duas já casadas.

O Daniel demorou ainda algum tempo antes de ir à França, pela idade e porque estava apaixonado pela “Maribel”, uma garota de Sitges. Ele tinha 9 anos quando meu pai teve o derrame, continuou uns dois anos ainda na escola, mas precisou começar logo a aprender uma profissão manual para ajudar minha mãe porque as reservas financeiras estavam terminando. Diante da situação, o Daniel ajudava em casa com seu pequeno ordenado e as gorjetas que ganhava trabalhando na portaria do grande hotel Terramar em Sitges abrindo as portas dos automóveis para os clientes descerem dos luxuosos carros, mas como somente ganhava no verão começou em outra profissão numa oficina mecânica como ajudante, ele sempre foi apaixonado por motores e velocidade. Alguns anos depois também iria morar na França e trabalhar no início com o Santiago que o acolheu na sua casa. Ele tem uma única filha e mora a 130 km. ao Norte de Paris no estado de l’Oise.

Minha mãe montou uma loja do tipo armazém, mas não deu certo, as despesas eram maiores que as receitas, pois o maior movimento como de costume era durante os três meses de verão, lembro-me que num Natal não tínhamos a mínima possibilidade nem sequer de comer um frango assado, na véspera enquanto estávamos nos fundos da loja tocou a campainha (ela tocava automaticamente quando alguém abria a porta da loja), minha mãe for ver se era algum cliente e, surpresa, alguém tinha deixado umas sacolas com todos os produtos típicos para poder festejar com fartura as festas de Natal e Ano Novo e ter uma boa mesa nestas datas, nunca soubemos quem foi que deixou as sacolas, acredito eu que seria alguém que conhecia nossa situação e que realizou este ato de modo totalmente anônimo.

Eu, criança com cinco anos presenciei a pulverização da família, quase sem mais irmãos para brincar e em particular minha irmã que estava sempre perto de mim, o lar de repente ficou vazio e reinava um ambiente depressivo, minha mãe e minhas tias brigando sempre até por qualquer coisa sem importância, era uma situação muito triste.

Continuei indo a escola das freiras até os sete anos, sei que pela situação econômica em casa não cobravam quase nada. Fiz minha primeira comunhão, minha educação e os colégios sempre foram voltados à religião católica, aos oito anos comecei a estudar em outra escola, desta vez eram os Padres Escolapios, ali estudei até os doze anos, conseguia passar de ano raspando, minhas notas não eram muito boas, acredito que por falta de concentração minha mente sempre esteve muito dispersa.

Aos oito anos de idade fizemos uma viagem minha mãe e eu à Paris, possivelmente ela tivesse brigado mais uma vez com minhas tias, ficamos lá três meses de outubro a dezembro e, era a primeira vez que ia à França, conheci lá uma amiguinha em Versailles se chamava Dominique e era meu primeiro amor com oito anos de idade, aprendi durante nossa permanência também nessa ocasião a andar de patins, e andava razoavelmente bem, quase que perdi meu ano escolar dessa vez, mas minha mãe conversou com o diretor da escola e não tive maiores problemas.

Mais tarde, aos dez anos continuava estudando no colégio dos “Padres Escolapios” e um dia a professora quase no fim do período da tarde (ia ao colégio a manhã e a tarde) foi chamada pelo diretor e saiu da classe, na volta me disse na frente de todos; Javier, sua mãe chamou pelo telefone e esta pedindo para você ir rapidamente para sua casa pois sua irmã acabou de chegar da Inglaterra, saí correndo sem me entreter no caminho para chegar logo em casa, minha irmã Odette estava lá, com o marido inglês e a primeira filha, Ana Maria que em inglês a chamavam “Annette”. Era minha irmã, que saudades !!! aquela que sempre cuidava de mim poucos anos antes, fiquei muito feliz pois ela era como minha segunda mãe.

Outra das alternativas pela qual minha mãe optou para tentar sustentar a família foi a de abrir um pequeno hotel na orla marítima de Sitges, o nome era “Residência Odette” justamente com o objetivo de chamar a atenção dos turistas de língua francesa, pois na língua hispânica não era usado este nome. Funcionava somente durante o verão, para mim era formidável pois me dava a impressão de morar num hotel, com a praia a poucos metros o que mais fazia era curtir e me divertir. Ficou aberto por duas temporadas somente, pois acho que o contrato de aluguel não foi renovado porque os donos do “Hotel Terramar” perceberam que muitos de seus clientes deixavam as acomodações do “Palace” para vir à “Residência Odette” de ambiente familiar e com poucos hóspedes.

Num daqueles verões tive a experiência do meu primeiro trabalho durante as férias, como que não consegui passar duas matérias na escola trabalhei como entregador de telegramas nos telégrafos, para mim era uma punição muito divertida pois ganhava gorjeta a cada entrega e assim podia comprar e comer bastante sorvete de chocolate, café ou creme. Uma das entregas de telegrama era numa mansão de veraneio, toquei varias vezes a campainha e ninguém abria a porta, mas tinha um cão de guarda que não parava de latir e eu o xingava porque sabia que nada podia me fazer porque a porta estava trancada, de repente um funcionário abriu a porta e não deu outra, o feroz pastor alemão avançou e me mordeu na coxa esquerda, logo foi dominado pelo funcionário, eu chorava apavorado e apertava forte à coxa com as duas mãos pensando que se o cachorro tivesse a raiva (doença comum naquela época para os cães não vacinados), assim poderia evitar que a raiva subisse pelo meu corpo e ficasse contagiado, mero pensamento de uma criança de dez anos de idade.

Dos treze aos quatorze anos estudei como interno em outra escola bastante distante de Sitges, era a primeira vez que me separava dos meus pais, minha tia Josefina era quem pagara esse curso que também consegui passar de ano raspando. A primeira vez que ela me levou até o

colégio fomos de trem, lembro que quando ela voltou e eu fiquei lá me deu a impressão de estar numa penitenciária, tranquei-me no banheiro e chorei soluçando.

Esses anos de minha infância me marcaram muito e, percebi frente aquela situação que caberia a mim (pois não havia nenhuma alternativa) sustentar meus pais como arrimo. Aquilo que estava acontecendo não era justo, não me conformava que meus irmãos progredissem e construíssem suas vidas e que eu por ser o último (caçula) tivesse que ficar de mãos atadas carregando esta responsabilidade para toda minha vida. Achei que Deus tinha me obrigado (na forma religiosa concebia Deus como castigador, pois eu tinha uma formação religiosa e orava o tempo todo para que Ele acertasse a situação) a viver para sempre aquela situação, e inconformado pelo meu destino senti-me punido.

Liberté – Egalité - Fraternité

Apresenta-se uma oportunidade única para vencer.

Basta ter coragem e vontade de chegar ao topo.

Diante o impasse para resolver a situação e as dificuldades pelas quais minha mãe passava, ela resolveu que o melhor seria mudarmos para França, pois lá já estavam meus irmãos Santiago e Daniel, além de meus tios (Nonô, marido e dois filhos). Meu pai deficiente e doente por causa do derrame, ficava ali sentado e contrariado pois ele adorava sua cidade “Sitges”.

No segundo semestre de 1.961 mudamos para a França no subúrbio leste de Paris, exatamente na cidade de Gournay sur Marne, era lá que moravam minha tia Nonô e família, afinal minha mãe se sentiria menos sozinha perto de sua irmã caçula, naquelas alturas minha irmã Odette estava sozinha com três filhas e veio conosco. Meus tios já tinham mas o menos arrumado algo para alugarmos, era uma edícula térrea no fundo de um grande terreno, somente havia dois quartos e no meio a cozinha, o banheiro (privada) estava fora, para se lavar não era nada cômodo, precisávamos esquentar água e dar um jeito para lavar o corpo em pé numa bacia na cozinha, ou seja nenhum conforto, e um frio desgraçado porque somente havia o fogão a lenha na cozinha e deixávamos as portas dos quartos abertas para que esses quartos não estivessem muito frios. Ali morávamos meus pais meu irmão Daniel, minha irmã Odette com as três filhas pequenas e eu, para dormir era um quarto para os homens e outro para as mulheres.

Tinha estudado na Espanha até os treze anos, não sei se o meu histórico escolar era ou não reconhecido lá na França, mas o que sim sei é que ninguém (nem meus tios nem meus irmãos) acharam que eu poderia continuar a estudar na França, e pelo visto tinha chegado minha hora de “pegar no batente” quero dizer de começar a ganhar algum ordenado para contribuir com as despesas de casa.

Após os traumas da infância vividos em Sitges, onde me senti um “afligido” sem direito a um pai e um modo de vida “normal” como tinham todos meus amigos, me encontrava de repente num outro país aonde ninguém me conhecia nem sabia das minhas aflições e problemas, lá seria mais um cidadão como os outros e com as mesmas chances, viva a “Liberté, Egalité, Fraternité”.

Não tive nenhum problema quanto à língua, pois já de criança minha mãe sempre conversou em casa em francês, as vezes brincando outras não, também na escola tinha o francês como matéria e sempre tivera muito boas notas sem fazer o mínimo esforço. Agora, seria necessário aguardar o meu aniversário em dezembro para completar quatorze anos, pois pela lei francesa era a idade mínima para trabalhar. Tinha tentado conseguir um emprego antes mas sem sucesso por causa da idade, numa concessionária Peugeot no almoxarifado e numa fábrica de doces, confesso que em ambas as tentativas durante a entrevista estava muito nervoso e frustrado por ser candidato a um cargo do tipo “operário”.

Em fevereiro de 1.962 tinha rabiscado no jornal “France soir” alguns anúncios, um deles era para trabalhar como office boy num escritório, a S.E.T.A.P. era um renomado escritório de urbanização e arquitetura cujos donos eram os três maiores arquitetos de Paris na época, entre os grandes empreendimentos estavam terminando o projeto da cidade de Abidjan na costa de marfim na África. Meu tio (o marido da Nonô) que tinha um cargo executivo na diretoria de uma empresa fez questão de me acompanhar na entrevista de apresentação de modo a dar uma força e

me ajudar a obter o cargo, e deu certo, no dia da entrevista foi quase somente ele quem falou, explicando a situação em casa e da importância e necessidade em eu conseguir aquele trabalho. Nos primeiros dias do mês de março de 62 começava neste meu primeiro emprego, ficava próximo ao arco do triunfo (Place de L'Etoile), na zona oeste de Paris, para chegar ao trabalho pegava um ônibus de minha casa até Paris e depois o metrô que me deixava a 50 metros do serviço, minha mãe preparava para mim todo dia a marmita para poder fazer minhas refeições no trabalho, bastava somente comprar meia baguette enquanto deixava a marmita esquentar no banho maria. Minhas atribuições eram de ir onde me mandassem para levar ou trazer documentos, passagens de avião para os arquitetos que viajavam muito, comprar cigarros para quem precisasse, ou simplesmente comprar um doce para alguma secretária. Entrosei-me muito bem com o trabalho, após alguns meses conhecia Paris e as linhas de metrô como a palma de minha mão, o pessoal gostava muito de mim. Foi nessa época que comecei a tomar gosto pelo fumo, aguardava o horário do almoço e durante o tempo que o pessoal saía para ir almoçar fora eu fazia uma blitz no escritório e pegava cigarros daqueles que por ventura tivessem esquecido seu maço de cigarros no escritório. Eram muitos desenhistas trabalhando nas pranchetas e rapidamente me interessei pelo que faziam, pois é claro que eu não iria passar toda minha vida comprando cigarros e doces para os outros tinha pressa.

Soube que na escola de “Arts et Métiers” havia cursos de desenhista, fiz a inscrição e comecei, somente fui duas ou três semanas, eram cursos noturnos gratuitos mas para mim se tornou inviável continuar por causa dos horários porque morava no subúrbio. Mesmo assim, no trabalho, durante o horário do almoço aproveitava para treinar em alguma prancheta vazia, inicialmente calcava (copiava), ou seja, fixava um desenho original na prancheta e por cima punha um papel vegetal, daí calcava por cima reproduzindo o desenho. Em poucos meses eu achava que já sabia desenhar, e tinha outros colegas mais antigos que também desejavam uma promoção para desenhista, como que não tinha paciência para ficar esperando na fila, achei que deveria procurar uma oportunidade em outra empresa me candidatando de cara como desenhista.

No mesmo bairro, perto do meu primeiro emprego surgiu uma vaga para desenhista numa das maiores empresas de instalações hidráulicas, desta vez fui na entrevista sozinho e marcamos num sábado de manhã para fazer o teste de admissão, desta maneira se não passasse pelo teste não perderia o emprego onde trabalhava. Passei muito bem no teste, não sei se era pela qualidade do teste ou se o empregador percebia que estava com muita garra para subir na vida, resultado, fui admitido imediatamente. Nesse novo emprego eu era o único desenhista e como havia bastante trabalho aprendi rapidamente a desenhar. Com o passar do tempo estava curioso em saber como se faziam os cálculos das tubulações que eu desenhava, seguindo o mesmo procedimento do meu primeiro emprego durante o horário do almoço lia os livros técnicos e sempre havia por perto um engenheiro que me explicava com detalhes o “como fazer os cálculos”. Eu brincava com todos os funcionários, eu era o mais novo da empresa e tudo indica que eles gostavam muito de mim, ninguém sabia sobre meus assuntos pessoais e meu passado, mas meu dinamismo e persistência no trabalho agradavam a todos. Um dia havia uma greve do metrô mas os ônibus funcionavam normalmente, não tive problema para ir de minha casa até Paris de ônibus, mas depois percebi que o metrô não funcionava mesmo, fui andando e atravessei Paris da zona leste até a zona oeste onde trabalhava, demorei umas duas horas a pé mas cheguei ao trabalho, os diretores não acreditavam mesmo e, minha reputação neste dia foi lá em cima, foi bom para mim. O almoço de confraternização de fim de ano, foi feito num dos melhores restaurantes do XVI distrito de Paris perto do trabalho, era no famoso restaurante “Le Berlioz”, como caçula da empresa virei atração todos brincaram comigo, um garçom passou com uma bandeja de prata oferecendo cigarros a charutos avulso, enfiei as mãos e ia botando no meu bolso incentivado a fazê-lo pelos colegas mais antigos, acho que estoquei cigarros para mas de um mês. Neste almoço se a memória não me falha tomei o meu primeiro porre de minha vida, pois por se tratar de um banquete com cada um dos pratos era servido o vinho adequado e, haja mistura até

chegar ao licor, voltei como pode até casa mas lembro que estava completamente tonto e minha mãe percebeu.

Um dia, saindo do serviço no fim do expediente ia pegar o metrô para voltar para casa, havia um camelô vendendo seus truques de magia, era o “Renelys”, fazia demonstrações com muita habilidade, me chamou muito a atenção e me interessei no assunto, além do mais no trabalho havia um colega que era prestidigitador daí fiquei realmente contagiado, comecei a sonhar que poderia estar um dia fazendo um show onde sozinho iria intrigar os espectadores curiosos para conhecer meus truques, e desta vez eu dominaria a situação, não iria mais ser aquele “mais um” e me destacaria entre multidões, poderia ser alguém famoso. Além dos meus empregos comecei a engrenar nesta direção da prestidigitação, comprei bastante material, livros e pratiquei bastante na manipulação de cartas, lenços e muitas coisas mais, também me inscrevi em associações, levava o assunto muito a sério.

Fiquei neste emprego um ano e meio, meu irmão Daniel tinha resolvido retornar a Sitges por causa da Maribel sua ex-namorada que nunca tinha conseguido tirar da cabeça, por este motivo minha mãe resolveu que poderíamos voltar a Espanha. Lá vamos nós mais uma vez, ficamos de favor em casa de minha tia Josefina durante algumas poucas semanas até que houve novamente desentendimento entre minha mãe e a Josefina. Durante esta curta estadia continuava treinando as minhas mágicas, havia em Sitges um teatro desativado, tomei a iniciativa de conversar com a diretoria da associação para pedir autorização para fazer um show um domingo a tarde, a resposta foi afirmativa, fiz contato com um amigo que tocava o piano e planejamos o roteiro das musicas que ele tocava durante minha apresentação. A associação de sua parte colocou um cartaz na praça principal de Sitges anunciando o evento para o domingo a tarde, eles colocaram o nome artístico que eu lhes dera, o grande “Xavier Magicus” que tinha feito muito sucesso em Paris (era tudo mentira). No dia do show o teatro estava quase lotado pois haveria uma trezentas pessoas, era gratuito e podia assistir quem quisesse, o espetáculo foi um sucesso e agradou a todos, nos dias após o evento era cumprimentado por todos na cidade, era o que eu mais queria, em outras palavras reverter a situação da infância quando totalmente impotente pela desgraça do derrame do meu pai. Meu orgulho falava mais alto querendo mostrar que eu era alguém importante e viajado, nessas alturas eu tinha somente dezessete anos de idade.

Logo fomos morar ainda de favor num casarão vazio de uma grande amiga de mamãe, seria provisório porque logo iríamos morar em Barcelona porque era lá que estava morando o Daniel numa pensão familiar. Ainda estávamos morando no casarão em Sitges quando arrumei um emprego como técnico projetista em instalações hidráulicas e de calefação para trabalhar em Barcelona que ficava a uns 35 km de distancia, ia todo dia de trem e voltava, eram uns 45 minutos de viagem. Consegui negociar com o dono da empresa para que me pagasse o transporte que pesava bastante no meu salário, ele concordou, e mesmo assim disse a minha mãe que era eu quem tinha que pagar, como era um passe anual para circular no trajeto durante um ano, ela me adiantou o dinheiro para comprar o passe, depois a empresa acertou também comigo esta despesa o que significa que lucrei com o dinheiro equivalente a um ano de transporte por trem de Sitges a Barcelona, guardei este dinheiro nos meus acessórios de mágica para que ninguém pudesse achá-lo, e conforme ia precisando ia tirando dinheiro do meu esconderijo. Minha irmã com suas filhas pequenas continuavam morando conosco, ela arrumou um emprego como telefonista de um hotel recém construído, era o Hotel Calípolis, já na condição de mãe solteira porque tinha se desquitado do marido inglês pai das três primeiras filhas, nesse emprego ganhou mais uma gravidez com um rapaz casado (mas que dizia ser solteiro) que trabalhava no almoxarifado do hotel, a quarta filha Silvia nasceu posteriormente em Barcelona, sem recursos, minha irmã pleiteou em deixá-la com umas freiras e abandona-la, mas o amor de mãe foi mais forte e a pegou de volta.

Quando mudamos para Barcelona meu irmão Daniel não morava mais lá, simplesmente brigou com a namorada e tinha voltado à França, fomos morar num bairro bem central, meus

pais, irmã e filhas, a uma quadra da Universidade, como o apartamento era muito grande minha mãe alugava um quarto em permanência para estudantes da universidade, assim conseguia mais um recurso para as despesas da casa, eu continuava a trabalhar no mesmo emprego mas não precisava mais pegar o trem, ia ao trabalho a pé e demorava uns quinze minutos, uma das vantagens era que não precisava mais comer sanduíche no almoço podia ir almoçar em casa. Conheci neste emprego o que iria ser meu grande amigo da juventude o “Fede” diminutivo de Federico, foi uma amizade que marcou muito nessa idade e acho que deva ser para qualquer um, pois se passa por experiências inesquecíveis como o primeiro carro, a primeira garota, e o grande desejo de mostrar permanentemente aos outros que a gente existe. Com o Fede íamos de férias, passávamos fins de semanas em Sitges onde havia muitas garotas no verão e sempre cada um com seu carro porque não sabíamos se ficaríamos com alguém, quase todo fim de semana no verão estávamos lá, bebíamos muito desde cedo na praia, porque gostávamos e porque queríamos chamar a atenção das pessoas, tivemos mulheres muito bonitas e de todas as nacionalidades tanto em Sitges como em qualquer canto na Espanha, pois os dois tínhamos boa aparência. Uma certa vez fomos a Sevilla no sul do país, lá ficamos durante as famosas “Férias de Sevilla”, uma festa em forma de feira onde se bebe e dança “flamenco” todas as noites até o amanhecer, conhecemos duas garotas e foi paixão a primeira vista, nos divertimos bastante durante nossa estadia, mas tudo terminou quando fomos embora. No ano seguinte fomos viajar de férias na “Costa del Sol” exatamente em Torremolinos praia que estava na moda, fizemos amizade na praia com duas moças francesas com as quais curtimos até elas voltarem à Paris, no desespero e saudade das “sevillanas” uma noite, num porre pegamos o carro e fomos até Sevilla, no dia seguinte de ressaca demos uma volta com elas e retornamos mas sossegados a Torremolinos. Com as duas francesas também havia sido a grande paixão, a que saía comigo se chamava Annie, tanto é que na volta a Barcelona eu comecei a forjar planos para irmos passar uns tempos na França, convenci ao Fede e ele também embarcou nesse projeto louco, os seus pais não queriam me ver nem de longe pois estavam achando que de uma, ou eu era veado ou louco por tirar seu filho da linha.

Em Barcelona, saíamos diariamente após o expediente seja em discotecas ou em barzinhos para beber uns vinhos e comer algumas “tapas” (petiscos), sempre íamos acompanhados de moças que conhecíamos aos domingos numa boite e que marcávamos encontro durante a semana para dar continuidade ao flirt. Aos domingos sempre estávamos enfiados em boites, muito bem alinhados com terno da última moda, pagávamos entrada com direito a consumação de um drinque, para nós não era o suficiente para passar quatro horas filosofando com belas garotas, daí a razão que levássemos um estojo bem cheio com conhaque que guardávamos no bolso do paletó, assim era mais barato beber que se fossemos pedir mais bebida ao garçom, todo domingo era a mesma coisa ou seja tomávamos um porre para curtir “plenamente” às garotas, uma delas foi a Fuensanta, menina simpática e bonita de rosto mas de baixa estatura, só por este fato eu achava que estava lhe fazendo um favor de flertar com ela, hoje entendo que fui muito sem vergonha pois ela estava apaixonada por mim e não merecia ser tratada como a tratei. Desde a janela da minha sala de trabalho que era no décimo terceiro andar dava para perceber no pátio interno do prédio as janelas dos moradores do mesmo prédio, pois ele era triangular e tinha três alas, somente uma delas era destinada a escritórios, ficava olhando e paquerando tanto as empregadas na área de serviço como as moças de boa família cujos dormitórios também davam para o pátio, um dia conheci e fiz gestos para cumprimentar uma bela loira, com as mãos me deu seu número de telefone, se tratava de uma moça holandesa que passava umas semanas em casa de amigas, seu nome era Ans, marcamos encontro pelo telefone e saí com ela por vários lugares de Barcelona, se apaixonou por mim mas do que eu por ela, era de uma família riquíssima holandesa, após sua partida mantivemos contato por correspondência.

Totalmente decidido a voltar à França comuniquei a notícia aos meus pais e ficaram assustados, pois minha ajuda financeira em casa era indispensável para sua sobrevivência, eu

argumentei que precisava construir minha própria vida e que lhes enviaria dinheiro do meu salário. Minha irmã apenas ganhava o suficiente para o sustento dela e das quatro filhas. Fui preparando as malas como para uma viagem definitiva, não deixando nada em Barcelona, o Fede fez o mesmo mas combinamos que eu iria à frente para alugar algo onde a gente pudesse morar, o dono da empresa onde trabalhávamos ficou simplesmente furioso comigo, e eu nem quis saber.

Cheguei de trem na estação de Austerlitz em Paris sem endereço para morar, com muita bagagem, algumas economias, o suficiente para sobreviver até arrumar um emprego, meus irmãos moravam lá mas não avisei ninguém sobre minha ida à França (questão de orgulho e independência), as viagens de trem eram sempre noturnas, as saídas era às 16 horas de Barcelona e chegava-se em Paris às 8 horas da manhã. A primeira coisa que fiz descendo do trem foi ir até a lanchonete para tomar o café da manhã, baguette fresca com manteiga e café com leite, tinha outro sabor, era uma delícia, liguei da cabine de telefone a Annie explicando que tinha acabado de chegar em Paris. Carregado com bagagem feito uma mula fui até a casa de um tio em Enghien para ver se poderia me hospedar durante os primeiros dias, almocei com ele e sua mulher mas inventaram que não tinham lugar para eu dormir lá, entendi o recado e fui embora decepcionado. Peguei novamente o trem de subúrbio e o metrô e fui até o endereço de trabalho da Annie, aguardei na porta do escritório até que ela descesse, foi um agradável reencontro tête à tête matando saudades desde nosso último encontro em Torremolinos, fomos até um hotel do bairro reservar um quarto para poder passar a primeira noite.

Em menos de uma semana tinha arrumado um quarto num hotel que alugava por mês sempre mais em conta que as diárias, ali dava para hospedarmos eu e o Fede. Durante os primeiros dias fiquei lendo os jornais para arrumar um emprego, costumava almoçar com a Annie e ia buscá-la no fim do expediente para passarmos alguns momentos juntos antes dela voltar pra casa no subúrbio sul de Paris.

Liguei para o Fede e disse a ele que já tínhamos onde nos hospedar, dei-lhe o endereço do hotel e sinal verde para vir à Paris. Uns dias depois eu estava dormindo no hotel com a Annie e de manhã bateram na porta do quarto, surpresa era o Fede que tinha chegado, sem falar francês se virou para chegar até lá. Foram uns dias muito divertidos vivendo as aventuras e sonhos de dois rapazes jovens com sede de viver novas emoções, ele dependia muito de mim, eu insistia em que aprendesse logo a falar francês senão ia se dar mal, um dia fiquei de saco cheio, íamos pegar o metrô e precisava comprar um passe semanal para viajar tranquilo durante uma semana com o mesmo bilhete, lá na França chamava-se de “carte de metrô” obriguei ele a se virar sozinho para comprar o passe e ele pediu no guichê “une lettre” a moça não entendia nada pois ali não era o correio, precisei intervir e ajuda-lo a comprar o passe. Ele saía com a amiga da Annie, saíamos os quatro, tentou vários empregos mas nada conseguiu, estava com muitas saudades de sua casa por ser a primeira vez que saía da casa dos pais, não demorou muito em querer voltar à Barcelona, além do mais a grana ia acabando e não ganhava nada, acho que ele ficou no máximo um mês em Paris e voltou à Barcelona.

Arrumei logo um emprego e comecei a trabalhar, de noite dormia no meu quarto no hotel, às vezes aproveitava o horário de almoço e ia almoçar com a Annie pois não trabalhávamos muito longe um do outro, todo fim de mês quando recebia meu pagamento ia ao correio e enviava dinheiro aos meus pais em Barcelona.

Um dia estava no serviço e o carteiro trazia uma carta certificada aos meus cuidados, não entendia nem imaginava quem podia estar enviando, assinei o documento de recebimento e abri, era uma carta e uma passagem de ida e volta que à Ans (Holandesa que conheci em Barcelona) estava enviando para que eu fosse visitá-la na Holanda, não sei como chegou a me localizar mas acredito que tenha enviado ao meu antigo endereço em Barcelona e que de lá tenha seguido até o meu serviço em Paris. Pedi licença por alguns dias no meu serviço e lá vou eu para Holanda de trem, mais uma aventura pela frente, a Ans de família riquíssima me apresentou à família e amigos como filho de um Conde de Barcelona, não sei porque ela tinha inventado essa

historia, talvez assim fosse um romântico conto de fadas que ela estaria vivendo. Sua família gostou muito de mim, o tempo passou rapidamente na Holanda, todo dia com festas e sem fazer nada, passaram algumas semanas e retornei à Paris, os pais da Ans deixaram em aberto o convite para que fosse visitá-los quando bem entendesse. Quando voltei ao serviço fui comunicado de minha demissão, acertaram minhas contas e fui embora, aonde?, peguei o trem a noite daquele mesmo dia e voltava à Barcelona.

Meus pais superfelizes por eu estar de volta ao lar, o Fede já tinha arrumado outro trabalho e desta vez estava mais calmo e sossegado. Andei trabalhando por períodos curtos em vários lugares e varias profissões, como entregador de produtos para salões de cabeleireiro, numa fabrica de cimento como desenhista, etc. um estudante argentino que alugava o quarto para dormir em nosso apartamento me fez logo propostas para montarmos algum negócio juntos, sei que fomos os dois trabalhar numa firma que vendia lotes de terreno no litoral sul de Barcelona, nós dois cuidávamos da parte comercial e do quadro de vendas, trabalhamos durante alguns meses até descobrir que o suposto dono não era proprietário dos terrenos, simplesmente ele comprava do dono quando fechava a venda de um lote, não demorou e fomos embora.

Devido ao fato de ser filho de pai espanhol e mãe francesa tinha dupla nacionalidade até os 21 anos, idade esta que deveria optar por uma ou outra nacionalidade, como que me sentia alguém bem sucedido e importante na época que vendíamos terrenos, resolvi ficar com a nacionalidade espanhola e repudiar a francesa, foi o que fiz indo até o consulado francês, com um detalhe, não devolvi meus documentos franceses e prometi leva-los posteriormente, mas não os levei. Passou-se pouco tempo para que já me arrependesse de ter repudiado a nacionalidade francesa, pois quando terminou a fase eufórica dos terrenos fiquei sem nenhum emprego em vista, as saudades da França voltaram logo mas não podia mais voltar porque estava em idade de prestar meu serviço ao exército espanhol. Não tinha a mínima chance de voltar à França legalmente a menos que passasse a fronteira com os documentos franceses que nunca devolvi mas que não tinha o direito de usá-los por ter repudiado e assinado um documento, não pensei duas vezes em tomar o risco, afinal na fronteira os “gendarmes” nunca saberiam que não tinha o direito de usar o passaporte de todas formas ainda estava com data válida e era um documento original. O trem que me levaria à Paris novamente parava na fronteira em Cerbère a primeira estação em território francês, antes devia passar pela policia espanhola carimbando o passaporte e em seguida os gendarmes franceses o carimbavam novamente para a entrada na França, precisei interpretar o papel de legitimo francês perante a policia espanhola, quando me pediram o passaporte eu fiz questão de falar o francês de modo a não levantar nenhuma suspeita e com os gendarmes simplesmente falei seu idioma o que resultou numa entrada na França clandestina mas bem sucedida, uma vez dentro do trem francês quando partiu de Cerbère respirei fundo e aliviado, agora somente restava resolver mais pra frente o problema em Paris para regularizar minha situação.

Já tinha combinado com o Santiago, e ele se ofereceu para que me hospedasse em sua casa, como não gostava de favores por causa de meu orgulho, disse a ele que seria provisoriamente até regularizar minha situação, tanto para arrumar documentos como para conseguir trabalho. Sabendo que estava na França em situação ilegal, fiquei preocupado porque sabia que os franceses não brincam com as leis e que possivelmente poderia ser posto para fora e levado até a fronteira espanhola e entregue as autoridades. Uns dias após minha chegada fui até a Policia em Paris, expus meu caso e mandaram aguardar, veio o policial e pegou todos os meus dados para que pudesse ser localizado a qualquer momento, ele bateu um documento provisório explicando que já tinha me apresentado as autoridades Francesas e me diz para voltar na semana seguinte com dia e hora marcados para que me comunicassem a decisão, e saber se poderia ou não ficar na França. Voltei à policia na semana seguinte, bastante nervoso e preocupado tinha até me despedido do meu irmão Santiago e família, estava convencido que não voltaria e que seria

deportado à Espanha, o policial mandou-me esperar e disse que iria ser recebido pelo seu chefe, pouco eu podia imaginar o que me estava esperando.

Fui convidado a entrar na sala do chefe da policia:

- O que você está fazendo na França se você repudiou a nacionalidade francesa?
- É que logo eu me arrependi, respondi.
- Vou confiscar seu passaporte e sua carteira de identidade, você está infringindo a lei, não tem mais o direito de usar esses documentos, você não é mais francês. Vejamos, você já trabalhou alguns anos aqui quando era mais moço?
- Sim, é verdade
- Você é espanhol, nascido em Sitges. Que coincidência, justamente na próxima semana minha mulher e minha filha estão indo à Sitges passar uns dias de férias, você conhece bem a cidade?, parece que é muito bonita, não é mesmo?
- Claro que conheço, sou de lá e conheço todo o mundo (nesse momento acreditei que eu poderia interferir e ajudar em alguma coisa).
- Elas fizeram reserva no Hotel Sofia, você conhece esse hotel?
- Obvio, pois a Natália dona do hotel aprendeu a falar o francês com minha mãe que dava aulas de francês para ela, se o senhor quiser posso ligar para proprietária do hotel e tenha certeza que serão muito bem atendidas.

Não deu outra, nossa conversa foi muito simpática e amistosa, ele mandou bater uma certidão provisória para morar na França, válida para três meses. Quando voltei para renovar a validade do documento três meses depois não tive o menor problema, fiz questão de perguntar ao chefe de policia sobre as férias de sua esposa e filha e ele me agradeceu muito por tudo, daí em diante iniciei o processo de abertura para residente estrangeiro e tudo continuou normalmente, em fim poderia morar na França mesmo com o estatuto de estrangeiro, melhor assim que morar na Espanha que naquela época estava sob o regime da ditadura Franquista. Assim que minhas papeladas na França estiveram em andamento fui me apresentar ao Consulado Espanhol em Paris, ali as noticias eram menos boas, procuraram saber como estava minha situação militar e fui considerado desertor pelo exército. Foi lavrado um pedido de indulto, eu me apresentava periodicamente ao Consulado duas vezes por ano, após dois anos foi concedido o indulto e dispensado de me apresentar às forças armadas, isto é, podia novamente voltar a Espanha sem perigo de ir para cadeia.

Desta vez firmei pé na França, trabalhava na firma do Santiago e morava na casa dele em Gournay sur Marne, o escritório ficava no pavimento térreo e morávamos no primeiro andar, meu outro irmão Daniel que ainda era solteiro também morava lá. Sempre achei que não iria dar certo de trabalhar com irmãos, mas no momento não tinha outra escolha. Nunca esquecerei que minha cunhada Rolande esposa do Santiago era cozinheira de mão cheia, ela trabalhava fora, num escritório em Montrouge no subúrbio sul de Paris como secretaria e também secretariava a firma do Santiago por ser pequena. Eu, o ultimo a chegar na França contava piadas da Espanha o tempo todo, misturava o idioma francês com o catalão e eles não paravam de dar risadas, lembrávamos, longe de Sitges dos acontecimentos da nossa infância. O Santiago quando era época ia caçar aos domingos com seu dois cachorros; um epagneul Breton que chamávamos de Cartouche, e uma cocker preta e branco que se chamava Katy, sempre voltava com perdizes, faisões, patos selvagens, coelhos e lebres, durante a semana minha cunhada cozinhava e comíamos no jantar sempre com excelentes vinhos franceses. Durante a semana almoçávamos o Santiago, Daniel e eu sozinhos, mas a noite jantávamos todos juntos com a cunhada e os três sobrinhos.

Santiago era daqueles que gostava muito de bebida, não sei se ele é ou não alcoólico, mas com frequência bebia além do normal. Quando chegavam os tonéis com os vinhos que ele tinha encomendado era eu quem ia à adega para encher as garrafas, era divertido para mim

porque bebia a vontade sem que ninguém percebesse o quanto tinha bebido, afinal eu dizia que somente tinha experimentado um pouco.

Fiquei somente três meses registrado na firma do Santiago, ele compreendeu que eu queria voar com minhas próprias asas, arrumei um emprego em Paris num escritório de engenharia para projetos de instalações hidráulicas e de calefação. Pegava o trem todo dia e meu serviço ficava próximo à estação Gare de L'Est, descendo do trem ia a pé até o serviço, durante uns meses peguei o habito enquanto aguardava o trem cedo de manhã, de tomar um cafezinho e uma aguardente no balcão da estação de trem, minha justificativa era porque estava frio e também porque tinha que ser macho.

Naquelas alturas, o Santiago chegou a ganhar algum bom dinheiro com sua firma, para investir decidiu comprar um terreno numa cidade vizinha para construir uma casa para meus pais, juntou o útil ao agradável aplicar seu dinheiro e ajudar aos meus pais, minha cunhada estava de acordo porque sempre foi gananciosa mas no que diz respeito aos meus pais, neste ponto ela nunca se deu muito bem com a minha mãe.

Como eu tinha voltado à França, as coisas em Barcelona não ficaram muito bem, pois com o pouco que eu enviava aos meus pais e o pequeno ordenado de minha irmã não era o suficiente para sobreviverem, tinha chamado a atenção varias vezes de Santiago e de Daniel sobre este assunto mas faziam-se de surdos ignorando a questão.

Quando o Santiago iniciou a construção da casa, empolgado disse aos meus pais para mudarem à França junto com a minha irmã e filhas e que uma vez lá na França daria um jeito, na casa somente tinha o porão pronto, faltava o pavimento térreo e o telhado. Meus pais avisaram que iriam chegar a Paris numa data determinada, meus irmãos muito irresponsáveis nem sequer foram até a estação do trem para buscá-los, eu tinha chegado cedo na Gare d'Austerlitz. Provisoriamente se hospedaram na casa de meus tios no porão, e as refeições eram feitas na lavanderia, diante da euforia do Santiago agora meus pais teriam que aturar o descontentamento de meu tio que por natureza era neurótico e "bocado". Uns dias depois eu fui la para morar com eles no porão, dormíamos os três no mesmo quarto, sabendo que a gente não podia ficar la por muito tempo e sem saber quando meu irmão iria terminar a obra para ir morarmos la. Durante este período minha irmã Odette aguardava em Barcelona para vir se juntar a nós com suas filhas.

Eu continuava firme no emprego, fiz novas amizades e a firma estava satisfeita com meu desempenho, logo comprei um carro praticamente novo com 6.000 km rodados, era um Fiat 124, me sentia a pessoa mais feliz da terra, comprado com minhas economias fruto do meu trabalho. O primeiro carro que tive em Barcelona era um Renault modelo "Dauphine", minha mãe tinha sido meu avalista mas com meu trabalho ia pagando as prestações, desta vez já estava comprando o Fiat a vista, estava progredindo.

O Daniel conseguiu que os pais de sua namorada nos alugassem um andar na casa deles em Champigny sur Marne, a uns 20 km de Gournay, novamente mudamos meus pais e eu para o novo endereço aguardando que a construção de Champs ficasse pronta. Sem mais recursos, minha irmã precisou vir à França rapidamente, a primeira semana se hospedou num quarto de hotel com as quatro filhas enquanto Santiago mandava arrumar o porão da nova casa para que pudessem fazer a mudança, meus pais e eu também fomos para la quando a casa ficou "quase" pronta. Estávamos todos juntos novamente, minha irmã e filhas no porão da casa bem arrumado e de forma independente, e meus pais e eu no pavimento térreo, para mim as coisas não podiam estar melhor pois ganhava bem minha vida e estava progredindo profissionalmente, tinha carro e boas roupas para me vestir, quando dava vontade viajava, estive varias outras vezes na Holanda com a Ans, passei até uns feriados de Natal e Ano Novo, jantamos na véspera de Natal num restaurante famoso de luxo, era indispensável vestir smoking, para mim aquilo era o máximo, que diferença da vida que tinha levado na minha infância, no meu intimo estava satisfeito por ter chegado lá no topo. Como estava na moda naquela época dos hippies, Ans fumava baseado e propus para eu fumar, eu respondi lhe que não tocava nas drogas, descriminava as pessoas que

usavam drogas “ilícitas” e achava que iriam acabar um dia injetando no braço num porão escuro até morrer, mas em comparação achava que ter o prazer de beber uns drinques era a melhor coisa do mundo sem pensar sequer aonde poderia me levar esta brincadeira.

O pai da Ans um dia dissera-me que queria conversar comigo em particular, descemos no pavimento inferior no escritório que tinha em casa, e começou a falar de mim e de sua filha Ans, deixou bem claro que gostavam muito de mim e que seria um bom marido para ela, fiquei surpreso porque eu não a amava e nunca teria pensado em me casar com ela, entretanto o luxo e a riqueza daquela família eram tentadores, nunca poderia ter imaginado que aquele senhor fosse me pedir em casamento para a filha dele, claro. Não lhe respondi, dei continuidade à conversa sem tocar de modo preciso no assunto casamento. Aquela família era a segunda fortuna da Holanda, eram muito conhecidos no mundo dos negócios pois atuavam em estaleiros, produção de madeira e no ramo imobiliário, todos os filhos trabalhavam com o pai nos negócios, visitei um dia uma usina de tratamento de madeira, muita matéria prima era importada da Finlândia e Suécia, tinham fornos imensos para secagem de madeiras.

Meu ego ficou lá em cima após ter conversado com o pai da Ans, a verdade era que meus sentimentos puros me impediam de pensar em aproveitar tal oportunidade, teria topado se realmente amasse à Ans, pensei bem os pros e os contras e achei que se tinha recebido esta proposta que somente me interessava pela metade, provavelmente apareceriam outras oportunidades no futuro, além do mais somente tinha 23 anos e ainda tinha muito chão pela frente.

Mudei para outro emprego melhor, era um escritório de engenharia que realizava um projeto aprovado pelo então presidente da França Mr. Georges Pompidou, tratava-se do museu que levava seu nome ou também chamado por Centre Beaubourg, o escritório estava na Avenida Réaumur Sébastopol perto de onde seria realizada a obra, participei do projeto idealizado pelos arquitetos Piano e Rogers, fazia parte do grupo de trabalho para as instalações hidráulicas, era um ambiente muito bom pois era um consorcio composto de ingleses e franceses, duas a três vezes por semana no escritório era habito improvisar um “happy hour”, lá estava eu sempre na primeira fila dos habituais consumidores do bom whisky escocês. Para mim foi bom ter trabalhado no projeto seis meses, pois me dava uma boa referencia profissional, era uma obra impar, toda a estrutura do prédio era de aço cujo peso total é o dobro do peso da famosa “Tour Eiffel”, para trazer aquelas enormes vigas de aço desde o rio Sena até a obra foi preciso derrubar o bairro inteiro, as vigas eram fornecidas pelo Japão, nas grandes tubulações externas do prédio passava permanentemente água circulando internamente para o caso de haver algum incêndio.

Meu próximo emprego foi bem pertinho de onde morava com meus pais no subúrbio leste de Paris, a uns vinte quilômetros, era em Chelles e eu morava em Champs distante somente de dez minutos de carro, a empresa era pequena e os donos eram dois irmãos que tinham começado o negocio como encanadores, também faziam instalações de calefação e manutenção de caldeiras, pois por causa do clima todas as moradias tinham calefação. Topei porque os donos conheciam melhor o serviço na obra e serviços externos junto aos operários, e eu me ocuparia do escritório dos projetos e orçamentos e trataria com os clientes. Quando comecei nesta firma somente faziam instalações para residências particulares, e rapidamente começamos a trabalhar em prédios grandes de apartamentos, a firma cresceu muito durante o tempo que trabalhei com eles sempre com muita confiança e reconhecimento por parte dos donos, chegamos a ter uma amizade extra profissional, os dois irmãos moravam no mesmo prédio do escritório, o irmão mais velho o Bernard quase todo dia no fim do expediente me convidava para subir na casa dele tomar uns aperitivos.

Um ano depois, dando continuidade às minhas ambições pessoais pintou a oportunidade de comprar uma casa nova num loteamento que estava começando a ser construído em Thorinhy sur Marne a uns dez quilômetros de Chelles, pedi um adiantamento à firma para dar de entrada na compra, na verdade foi uma soma razoável de dinheiro que os dois irmãos me emprestaram para

devolver em três vezes sem juros, era a primeira aquisição de um imóvel e o prazer era bem maior que quando comprei meu primeiro carro, em menos de um ano iria morar na “minha casa” e levaria meus pais junto, é claro. Foi sensacional para mim, com meus vinte e cinco anos era dono de minha casa, tinha que pagar as prestações mas depois a casa seria minha. A casa foi entregue pela construtora conforme o prazo prometido, chaves na mão estava pronta para morar e com todos os acabamentos terminados, mudamos para lá com meus pais, não tinha móveis e eu não estava nem aí, tinha toda a vida pela frente para comprar móveis e decora-la ao meu gosto, parecia-me que tinha chegado ao meu último objetivo de vida e ter dado a volta por cima aos meus problemas de infância. Aos poucos e com tempo nos fins de semana me dedicava totalmente a pequenos trabalhos em casa (bricolage), como que os quatro dormitórios ficavam no primeiro andar e meu pai não podia subir escadas encurtei a garagem e fiz um quarto somente para ele com banheiro, ficava no térreo e não havia problema para levá-lo até seu quarto com a cadeira de rodas, lembro-me que no primeiro fim de semana subi no telhado para instalar a antena de T.V., como que não tinha nenhum eletrodoméstico já aproveitei e comprei todos os móveis para instalar a cozinha com armários embutidos e também os eletrodomésticos, construí um balcão para as refeições em lugar de uma mesa comum, fiquei feliz uma vez a cozinha ficou pronta. Contratei um empreiteiro português que fazia bicos nos fins de semana para que construísse os muros de fechamento da área do terreno e os portões de entrada para a garagem e para a casa, plantamos grama e revestimos os terraços com ardósia sem esquecer que mandei construir no porão uma adega para estocar até 3.500 garrafas de vinho, construída no capricho e com técnicas de profissional, deixando o solo com terra, temperatura e umidade relativa adequados.

Possuído pelo cupido, amor à vista.

*O amor não tem pressa, e sem ele é impossível viver.
Não existe o acaso, o destino estava predeterminado.*

Acho que mudamos com meus pais para minha casa em Thorigny no mês de abril ou maio de 1974, até o fim de ano foi uma euforia total curtindo minha casa e arrumando-a ao meu gosto, trabalhando nela todos os fins de semana e ao anoitecer sentado na poltrona para assistir à TV tomando meus drinques.

Meu cachorro “Vladimir” era o que mais curtia a casa nova. Comprei-o em 72 de um casal que morava perto da Torre Eiffel em Paris, era um cocker spaniel golden de pura raça, lá em Champs durante o dia ficava fazendo companhia aos meus pais, eu saía a passeio com ele três vezes ao dia para dar uma volta no quarteirão. Em Thorigny havia muito espaço para correr na rua e quase nenhum trânsito pois estávamos localizados num morro com vista panorâmica, naquele bairro somente circulavam os carros dos condôminos, de manhã e de noite após o jantar ia dar uma volta com ele e durante o dia minha mãe também saía com ele após o almoço, uma noite quando dávamos uma volta no bairro, o Vladi viu seu pior inimigo; um gato na rua, enfurecido sumiu e não o vi mais, voltei para casa preocupado pelo frio e a neve que tinha caído naqueles dias, nervoso porque não me tinha obedecido e corrido atrás do gato, pensei que seria bom lhe dar uma lição e tranquei a porta da garagem de casa sabendo que se volvesse ia ficar do lado de fora naquele frio, fui dormir preocupado com o cachorro. Levantei cedo com a intenção de sair à procura do Vladi, quando abri a porta da garagem lá estava ele mexendo seu rabinho e contente por poder entrar na casa que estava quente, do lado de fora estava tudo branco de neve menos um buraco marrom (cor da terra) que era onde ele tinha passado a noite no frio, fiquei triste por ele ter dormido lá fora no frio mas os cachorros na Europa estão habituados às temperaturas baixas, tudo terminou bem e nada de mal lhe aconteceu.

Conheci o Gerard quando trabalhamos juntos pela primeira vez no escritório de engenharia próximo à la Gare de L’Est, ele tinha chegado naquela firma depois de mim mas pelo fato de morarmos no subúrbio próximos um do outro acabamos estabelecendo uma amizade duradoura até os dias de hoje, com poucos meses que eu estava trabalhando no emprego atual pedi aos donos para contratarem alguém para me ajudar pois com o crescimento da firma aumentava o volume de trabalho, com a habitual confiança que eles tinham em mim deram-me carta branca para contratar um projetista, e foi o Gerard que convidei para se juntar a nós e até porque ele morava em Chelles, na mesma cidade da firma. Antes de eu mudar para minha casa saímos por muito tempo juntos em farras inesquecíveis, conhecia a família dele, gente trabalhadora e simpática e seus pais gostavam muito de mim imaginavam que seu filho trabalhando comigo e saindo comigo eu o levaria pelos bons caminhos da vida. Uma vez fizemos juntos uma viagem a Holanda, compramos na França uns vinhos vagabundos para presentear conhecidos durante nossa visita, sabendo que ali são conhecedores de cerveja mas não de vinhos. Outra vez ele pegou uma viagem “charter” até Bangkok e me trouxe uma estatueta típica da Tailândia, em fim sempre tivemos boa amizade e estávamos juntos por causa do trabalho. Em outra ocasião eu tinha batido meu carro “Austin Morris” numa noite de farras de porre, simplesmente entrei numa árvore, o prejuízo era total sem a mínima condição de reaproveitamento do carro e sem cobertura pelo seguro, forjamos uma falsa declaração de acidente (ele tinha uma mobylette) e a companhia de seguros aceitou, o único prejuízo que tive foi a perda do bônus mas pagaram todas as despesas para deixar o carro em ordem.

Num daqueles sábados à tardezinha, no dia 14 de dezembro de 1974, recebi a visita em minha casa do meu amigo e colega de trabalho Gerard, sorridente como sempre veio me perguntar se estava a fim de dar uma volta para jantar e tomar uns drinques em Paris como nos velhos tempos, eu tinha trabalhado o dia todo e estava cansado, mesmo assim me convenceu e fomos com meu carro a Paris.

Meu bairro predileto para minhas saídas noturnas sempre foi o “quartier latin”, onde se reúnem intelectuais, estudantes e boêmios, também gostava de ir a “Montmartre” na place du Tertre, tudo dependia do que eu estava procurando para me divertir.

Como que os dois morávamos no subúrbio leste, passamos na casa do Gerard para deixar seu carro e seguimos adiante, optamos por ir dar uma volta na Rue Saint Jacques, era difícil estacionar ali num sábado a noite, deixamos meu carro a algumas quadras e ainda mal estacionado. Entramos num pequeno restaurante para jantar, ele sem fome ficou tomando um drinque enquanto eu jantava prazerosamente após um dia de trabalho pesado em minha casa. Após a janta decidimos tomar alguns drinques nos bares das redondezas e finalmente fomos no “Caveau de la Huchette”, na rua que leva o mesmo nome, era uma boate onde se apresentavam diversos artistas de jazz de todas as nacionalidades, descemos no porão para curtir um pouco de musica, tinha uma mesa livre onde o Gerard sentou prontamente enquanto eu ia até o bar para buscar uns chopes para nós. Quando voltei à mesa com a bebida o Gerard dissera-me que na mesa ao lado haviam duas garotas estrangeiras que estavam falando espanhol, ele insinuou que não entendia nada do que falavam pois somente falava inglês além do francês, é claro. Começamos a criar conversa com as garotas estrangeiras, o Gerard dizia, Xavier é contigo mesmo pois não estou entendendo nada, nossa mesa estava a uns cinquenta centímetros mais alta no mezanino enquanto que a das garotas estava na beira da pista de dança. Finalmente resolvi convidar uma das moças para dançar, percebi que ela não falava o espanhol fluentemente e eu achava isso bastante esquisito, finalmente me disse que era da América do Sul e deixou que eu tentasse adivinhar qual era o país. Finalmente acertei quando disse “Brasil”, perguntei lhe se era ou se conhecia o Rio de Janeiro e ela explicou-me que conhecia o Rio mas que era de São Paulo, eu nunca tinha ouvido falar desta cidade, para mim Brasil era sinônimo de Rio de Janeiro, na minha adolescência tinha assistido a alguns filmes como Orfeu Negro e outros policiais aonde sempre tudo terminava no Rio de Janeiro para os assaltantes gastarem o produto de seus roubos e falcaturas. Além disso sempre tive uma certa predisposição para conhecer novos países e viajar pelo mundo, uns dois anos antes já tinha me interessado em partir para uma colônia francesa, exatamente em Noumea no pacífico. Quando a garota me falava do Brasil minha mente de fácil imaginação começou a viajar e sonhar, o nome da garota era Augusta, não parei de lhe fazer perguntas sobre seu país e sobre o que ela estava fazendo tão longe de sua casa, respondeu-me que tinha um restaurante num clube de São Paulo, que tinha trabalhado duro nos últimos tempos e que estava viajando pela Europa para conhecer, descansar e também para fazer alguns cursos, ela tinha chegado um ou dois dias antes a Paris e estava hospedada na cidade universitária, a viagem dela não se limitava a Paris, era uma viagem de aproximadamente seis meses visitando Portugal, Espanha, França, Suécia, Inglaterra, Alemanha e Itália.

Comecei a me interessar muito naquilo que a garota estava falando, era muito simpática e sorridente, educada e sensível parecia estar curtindo muito e estar de bem com a vida, o fato de ela ser de tão longe me atraiu muito, parecia-me estar naquele momento muito distante dos meus problemas e do meu passado, Augusta estava me contagiando com seu modo de ser e viver. Enquanto isso o Gerard estava paquerando a outra moça que era libanesa e se chamava Nurai. Eu continuava alternando com Augusta seja dançando ou sentados na mesa, mas sempre conversando e fazendo lhe perguntas. Não sei porque, mas a partir daquele momento preferi não beber mais bebida alcoólica, possivelmente porque naquela noite já tinha bebido minha cota e também porque queria ficar sóbrio para escutar o que Augusta tinha para me dizer, o Gerard ficou atônito em ver que de repente eu estava tomando refrigerante.

Durante o papo com Augusta eu ficava imaginando ao vivo e a cores a Bahia da Guanabara, Corcovado, Pão de Açúcar etc. parecia que estava vivendo um sonho, o tempo passou muito rápido e sem perceber já eram as três horas da madrugada, propus imediatamente leva-las até a cidade universitária, o único detalhe é que quando fomos até o meu carro, tinha sumido e imaginei que o guincho o teria levado até a delegacia da polícia. Não deu outra, caminhamos mais um pouco e paguei a multa mas as despesas do guincho para que liberassem o carro, deixamo-las onde estavam hospedadas e voltamos para casa. Eu tinha marcado um encontro com Augusta para o dia seguinte ir tomarmos um chá na Torre Eiffel às 16 horas.

Naquele domingo tinha o tempo suficiente para descansar algumas horas, almoçar e ir a Paris de novo para me encontrar com Augusta. A noite anterior, apesar do pequeno problema com o carro, tinha sido fantástica, estava com vontade de ver de novo Augusta, a tarde como marcado nos encontramos e fomos à Torre Eiffel, mesmo com minha vertigem subimos no primeiro andar e fomos no restaurante, mais uma vez não tomei bebida alcoólica e nossa conversa era interessante demais, senti que “algo” me atraía em Augusta sem saber exatamente o que. Terminamos o dia juntos namorando e conhecendo-nos melhor, ela iria viajar naquela semana para Aix em Provence onde se encontraria com uma amiga do Brasil que tinha casado com um francês e que estavam morando lá. Ela disse que voltaria a Paris após as festas de fim de ano e que quando voltasse me ligaria para vermos de novo, honestamente eu não acreditei pois minhas experiências anteriores tinham me mostrado muito bem como funcionam as aventuras de um ou dois dias.

Este encontro com Augusta me marcou muito, isto significava que estava interessado nela sem entender realmente o porque. Continuei trabalhando nesses dias que antecederiam as festas natalinas muito festejadas na França, não sei porque mas não conseguia tirar de minha cabeça aquele sábado a noite e domingo que tinha conhecido Augusta, seria que tinha simplesmente sonhado que tinha acontecido?.

Lembro-me muito bem que durante uma semana quando voltava a Thorigny após o serviço quase não falava nada com meus pais, tinha-me isolado no meu mundo pensando naquela garota que diga-se de passagem era quase três anos mais velha que eu, comprei numa loja de discos um long-play do Jorge Bem que escutava a noite quando chegava em casa. Minha mãe percebeu logo que havia algo esquisito no meu comportamento, ficou muito preocupada e até comentou com a Nonô sua irmã.

Após as festas de fim de ano, nos primeiros dias de janeiro no meu serviço alguém me chamou pelo telefone, era Augusta dizendo-me que já tinha voltado de viagem, fiquei perplexo, surpreso e emocionado porque eu não acreditava que ela poderia me procurar novamente, marcamos um novo encontro. Saímos varias vezes e a paixão estava lá por ambas as partes, criou-se uma relação honesta, sincera e transparente, descobrimos que nos amávamos, num sábado a noite fomos assistir um show brasileiro em Paris com participação de grandes cantores da musica brasileira, mas infelizmente quando chegamos todos os lugares tinham-se esgotado. Mas, como iria terminar esta historia se ela estava somente de passagem pela França?, havia outros países que ela ainda precisava viajar e o tempo era escasso. Convidei Augusta para vir morar comigo em Thorigny, sem muita preocupação de quanto tempo iria ficar por causa da viagem dela, quanto aos meus pais seria simples, eles poderiam ir morar no apartamento de minha irmã Odette que tinha conseguido um apartamento do tipo BNH que a assistente social tinha conseguido para ela e as filhas. Augusta topou, antes fiz questão de apresentá-la aos meus pais num domingo a tarde, ela veio já sabendo um pouco sobre minha vida, passamos um bom fim de domingo e meus pais gostaram muito dela, especialmente meu pai que era pouco falador, alguns dias depois meus pais iam sem saber se era definitivo ou não para casa de minha irmã, somente o Vladi ficou comigo.

Nos primeiros dias de fevereiro fui até a cidade universitária em Paris, peguei as bagagens de Augusta e ela junto para irmos a Thorigny. Nosso relacionamento crescendo e como

que Augusta tinha uns cursos a fazer em Paris sobre crianças defeituosas, resolveu ficar o maior tempo possível na França e terminar a viagem pelos países que ainda estavam faltando de modo rápido e curto, pois a passagem de avião comportava os vôos para os países mas sem data marcada, portanto poderíamos ficar juntos ainda uns cinco meses.

Foi a grande curtição e passamos a nos conhecer muito melhor em todos os aspectos, o tempo voava, ela representava para mim a liberdade e “libertação de um passado negro e das rotinas do dia a dia como se fosse um robô”, eu queria “viver a vida”. Eu ia trabalhar e Augusta pegava o trem até Paris diariamente, a noite nos encontrávamos novamente em nosso “ninho”. Apresentei Augusta aos meus irmãos, no serviço, aos amigos, todos gostavam dela e perceberam que nosso relacionamento era serio.

Durante estes meses que ficamos juntos em minha casa de Thorigny, aproveitei para mobiliar e decorar nosso quarto e a casa, pois tínhamos planos de ficar juntos para sempre e ela estava disposta a voltar ao Brasil e depois mudar definitivamente à França. Nosso quarto ficou muito bonito, pus carpete azul royal muito grosso, parecia caminhar sobre uma almofada, o papel de parede era azul claro com pequenos desenhos e comprei uma cama moderna com moveis ao longo das paredes, tudo em laquê branco, a cama tinha dois metros de largura e podia se regular em altura tanto a cabeceira como os pés da cama. Para a sala de estar e jantar pedi a Augusta de bolar algumas idéias para decoração, ela fez uns desenhos em perspectiva com mobília e cortinas.

O tempo passou muito depressa, estava chegando a hora que Augusta iria partir, eu sentia saudades por antecipação. O combinado foi que como eu queria muito conhecer o Brasil, se ela partisse em junho e terminasse o que faltava por visitar pela Europa chegaria em julho ao Brasil, e eu iria vê-la em outubro, passaria quatro ou cinco semanas com ela e voltaríamos juntos.

Estávamos vivendo uma paixão, eu com vinte e sete anos e ela com trinta, sabíamos o que fazíamos, não éramos mais duas crianças. Levei-a ao aeroporto para ir embora, na despedida falamos-nos, até breve.

Agora eu iria ficar sozinho com meu cão Vladi naquela grande casa, achei melhor levá-lo todo dia de manhã até o apartamento onde moravam meus pais, e pagá-lo de volta a noite para casa. Meus pais tinham conseguido muito rapidamente um apartamento para morar, no mesmo conjunto residencial onde morava minha irmã, as vezes quando dava eu também almoçava lá, a noite jantava pegava o Vladi e voltávamos a Thorigny, lembro que o cachorro sentava no banco de passageiro na frente, ele ficava ali sentado e quietinho, quando pegava uma curva ele se inclinava para um lado tal como se fosse o cachorro que estivesse dirigindo, achava isso muito engraçado porque haviam bastantes curvas e com a velocidade ele ficava indo de um lado para outro o tempo todo. Entre Thorigny minha residência, Champs aonde moravam meus pais e Chelles que era onde trabalhava, ficava tudo bem próximo a uns dez ou quinze km uma cidade da outra.

A vida continuava, Augusta me enviava cartões postais de todas as cidades e países por onde passava, sempre enviando milhões de beijos. Quando chegou ao Brasil, ela precisou explicar à família dela sobre a viagem sobre nossa situação, continuamos nos correspondendo por carta regularmente até duas ou três cartas por semana, quando eu voltava em casa a noite ia direto à caixinha do correio para verificar se tinha chegado carta de Augusta, foi uma fase divertida porque sabia que voltaria a vê-la em outubro, mas o tempo de espera era grande.

Comprei minha passagem após ter pesquisado bastante os preços, peguei um vôo “charter”, naquela época estavam iniciando este tipo de vôos, ainda lembro que paguei em 1974, 3.700 Francos Franceses ida e volta com datas preestabelecidas. Para aumentar ainda mais a emoção da viagem pegaria o avião em Paris no aeroporto de Orly com destino a Zurich na Suíça, onde viajaria pela Swissair num vôo Zurich- Rio de Janeiro com escala em Dakar na costa de marfim na África.

Algumas semanas antes de viajar numa das cartas que Augusta me escreveu, queria saber minha opinião a respeito do que eu acharia se a gente se casasse nem que fosse no

religioso, ali no Brasil, seria uma maneira para que a família dela pudesse justificar sua ida a França, não acho que a tivessem influenciado para ela conferir realmente quais eram minhas intenções, nunca tínhamos pensado em casamento, o que sim queríamos era dar continuidade à nossa felicidade de viver juntos um perto do outro, nós dois não éramos do tipo que tinha que seguir a risca todas as formalidades tradicionais e costumes. Respondi que para mim tanto fazia, se ela achasse que seria bom para ela e sua família eu não via nenhum inconveniente em me casar na igreja no Brasil. Ficou assim combinado que casaríamos primeiro na igreja e se quiséssemos no próximo ano poderíamos casar no civil em Thorigny, eu estava sabendo que iríamos fazer o tal casamento mas não tinha a mínima idéia da data.

Minha data de partida de Paris estava marcada para o dia domingo 19 de outubro e chegada no Rio de Janeiro na segunda feira dia 20 cedo de manhã, apesar de ir sozinho levava bastante bagagem porque amigos de Augusta que nem conhecia, pediram para que levasse alguns artigos que não existiam ainda no Brasil, ia agasalhado na partida mas com roupa de verão por baixo para minha tão esperada chegada ao Brasil, paletó esporte, calça Jeans branca e camisa de manga curta. As noites que precederam a viagem foram mal dormidas por causa de meu nervosismo e ansiedade, ainda por cima na véspera da viagem, sábado, meu irmão Daniel tinha que ir a um casamento com Luisa sua esposa, pediu-me para ficar com a filha Nathalie no apartamento deles e disseram que não iriam chegar tarde, resultado, chegaram a altas horas da madrugada de domingo, dia que eu iria viajar e dormi pouco. Decolamos de Paris com um avião de pequeno porte, já em Zurich embarquei num DC-10 com destino ao Rio com escala em Dakar. No avião imenso sentei numa poltrona que dava no corredor era um conjunto de duas poltronas, o passageiro vizinho tinha como olhar pela janela, era uma senhora suíça que ia visitar sua filha casada com um argentino e que morava na Argentina, seriam aproximadamente onze horas de vôo, cinco até Dakar mais seis até o Rio de Janeiro, como esses vôos eram sempre noturnos dava para conversar um pouco, ler, jantar e assistir um filme. Com uma escala ficava bem menos cansativo que os vôos diretos e com muitas horas de viagem, lembro que tinha na poltrona um panfleto da companhia aérea e havia um mapa, eu me divertia traçando com a caneta duas linhas retas uma entre Zurich e Dakar e a outra entre Dakar e Rio de Janeiro, dividi a primeira em cinco partes e a segunda em seis, e olhando a toda hora para meu relógio podia ter uma idéia de onde estávamos voando e encima de qual país. Estava muito tenso e ansioso durante a viagem, ia realizar um sonho, bebi bastante whisky e fumava, nada de dormir. Avisaram que íamos pousar em Dakar, legal, ia pisar no solo de outro continente e posteriormente poderia contar que tinha estado na África. Quando o avião parou totalmente no aeroporto e autorizaram a saída para esticar as pernas pelo saguão, eu fui dos primeiros na fila para descer, aguardando enquanto a aeromoça abria a porta do avião, encostaram a escada para descer, quando sai do avião tive pela primeira vez a impressão de que estava entrando num forno ao ar livre. Mesmo após seis horas de viagem a ânsia não me deixava ficar sossegado, olhava tudo e todos, aqueles rostos africanos não eram novidade para mim porque na França há muitos imigrantes do continente africano, na maioria dos países africanos fala-se francês pois a França sempre teve interesses naquele continente. Aproveitei para tomar algumas cervejas e dar uma volta pelas lojinhas do Free-Shop, estava quase vazio porque eram altas horas da madrugada. Fomos chamados para embarcar e seguir viagem rumo ao Rio de Janeiro.

Agora a próxima parada seria o ponto final, Rio de Janeiro, bastava atravessar o atlântico durante três horas e já estaria voando em território brasileiro. A euforia continuava, não dormi nada em toda a viagem nem teria conseguido mesmo que quisesse, mais tarde vieram servir o café da manhã, e finalmente uma hora mais tarde iríamos pousar no recente construído aeroporto internacional do Galeão. Durante esta segunda e ultima parte da viagem, vi o por do sol, um espetáculo maravilhoso, na véspera tinha anoitecido em Paris e agora o sol se punha nos trópicos da América do sul. Assim conforme meus cálculos estaríamos voando em território brasileiro (até por que dava para ver de longe a floresta amazônica), a toda hora ia até o corredor

dos toaletes do avião para dar uma olhada pela porta lateral e admirar a bela paisagem, eu estava curioso em saber como poderia ser lá embaixo, eram horas voando e sempre no Brasil, enfim, um continente. Como qualquer estrangeiro que vem ao Brasil pela primeira vez achava que no aeroporto poderia haver crocodilos e mais outros bichos selvagens. Após o café da manhã retiraram rapidamente as bandejas dos passageiros porque estava em cima da hora e iríamos aterrissar no Rio, avisaram pelos alto-falantes para apertar os cintos de segurança sem tirá-los até após ter aterrissado e a aeronave completamente parada, eu não quis saber e fui até a porta para olhar pela janelinha e a baixa altitude a Bahia de Guanabara, por sorte na torre de controle mandaram o comandante de nosso avião dar um tempo para pousar por causa do imenso tráfego nessas horas chegando aviões de todos os cantos do mundo, o piloto sem saber me presenteou dando umas voltas bem em cima do Rio e a baixa altitude, dava para ver tudo, estava um dia com muito sol, o mar verde, os morros, o pão de açúcar e o Cristo Redentor de braços abertos, fiquei totalmente arrepiado e emocionado, dava vontade de chorar de tanta alegria. Alguém deu uma tapinha nas minhas costas, era a aeromoça, me chamou a atenção e deu-me uma bronca por estar ali em pé quando deveria estar sentado na poltrona com o cinto de segurança amarrado, eu fiquei rindo porque tinha conseguido ver o que eu queria, mas também reconhecia que ela tinha toda a razão e que estava certa. Uma vez pousado o avião fiquei esticando a cabeça pela janelinha da poltrona vizinha tentando ver todo quanto tinha direito, vi alguns aviãozinhos teco-teco, outros da FAB com motores a hélices, parecia-me que estava assistindo um filme, era tudo novo para mim, estava no Rio de Janeiro, no Brasil, na América do sul.

No desembarque não tive o menor problema para passar pela alfândega e tudo mais, na saída do aeroporto no fim do corredor externo ela estava lá me aguardando, Augusta de braços abertos, eu a vi logo, avancei e cheguei até ela, era um momento muito esperado pelos dois, nos abraçamos e beijamos matando saudades. Ela tinha chegado ao Rio dois dias antes e se hospedado na casa do senhor Almeida, uns amigos da família em Jacarepaguá, estavam ali o senhor Almeida já com uma certa idade, um amigo dele que veio auxiliá-lo para dirigir o carro e Augusta, em fim uma verdadeira comitiva de recepção, carregamos minha bagagem no carro e perguntaram se queria ir descansar ou dar umas voltas pelo Rio até a hora do almoço, preferi a segunda opção. Com um sol esplendoroso e um céu azul começamos a andar de carro pelas praias, fizemos uma parada na rodoviária porque o senhor Almeida queria a qualquer preço que experimentasse o cafezinho brasileiro e foi o que fizemos, continuamos beirando as praias, era uma segunda feira e fiquei pasmado em ver tanta gente na praia, perguntei se não trabalhavam e se isto era normal, a resposta veio logo; “o carioca vai a praia todo dia e também trabalha”, eu dei risada, estava achando que tinha chegado ao paraíso. Fomos até o Corcovado com o carro, fiquei impressionado e filmando todo o que se mexia, filmei uma bela vista panorâmica sobre o Rio, e também o Cristo Redentor. Os planos para meu primeiro dia eram de dar algumas voltas rápidas para ter uma pequena visão, almoçar e descansar a tarde para ir jantar a noite com o Walter, filho do senhor Almeida que tinha nossa idade e depois do jantar pegaríamos um ônibus com leito para seguir até São Paulo.

Após o Corcovado fomos direto para Jacarepaguá, conheci a esposa do senhor Almeida, moravam num condomínio fechado, mas fazia um calor espantoso, era quase o horário do almoço, refresquei-me um pouco para relaxar, quando avisaram que o almoço estava na mesa perguntei à Augusta se no Brasil não se tomava aperitivo, o que mais eu queria naquela hora era tomar uma boa dose de whisky para festejar aquele evento, para mim tudo sempre foi motivo para beber, imediatamente me foi servido o aperitivo, almoçamos mas eu não tinha nenhum apetite, o calor e o cardápio eram totalmente diferentes dos meus hábitos. Descansei algumas horas a tarde, logo mais chegaram o Walter e sua esposa Lenita, tomamos uma cerveja, nos arrumamos e fomos embora para jantar, sei que passamos pela ponte Rio/Niterói, o restaurante tinha uma vista formidável sobre o Rio, o Walter que era bom de copo me fez experimentar a primeira “caipirinha” de minha vida, me arrepiei todo de tanto prazer, com aquele calorão caiu

como uma luva, jantamos na base de mariscos e peixe regados com bastante chope, foi um jantar inesquecível. Já tínhamos colocado no carro as bagagens para poder ir direto a rodoviária pegar o ônibus, assim que depois do jantar lá pela meia noite embarcávamos com Augusta para São Paulo. Durante a viagem não dormi porque simplesmente eu não consigo, além disso estava muito excitado e mesmo sendo a noite olhava pela janela, estava muito curioso e queria ver todo o que fosse possível.

Chegamos à rodoviária de São Paulo cedo de manhã, e pegamos um táxi que nos levaria até a casa de Augusta, lembro que como que nós falávamos espanhol o motorista devia pensar que éramos turistas e saiu da rota, daí Augusta chamou sua atenção e pegou novamente o caminho certo para chegar até o bairro da Pompéia. A mãe dela saiu da casa assim que viu o táxi parar na rua, veio direto para me cumprimentar e desejar as boas vindas. Quando entramos tinha na sala de jantar uma grande mesa posta com o café da manhã com muita fartura, nessas alturas estava realmente exausto e fui para quarto de Augusta e dormi. Por volta de uma hora da tarde me chamaram para almoçar, Augusta me disse que sua família estava me aguardando para almoçar, o irmão dela Elpidio e esposa, tios, em fim, umas dez ou quinze pessoas estavam na sala de jantar quando descii após tomar banho, eu não falava uma só palavra de português, aprendi logo a dizer “tudo bem?, prazer”, quando beijei no rosto os homens da família (como é o hábito na França) ficaram surpresos, percebi de cara que não era costume. Sentamos para almoçar, o pai de Augusta sabendo que era um bom bebedor de vinho tinha comprado uma caixa de vinho verde português, nunca tinha experimentado antes e não gostei, preferi tomar cerveja. No dia seguinte terça feira seria o aniversário do pai de Augusta, e finalmente fiquei sabendo que no próximo sábado dia vinte e cinco iríamos casar religiosamente na capela da PUC Pontifícia Universidade Católica pois ela havia estudado lá e conhecia o padre, uma surpresa atrás da outra, Augusta me disse que tinha enviado o convite para mim na França, mas eu não o tinha recebido.

Nos primeiros dias as visitas de parentes e amigos de Augusta não paravam, era uma atrás da outra, não conseguia entender como podia conhecer tantas pessoas, ainda bem que eu não falava o português e somente escutava as conversas para descobrir sobre o que estavam falando, uma ou outra vez Augusta me traduzia o que as pessoas estavam dizendo.

Como que não tinha trazido roupa adequada para o meu casamento, fomos comprar minhas roupas e calçado. No sábado o casamento estava marcado para as quatro horas da tarde, Augusta saiu no horário do almoço para ir até o cabeleireiro e se preparar para o evento, marcamos encontro na capela. Eu vestia uma calça marrom escuro, sapatos da mesma cor, paletó e camisa social bege e borboleta azul turquesa da mesma cor do vestido de Augusta, ela vestia também um chapéu muito bonito e grande, sempre na cor azul turquesa. Naquele dia importante para mim enquanto me arrumava para o casamento meu copo de whisky estava sempre cheio ao meu lado, meu futuro cunhado Elpidio me levou com seu carro até a PUC que era bem perto da Pompéia, aguardei no altar até Augusta chegar com seu pai, era um casamento bem diferente do tradicional, pois era uma capela pequena de ambiente colonial, haviam poucas pessoas e quando Augusta se aproximava do altar com seu pai tocavam em volume alto música barroca do quinteto Armorial. Foi uma cerimônia muito emocionante, eu em pé no altar em outro país a quatorze mil quilômetros de casa sem nenhum dos meus familiares e sem falar uma palavra de português, mas tudo correu as mil maravilhas, uma vez a cerimônia terminada passamos ao jardim e recebemos os cumprimentos de todos, e eu mais uma vez dizendo “tudo bem?, prazer”.

A festa do casamento fizemos no mesmo bairro a poucas quadras da PUC, dava mesmo para ir a pé, numa sala de festas de um prédio onde morava uma amiga de Augusta, tinham tudo muito bem programado, fizeram uma festa muito bonita com bebida abundante, bolo de casamento e champanhe. Logo fomos até a casa de Augusta para trocar de roupa, ainda chegavam pessoas para nos cumprimentar que não tinham ido à capela por um motivo qualquer, até que em fim alguém nos deu carona e nos levou até o hotel Cá D’oro que tínhamos reservado para aquela noite no centro da cidade.

No dia seguinte escutamos barulho na rua, olhei pela janela do quarto, era um desfile mas não sabia do que se tratava. Descemos e nos misturamos com a multidão, era o João do Pulo desfilando em carreata pela cidade, por ter conseguido uma medalha de ouro na olimpíada.

Em nossa programação estava previsto irmos à Salvador na Bahia, os pais de Augusta tinham dado de presente a viagem, para eles seria como uma viagem de núpcias, não tenho certeza se eles sabiam que morávamos juntos na França, em todo caso eu iria viajar e conhecer a Bahia. Nos hospedamos na casa de uma medica amiga de Augusta, fizemos a viagem de ônibus leito, acho que ficamos por ali uns dez dias, conheci a ilha de Itaparica, comi o típico “acarajé”, e bebi o suco de abacaxi mais delicioso de minha vida. Núbia a amiga de Augusta nos recebeu muito bem, estivemos em festas em club particular, visitamos o mercado central onde comprei uma pele de vaca que usaria mais tarde na nossa casa em Thorigny, estivemos uma noite numa casa de espetáculos onde assistimos a uma demonstração de capoeira.

De volta à São Paulo ainda fizemos uma viagem de uns poucos dias à praia no litoral norte de São Paulo, visitamos Campos de Jordão, Ubatuba e Caraguatatuba, viajamos com o carro do Armando (primo de Augusta) o que nos permitiu nos locomover com facilidade e admirar as belas praias. Começamos os preparativos para a viagem de volta à França, para Augusta seria uma mudança porque iria morar ali definitivamente. Na volta ela conseguiu um lugar no mesmo vôo pela companhia Swissair, saímos de São Paulo com o carro do Armando e fomos até Taubaté onde ele morava e trabalhava, lembro-me muito bem que era de noite e na Via Dutra Augusta admirava o céu azul com pequenas nuvens, dizia que aquelas pequenas nuvens pareciam carneirinhos. Ficamos em Taubaté um dia e devolvemos o carro, depois até o Rio prosseguimos viagem de ônibus. No Rio ainda ficamos um dia na casa do Walter em Jacarepaguá, a noite embarcávamos no Galeão para retornar à Europa. Surpresa, o avião da Swissair estava avariado e suspenderam o vôo, a companhia nos hospedou no Hotel Gloria até o dia seguinte, a viagem de volta tinha o mesmo percurso que na ida, Rio de Janeiro/Dakar/Zurich, na escala na África Augusta comprou um belo vestido cumprido nas cores verde e amarelo.

Em Zurich, aproveitei para ligar ao Daniel durante a conexão para explicar lhe sobre o incidente e o atraso, ele já tinha sido avisado pela companhia. Chegamos a Paris, o Daniel e a Luisa estavam a nossa espera no aeroporto, ao total eu tinha ficado cinco semanas no Brasil, todas as pessoas ficavam olhando para Augusta e eu porque estávamos muito queimados pelo sol, claro que no fim do mês de novembro em Paris era um fato raro porque ali estava um frio desgraçado, Voltamos para casa em Thorigny, era bom retornar ao “ninho”. Fomos ver meus pais, irmã e sobrinhas e pegamos o Vladi de volta.

A vida voltava a tomar seu curso normal. No mês de maio de 1976 casamos novamente, desta vez na prefeitura de Thorigny pelo civil. Após a cerimônia fomos até nossa casa para fazer um almoço com minha família reunida, estavam todos reunidos menos meu irmão José Maria e esposa, infelizmente mais uma vez não iria dar certo, o bate boca provocado pela bebida alcoólica fez com que meus irmãos, cunhadas e cunhado ultrapassassem os limites e partissem para a briga verbal, eu tinha deixado justamente meu gravador ligado, foram quatro horas de discussão com o tom de voz bastante alto, Augusta chorou muito e sentiu-se ofendida por não respeitarem nosso casamento, tratava-se de uma família muito diferente da sua, que por causa dos problemas já antigos nunca houve paz nem solidariedade, eram todos neuróticos.

Na semana seguinte convidamos para uma pequena festa meus amigos, os donos da firma onde trabalhava e colegas de trabalho, foi bem diferente e divertido sem extrapolações, estavam presentes uma turma de amigos que iam sempre comigo durante as férias a Najac, uma bela pequena cidade medieval no estado de Aveyron no sul da França, lá aprontei muito com minhas bebedeiras e fiquei conhecido pelas paqueras com as moças da região. Continuamos nossas vidas curtindo ao máximo que podíamos, íamos viajar as vezes nos fins de semana para o interior, ou quando haviam fins de semana prolongados íamos mais longe, como por exemplo a Londres aonde havia uma amiga de Augusta que morava lá. No verão de 1976 veio nos visitar a

sobrinha de Augusta, a Josi, aproveitamos para viajar e lhe mostrar lugares diversos, fomos num fim de semana à Holanda, visitamos Amsterdam, e aproveitei no caminho para lhes mostrar a casa onde morava Ans e que eu tinha me hospedado alguns anos antes. Na volta à Paris (domingo) o radiador do meu carro furou, não achamos nenhuma oficina mecânica aberta que pudesse consertar o carro, a solução foi colocar goma de mascar (chicle) no buraco do radiador e parando a cada meia hora para enchê-lo de água novamente, enchíamos garrafas de água nos canais perto da estrada, chegamos finalmente a Thorigny bem tarde à noite.

Na data prevista para retorno, levamos a Josi no aeroporto de Orly para embarque e voltar a São Paulo, por coincidência saindo do aeroporto continuamos nossa viagem de férias rumo a Najac e Sitges. Era de algum modo o jeito de mostrar à Augusta parte do meu passado e me conhecer melhor, em Najac não ficamos muito tempo só de passagem, logo continuamos para a Espanha aonde antes de chegar a Barcelona paramos em La Garriga para apresentá-la ao José Maria e sua família. Quando chegamos a Sitges, Augusta ficou encantada pela beleza da cidade, nos hospedamos no Hotel Arcádia cujos proprietários eram grandes amigos de nossa família, não lhe apresentei a família por parte do meu pai porque eu tinha rompido o relacionamento onze anos antes quando morava em Barcelona. Na volta, Augusta queria conhecer algo de Barcelona, mas não dava tempo e seguimos direto em direção à França.

A saúde do meu pai tinha piorado, precisou ser internado no hospital de Lagny que ficava entre Champs e Torigny, íamos regularmente com Augusta visitá-lo, eu ficava muito triste porque imaginava que estava chegando ao seu fim, no dia 16 de dezembro ele faleceu e a última pessoa com quem ele falou foi com Augusta na última visita, ele assegurava a mão dela fortemente no seu peito, tenho absoluta certeza que gostava muito de Augusta. Foi um grande choque para mim, no enterro e durante o velório isolei-me num canto e comecei a meditar sobre minha vida e meu pai, ele não tinha tido sorte nem eu, infelizmente nunca conseguiu me presentear com um cavalo de verdade se ele conseguisse sarar, lembrava quando na minha infância fazia a barba dele e as vezes ele gritava porque o tinha cortado com a gilete, sentia que mesmo distante dele o amava muito porque era uma pessoa bondosa, eu não estava nem um pouco arrependido de ter sido o arrimo de família e tê-lo sustentado juntamente com minha mãe, por outra parte sabia que após vinte cinco anos de sofrimento ele iria estar bem melhor assim, e que infelizmente o destino fez com que não pudesse ser enterrado na cidade que tanto amava, Sitges. Havia bastantes pessoas no enterro, foi enterrado no cemitério de Champs. Naquela mesma noite, na cama sentia que algo me apertava no peito, eu não tinha soltado nenhuma lagrima porque o meu orgulho não tinha deixado, de repente tive uma crise de chore muito forte, soluçava e Augusta me abraçou até passar.

Por causa do falecimento de meu pai as festas de fim de ano foram diferentes e menos alegres, sem menosprezar as comidas e bebidas típicas durante estas festividades. Em janeiro estava um dia chegando com atraso no meu serviço, um dos donos me chamou a atenção e simplesmente não gostei, achei que após todo o que tinha suado naquela firma para que crescesse não era justa tal observação, olhei bem nos olhos dele fixamente e dissera lhe; não terei mais a oportunidade de chegar atrasado porque estou me demitindo. Não esperava por este tipo de resposta, caiu como um balde de água fria. Naquela época a França estava vivendo uma violenta crise do petróleo porque os países produtores aumentaram exageradamente seus preços, havia crise nos negócios e a economia estava meio estagnada, isso me ajudou a tomar a decisão por impulso de querer largar tudo e tentar começar tudo novamente no Brasil. Ainda fiquei até contratar eu mesmo meu substituto. Minha mãe quando ficou sabendo de minha decisão achou que perder meu pai recentemente e depois eu ir morar ao outro lado do mundo seria muita coisa para ela, portanto com esta justificativa dissera que viria conosco ao Brasil por um ano e depois voltaria à França.

Consegui rapidamente vender minha casa e a mobília em Thorigny, meu carro eletrodomésticos e outros objetos diversos, me desfiz de tudo para começar vida nova no Brasil com um pequeno capital.

O Cristo Redentor esperando por mim

Querendo chegar ao topo por causa das ambições doentias

Mais uma fuga procurando a própria identidade

Em fevereiro de 1977, estávamos chegando a São Paulo os três, minha mãe, Augusta e eu, obviamente meu cachorro Vladi veio junto. Provisoriamente nos hospedamos na casa dos pais de Augusta até que eu soubesse o que iria fazer de minha vida, era a primeira vez que ficaria sem trabalhar alguns meses programando meu futuro sem ser obrigado a trabalhar para sustentar meus pais e eu mesmo, não tinha mais obrigações financeiras e tinha uma boa reserva em dinheiro, resultado da venda dos meus bens na França. Não falava uma palavra de português, para comprar cigarros era minha sogra quem o fazia porque eu não sabia pedir. Quando saía dar uma volta no quarteirão com o cachorro, as pessoas mudavam de calçada porque nunca tinham visto de verdade um cocker spaniel, naquele tempo haviam pouquíssimos cachorros de raça, via-se os vira-latas e a carrocinha perseguindo-os, meu sogro que gostava muito do Vladi ia passear com ele antes do almoço, uma vez comprou um “cachorro quente” para o Vladi comer, a noite quando ele voltava de sua padaria trazia sempre no bolso pedaços de presunto e algum doce com chantilly para minha mãe. Eu estava otimista sobre meu futuro, meu primeiro projeto era de construir residências para vendê-las e posteriormente fazer operações imobiliárias mais arrojadas como construir prédios de apartamentos, e o que mais eu queria era ficar rico, achava que o Brasil estava esperando por mim. Com o capital trazido da França daria para começar, além disso, Augusta tinha um apartamento bem próximo à casa dela, a menos de cem metros de distância, era o primeiro prédio construído naquela avenida, ela e seu irmão tinham adquirido os dois apartamentos do ultimo andar, o da Augusta naquele momento estava alugado.

Nas primeiras semanas de adaptação aqui no Brasil, Augusta engravidou, ela conseguiu trabalho na especialidade dela que era nutrição e conseguimos finalmente alugar uma casa no bairro Vila Madalena em Pinheiros. Meus sogros ofereceram-se para desocupar sua casa e deixá-la vaga para que eu montasse algum comércio, eles iriam morar no apartamento de meu cunhado ali perto. Fizemos acordo e comecei a pensar qual tipo de negócio eu poderia montar, a única profissão que conhecia a fundo era de instalações hidráulicas, porém aqui essas instalações eram diferentes da Europa mas não havia nenhum problema em adaptar meus conhecimentos à realidade daqui. Decidi montar uma loja “show-rom” para banheiros, calefação não serviria aqui portanto me limitaria às decorações e fornecimento de louças e acessórios para banheiro, abri minha primeira firma, a “Sanishop”, fiz as plantas e mandei reformar a casa dos meus sogros, eu administrava e acompanhava a reforma, de fachada estilo mediterrâneo que estava na moda, ficou linda e chamava a atenção, também valorizou o imóvel. Não fiz um grande negócio, pois a localização era num bairro de classe média e a loja estava voltada para clientes da classe “A”, tive algumas clientes que vinham à loja com seu motorista particular.

Em janeiro de 1978 nasceu nosso primeiro filho que chamamos de Xavier, isto nos causou uma grande alegria a todos, nasceu as cinco horas da manhã no Hospital Albert Einstein e a ginecologista que acompanhou toda a gravidez e que foi responsável pelo parto era uma amiga de infância de Augusta, a Dra. Maria Helena, fui depois para casa tomar banho e em seguida para a loja, fui no bar ao lado e convidei a todos a beber por minha conta, meu coração batia forte e

estava muito emocionado. Algumas semanas depois do nascimento minha mãe voltaria à França novamente, ela ficou um ano aqui com a gente, eu a levei até o Rio para que embarcasse para Europa. Um ano após ter montado o show rom, percebi que o melhor a fazer seria passar o ponto, houve alguém interessado em comprar o imóvel para montar um negocio, meu sogro vendeu e dividiu conosco uma parte porque tinha vendido como prédio comercial e não residencial. Neste lapso de tempo compramos um terreno na zona oeste de São Paulo, num bairro residencial que tinham loteado a pouco tempo, Augusta vendeu seu apartamento para ajudar a financiar a construção da casa que eu mesmo tinha projetado e um engenheiro brasileiro assinado a planta como responsável. Mais uma vez fui acompanhando e administrando a construção de nossa casa, grande com três pavimentos e de arquitetura diferenciada naquela época, todas as salas em desnível, tinha o sonho de ter lareira mesmo se estivéssemos em um país tropical, fui chamado de louco mas eu não me importava, no subsolo haveria um bar com sistema de som para receber os amigos e não perturbar nossos filhos que dormiriam no pavimento superior, longe do barulho. Surgiram conflitos entre os empreiteiros e eu, pois eu era muito exigente e a mão de obra bastante fraca, mesmo assim, conseguimos ir até o fim, o dinheiro ficou curto para os acabamentos, tinha até mandado fazer um buraco para a piscina que depois precisei mandar encher de terra novamente por falta de recursos.

As saudades da França começaram a se manifestar, achei que realmente estava em um país sub desenvolvido e que seria muito difícil me adaptar, já tinha um filho e seu futuro me deixava muito preocupado. Eu mantivera contato com alguns franceses da colônia aqui em São Paulo, durante a construção de minha casa, um deles estava a pouco no Brasil para abrir uma filial francesa e me convidou para trabalhar com ele como free lance, topei porque seria independente mas o mais importante era que trabalharia com gente que falava e pensava como eu, simplesmente era uma fuga da realidade que estava vivendo. Após alguns meses fui convidado para trabalhar na firma francesa em questão, era uma empresa de refeições coletivas, ou seja, terceirizavam as refeições nas industrias, eu que nunca tinha estado numa cozinha industrial disse que não entendia do negocio, mas argumentaram que não se tratava que eu fizesse comida e sim que mantivesse os contratos de prestação de serviço junto aos clientes, e que pelo fato de ter uma esposa nutricionista aprenderia rapidamente a profissão. Fui contratado como supervisor de restaurantes industriais, para mim era uma novidade, mas o essencial foi que em pouco tempo os restaurantes que estavam sob minha responsabilidade começaram a dar muito lucro, bem mais da media. Eu continuava a não estar bem comigo mesmo, tinha uma excelente oportunidade de carreira pela frente mas tinha barreiras que não me deixavam suportar nem o ambiente nem estar de bem com a vida, meu orgulho era muito grande, quando ia ao restaurante dos clientes e via aquelas bandejas estampadas que nunca tinha visto antes, dava-me a impressão de estar vendo os soldados da guerra do Vietnam comendo, eu evitava comer nos restaurantes dos clientes porque interpretava como um poder de comando das organizações estruturadas sobre seus funcionários, eu estava habituado a trabalhar em escritórios de planejamento, nunca tinha trabalhado em industrias nem em produção, também havia outra razão que para mim era de suma importância, nas industrias bebia-se nas refeições, sucos, refrigerantes ou água o que para mim parecia ser um pecado grave porque toda minha vida tomei vinho nas minhas refeições, sabia que o Brasil não tinha o costume de beber vinho mas achava que pelo menos cerveja deveria ter na mesa.

Curtia o lar quando chegava a noite em casa, sempre fui do tipo caseiro pois “meu canto” dava-me segurança, talvez por causa das incertezas durante minha infância e adolescência, brincava a noite com meu filho Xavier enquanto tomava meus aperitivos e esperava sair o jantar. As vezes íamos viajar durante o fim de semana, certa vez fomos no sul de Minas numa chácara de um amigo nosso, fazia muito calor e haviam muitos pernilongos que não nos deixavam dormir, o Xavier foi picado por uma mosca que introduziu um verme na cabeça dele o que nos causou transtornos quando voltamos para casa pois não conseguia dormir a noite, eu mandei à

Augusta que fosse ao medico para retirar o verme, fizeram lhe um corte na cabeça para tira-lo mas sem sucesso, finalmente praticamos uma formula caseira que se tratava de colocar um pedaço de toucinho preso com um curativo em cima do buraco onde se hospedava o verme, o que realmente funcionou mesmo se não era do meu agrado. Em janeiro de 1981 Augusta engravidou novamente de nosso segundo filho, aconteceu durante umas férias na praia e tenho certeza de em qual relacionamento ela engravidou, assim como quando engravidou do primeiro filho quatro anos antes. O Alain nasceu no mês de outubro, no mesmo hospital e pelas mesmas mãos da Dra. Maria Helena como para o Xavier, grande e forte como seu irmão mais velho, se tivesse sido menina teria-se chamado Aline esse foi o trato que combinamos com Augusta. A essas alturas tínhamos além do Vladi outro cachorro, um pastor alemão que chamamos de Black (pus este nome porque quando era pequeno meu pai me contava historinhas de que em sua juventude tinha um cachorro que levava este nome), era grande e bonito o Xavier brincava muito com ele e se adaptou bem sem brigas com nosso Vladi, mas infelizmente tinha osteoporose, uma doença da qual não conseguiu se recuperar e o fazia sofrer, tivemos que nos desfazer dele alguns meses depois.

Na firma onde trabalhava a diretoria da matriz e até o dono vinham com uma certa freqüência da França para acompanhar os primeiros passos da filial Brasileira, a cada ano abriam-se filiais em novos países e o Brasil era o primeiro da América Latina, um dia o diretor geral recebeu um telex da matriz dizendo que estavam abrindo uma filial na Argentina e que estavam fazendo uma concorrência para a construção de uma nova usina hidroelétrica em consorcio entre Paraguai e Argentina, uma usina chamada Yaciretá onde haveria sete mil funcionários durante a construção e que havia interesse em prestar os serviços de estadia e alimentação nessa obra isolada, pediram no telex para enviar o Xavier para Argentina e depois ao Paraguai com o objetivo de fazer um levantamento e estudo da viabilidade do projeto para fazer a proposta de serviços. Senti-me lisonjeado e realizado quando o diretor geral me comunicou sobre minha viagem que iria fazer e as explicações sobre a missão de três semanas nos países vizinhos. Embarquei no aeroporto de Congonhas para Buenos Aires, ali estavam dois executivos da firma que me deram mais detalhes sobre o que eu iria fazer em Assunção, estava hospedado num belíssimo hotel de arquitetura antiga perto da Casa Rosada, nas refeições no próprio hotel costumava pedir o famoso “bife de chorizo”, uma carne deliciosa que nem na França tinha comido, tido acompanhado de uma boa garrafa de vinho argentino tinto. No Paraguai tinha tudo esquematizado para minha estadia, desde a reserva no hotel guarani como todas as visitas com fornecedores, companhias de transporte e até com um responsável do ministério do trabalho, gostei muito deste trabalho que me permitia sentir-me alguém importante. Saía diariamente do hotel de táxi e fazia minhas visitas e reuniões, ao final da tarde voltava ao hotel onde tomava banho e começava a premiar-me pelo meu dia tomando um drinque atrás do outro, quando terminava de jantar estava para lá de Bagdá, assistia um pouco a TV mas não havia grande coisa para assistir. Algumas vezes fui procurado no hotel sem saber como me tinham localizado, por fornecedores e até um criador de gado, tomávamos alguns aperitivos no bar do hotel, eles tinham como objetivo fornecer seus produtos caso ganhássemos a concorrência, fizeram-me propostas de ordem financeiro não muito honestas. Voltei a Buenos Aires antes de retornar a São Paulo para deixar meu relatório sobre meu trabalho assim como todos os dados que consegui durante minha estadia no Paraguai. Voltei a São Paulo, aproveitei para trazer varias garrafas e até um garrafão de whisky que comprei no free-shop.

Cansei-me de me debater para me adaptar ao Brasil, a casa em construção estava quase pronta para irmos morar nela, mas um dia resolvi pedir minha demissão, até porque o diretor francês que conheci no inicio e me contratou tinha voltado à França e sido substituído por outro diretor brasileiro, daí ficou bem pior para mim e não admiti em hipótese nenhuma estar subordinado ao novo diretor, mesmo com promessas de altos cargos no grupo dei lhe um ano (tipo ameaça, porque sabia que precisava muito de mim) para que “ele” se adaptasse ao seu novo

cargo e eu pudesse ir embora definitivamente para França. Acho que não acreditou e não me levou a sério, mas, exatamente um ano depois fui embora da empresa, nas vésperas de ser promovido e transferido como gerente da primeira filial no Rio de Janeiro.

Conheci nesta empresa o primeiro amigo brasileiro, o Plínio, chegou alguns meses depois de mim, em princípio iria trabalhar na área comercial mas acabou ficando no mesmo departamento que eu na supervisão dos restaurantes, cada um de nós tinha uma dúzia aproximadamente, mais tarde se juntou a nós o Richard, na verdade o único que era do ramo pois nem o Plínio nem eu nunca tínhamos trabalhado nessa profissão, a nutricionista que fazia toda a parte puramente técnica era a Sueli, este era o departamento operacional da empresa. Com quem mais me afinei sempre foi com o Plínio, chegamos a ter uma amizade extra profissional e as vezes íamos até jantar com nossas esposas durante o fim de semana, durante a semana e após o expediente íamos religiosamente tomar algumas cervejas regadas com Stanheiger, ele bebia socialmente de modo normal, eu tinha o hábito do exagero costumeiro a menos que estivesse doente. O Plínio sabia respeitar nossas liberdades de relacionamento, nunca entrou no meu campo nem eu no dele, tínhamos mútuo respeito um pelo outro, ele sabia de minha decisão de voltar a Europa, e sabia que ele tinha grande futuro na empresa, pois era mais equilibrado emocionalmente que eu, atualmente é ele quem dirige a empresa que cresceu muito no Brasil.

No desespero, minha família afundava junto comigo

Desnorteadado voltava ao inferno

A queda livre estava começando

Após os benefícios chegam os prejuízos

Parti à frente de volta a Europa, coloquei nossa casa a venda e deixei uma procuração ao meu cunhado para poder tratar deste assunto, era no mês de fevereiro de 1982, cinco anos após minha chegada em 1977. O Daniel tinha me proposto trabalhar no seu escritório em Paris, deste modo eu ia à frente para poder preparar a vinda posterior de Augusta e os filhos, o Vladi foi junto comigo. Sei que Augusta não concordava muito com esta decisão mas aceitou por causa das crianças. Quando cheguei em Paris fiquei morando com minha mãe que estava numa residência para pessoas idosas, eram casinhas individuais de um dormitório, o que seria suficiente enquanto recomeçasse minha vida na França, assim economizava aluguel. Os primeiros meses eram muito difíceis de suportar por causa da separação geográfica da Augusta e dos filhos, para conseguir suportar a situação bebia descontroladamente todos os dias, quando faltava bebida parava no caminho para comprar unicamente uma garrafa de whisky, sozinho com minha mãe não tinha nenhuma graça viver aquela vida, estava naquela situação por causa de minha teimosia e orgulho, percebi que meu padrão de vida tinha despencado, o socialismo tinha tomado conta da política na França, o desemprego e crise eram permanentes e ficava ali por princípio, batia mais forte a emoção do que a razão. Frequentemente quando voltava do serviço a noite ia jantar na casa de minha sobrinha Vinyet, que morava a uns dois km da residência de minha mãe, era mais jovem e seu marido muito simpático, quase que diariamente passava por lá, ela trabalhava no refeitório de uma escola e trazia diariamente muita comida que sobrava das refeições, passava algumas horas com eles para me distrair e esquecer que Augusta e as crianças estavam muito longe, comíamos e bebíamos bastante até tarde da noite. Os meses passaram, comprei um carro para facilitar o transporte para ir ao trabalho, correspondia-me com Augusta por carta e justamente durante esses meses meu sogro ficou muito ruim de saúde, ela alegou não querer ir de imediato para não piorar a doença do meu sogro, até porque tinham saído da Vila Madalena e moravam junto com meus sogros. Na minha ausência, um dia o Alain brincando com o Xavier na cama de casal pegou no interruptor que não estava bem fechado, pegou nos fios elétricos e se machucou, ficou uma cicatriz na mão dele para sempre. No mês de dezembro, não suportando mais a solidão e separação da esposa e dos filhos subiu o sangue na minha cabeça e resolvi comprar uma passagem de ida e volta para vir ao Brasil buscar pessoalmente a família. Fui na agência da Varig em Paris que estava localizada nos Champs Elysées, comprei a passagem para viajar no mesmo dia a noite, liguei para Augusta para que viesse me buscar no aeroporto de São Paulo no dia seguinte.

Cheguei como previsto no aeroporto de Congonhas cedo de manhã, estavam me esperando Augusta, Xavier e Alain, a alegria foi imensa por matar saudades, mas contrariado por não estarmos ainda todos juntos na França. Passei as festas do fim de ano junto com eles, estudamos com Augusta a melhor maneira de comunicar especialmente ao meu sogro sobre a volta de todos à França. Compramos as passagens deles para voltar no mesmo vôo que o meu, e

deixamos para comunicar ao meu sogro nossa partida no mesmo dia poucas horas antes de irmos ao aeroporto. Hoje penso que aquela viagem de volta deles à França foi um pouco forçada mas eu não queria ficar mais nenhum dia sem eles em Paris. Ficamos uns poucos meses na residência de minha mãe, mesmo que apertados, procurávamos uma moradia para alugar, fomos ver um apartamento e achamos o aluguel caro pelo que estavam oferecendo, mas surgiu outra oportunidade através do Santiago, ele disse que um colega de trabalho que morava em Lesigny a uns 20 km de Champs sabia de uma casa para alugar com um preço muito bom e que o lugar era excelente, peguei o endereço e fui ver somente por fora para apreciar a localização, gostei muito do lugar, era como eu queria, num condomínio onde as casas construídas não tinham muros entre os vizinhos, todo gramado e ajardinado. Marquei com a agencia imobiliária e fomos no dia seguinte visitar com Augusta, ela também adorou, nos fundos da casa havia um jardim com churrasqueira um riacho pequeno e a floresta, no condomínio tinha um club com quadras de tênis, piscina e todas as comodidades, o condomínio tinha sido projetado por uma companhia americana, era novidade na França e por sua localização não muito distante do aeroporto de Orly moravam la, pilotos e outros funcionários de companhias aéreas, o ambiente era excelente e fechamos negocio.

Mudamos a Lesigny, rapidamente Augusta conheceu vizinhos e outras pessoas no club, a escola para as crianças estava na saída do condomínio e também havia um microônibus que pegava as crianças para levá-las a escola, o Xavier as sete da manhã já estava no ponto de ônibus que se encontrava a vinte metros da porta de casa para ir a escola. Era muito agradável morar ali, mas nossa situação era bastante diferente da maioria dos moradores; somente eu trabalhava e meu salário não sendo muito elevado vivíamos muito apertados, tínhamos somente um carro Austin Morris “Mini” azul que tinha comprado quando ainda estava sozinho morando com minha mãe, e pela localização do condomínio seria preciso que Augusta tivesse também um carro para poder se locomover, em fim, esperava poder encontrar um novo emprego que me colocasse no “status” que eu merecia, tinha adquirido mais experiência durante meus cinco anos de permanência na América do Sul e pensei que facilmente contornaria a situação e que nos encontrávamos.

Em maio de 1983 recebemos a triste noticia por telefone que meu sogro tinha falecido, foi difícil para Augusta viver aqueles momentos longe da sua família.

Meu relacionamento com o Daniel tinha mudado muito, praticamente era uma relação patrão e empregado, não entendia o porque não tinha mais intimidade comigo, penso que recebera alguma boa quantidade de dinheiro e se colocou por cima de mim, nunca lhe perguntei porque estava agindo desse modo, eu somente tinha em mente arrumar outro emprego e não trabalhar mais com ele. Enviei inúmeros currículos mas a resposta era sempre a mesma, falta de diplomas. O índice de desemprego era muito alto, anualmente entravam muitos jovens recém formados no mercado de trabalho e não haviam vagas suficientes para eles, tudo isso misturado com a administração socialista do governo que abrigava imigrantes de outros países com os braços abertos, imigrantes estes que a curto prazo elevariam o numero de desempregados no país e recebendo o salário desemprego pago pelo governo. As expectativas que eu tinha criado em relação à França estavam indo água abaixo, fiquei decepcionado. Percebi logo que seria bastante difícil para eu progredir profissionalmente como vinha acontecendo desde a idade de quatorze anos quando comecei na SETAP como continuo, me resignei com minha situação e não foi nada bom para mim, meu orgulho estava começando a dar o troco. Para ajudar nas despesas da casa Augusta começou a passar roupa para outros moradores do condomínio e a ocupar-se das crianças das vizinhas depois que estas saiam da escola até as mães voltarem do trabalho, me senti muito envergonhado e pisoteado por viver aquela situação, o que iria explicar aos meus filhos quando estes fossem alguns anos mais velhos?, meu sonho de “pai modelo” estava longe da realidade, para completar o quadro vi-me obrigado no fim de ano em ir a uma quermesse onde vendiam brinquedos usados para comprar alguns para os meus dois filhos, foi o fim da picada,

ainda bem que eles inocentes não entenderiam minha dor nem meu orgulho ferido, nesta época aumentei bastante minha ingestão de bebida alcoólica.

Uma manhã de inverno estava indo para meu trabalho e tinha o habito de passar na minha mãe para tomar um cafezinho, pois ela morava bem no meio do trajeto, naquela manhã particularmente havia grande quantidade de neblina, era de noite ainda e precisava colocar os faróis baixos porque senão não enxergaria nada, de repente andando pela estrada bem devagar e colado no carro da frente senti-me envolto pela neblina, faltava-me o ar para respirar, parecia que estava me afogando sem saber porque, não dava para parar e ficava cada vez mais nervoso, para me distrair ligava o rádio e mudava de estação, subia a janela para que entrasse um pouco de ar e de repente a fechava de novo, vivia uma agonia e uma angustia indescritíveis, era na realidade minha primeira crise de síndrome do pânico, quando o transito começou a andar um pouco melhor parei o carro no acostamento e fui fazer xixi, e tomar um pouco de ar fresco, consegui chegar até a casa de minha mãe, não quis tomar café e me deitei para ver se minha crise passava, liguei no escritório para falar com o Daniel explicando lhe o que tinha acontecido, quando me encontrei um pouco melhor voltei para minha casa e chamei um medico, deu-me alguns dias de repouso e remédios para tomar mas desencadeou-se naquele momento outra doença de difícil cura e que me persegue até os dias de hoje.

Para ganhar algum dinheiro suplementar fazia bicos após meu serviço com um rapaz que fazia projetos por empreitada, sempre estava sobrecarregado de trabalho, isto é, os bicos eram quase contínuos, trabalhava mais horas mas estava precisando, o local onde fazia os bicos era em Chelles que também ficava no percurso de volta à Lesigny, teria gostado trabalhar o tempo todo com o rapaz mas era arriscado pois não tinha nenhuma garantia que haveria sempre serviço para os dois, não quis tomar riscos.

Em 1985 minha sogra veio nos visitar a Lesigny, ficou uns tempos conosco e planejamos ir a Portugal de férias pois ela iria ficar lá de passagem na volta para o Brasil, ela foi à frente de avião de Paris até Lisboa, e nós saímos uns dias depois os quatro rumo a Espanha e Portugal, tinha alugado dois quartos numa casa particular em Figueira da Foz. Passamos ali quase um mês de férias, aproveitando para visitar a cidade onde minha sogra tinha morado durante sua mocidade, chegaram amigos da família de São Paulo e um dia nos convidaram para almoçar, por conhecerem bem a cidade pedi lhes onde poderia comprar um garrafão de “bagaceira” para levar de lembrança à França, compramos após o almoço e levei para tomar em Lesigny, não durou muito tempo porque todo domingo após o almoço bebia grande quantidade daquela aguardente enquanto tomava o café e fumava uma cigarrilha.

Antes de partir de férias a Portugal tinha recebido uma carta do meu amigo Plínio de São Paulo, me comunicando que ia chegar à França e ficar algumas semanas porque faria um estagio na matriz, justamente coincidia com nossa volta das ferias de Portugal, chegamos e no dia seguinte fui buscar o Plínio no aeroporto de Orly, preferiu que o levasse até o seu hotel mas ficou combinado que viria jantar algum dia da semana em casa e que passaria o fim de semana com a gente em Lesigny. Meu filho Xavier estava comigo e fomos os três até o hotel, tomou banho e se refrescou, como era à tardezinha descemos para tomar uns chopes ao lado do hotel, até que bebemos bastante lembrando-nos de nossos velhos tempos na firma que trabalhamos juntos e da qual ele ainda era funcionário.

Vi o Plínio varias vezes e também passou um fim de semana em casa, conversamos bastante sobre seu trabalho e sua família, fomos dar uma volta a pé pelo condomínio e sentamos no club na beira da piscina, confidenciei lhe sobre minha vida e meus problemas mas em nenhum instante me dobrei mostrando lhe que poderia estar arrependido de ter voltado à França e perdido a oportunidade de carreira no Brasil, tudo isso por causa de meu orgulho. Entretanto, ele tinha permanecido na firma e, apesar de passar por algumas dificuldades conseguiu supera-las e continuar sua ascensão profissional, não sei se Augusta teve alguma conversa particular com ele durante sua estadia em casa, pressuponho que sim, que ela pode ter lhe contado o que meu

orgulho não me deixou contar. Durante nosso bate papo na beira da piscina perguntou-me se surgisse alguma vaga na firma do Brasil se eu aceitaria voltar de novo, minha resposta foi que se isso viesse a acontecer pensaria na hora. No dia do embarque para retornar a São Paulo, fomos jantar os dois num dos melhores e mais famosos restaurantes de Paris, era no Train Bleu na Gare de Lyon, um suntuoso restaurante dentro da estação de trem com decoração “retro” e todas as paredes revestidas de veludo, o pé direito era muito alto, os tradicionais garçons vestidos de preto com seus aventais logos até os pés, o Plínio fez questão de tomar como aperitivo um “Kirsh Royal” eu fui na dele e pedi a mesma coisa, foi um jantar gastronômico que nunca esquecerei. Acompanhei-o ao aeroporto Charles de Gaulle e embarcou para São Paulo. Confesso que estava revoltado comigo mesmo, reconhecia meus erros nas decisões que vinha tomando nos últimos anos e o pior, estava levando mulher e filhos a viver uma vida completamente contrária a que eu desejava para eles. Senti que estava em queda livre afundando e perdendo o domínio de minha vida, para suportar tais situações precisava beber, não conseguia mais enfrentar a realidade de frente. O peso da responsabilidade da família me amarrava e não podia mais chutar o pau da barraca e “fugir”, percebi que era um fraco e vivia em depressão constante.

Decepcionado e derrotado a vida não tinha mais sentido, a única segurança que tinha era que morávamos num país de boa estrutura social, eventualmente nada de mal aconteceria à Augusta e às crianças, não tinha mais nenhum objetivo pela frente, estava completamente perdido, foi uma época muito triste de minha vida.

Em março de 1986, o dia do aniversário de Augusta, o telefone tocou, era o Plínio que estava me ligando de São Paulo, lembrou me daquela conversa que tivemos na beira da piscina quando veio passar o fim de semana em casa, estava me propondo de retornar ao Brasil na firma que trabalhamos juntos e que agora ele tinha assumido o cargo de gerente de operações a nível Brasil, dissera me se estaria interessado em ocupar o cargo de gerente regional em Campinas interior do estado de São Paulo a cem quilômetros da capital e que se topasse iria morar naquela cidade. Pegou me de surpresa e não soube o que responder, pedi lhe um dia para pensar e lhe dar a resposta. Veio na minha mente o pensamento de que talvez estava chegando a oportunidade de reverter a situação em que estava vivendo, pensei em Augusta e os filhos, lembrei-me de qual era minha posição quando trabalhei em São Paulo, da casa que tinha construído e que ainda era nossa, todos esses pensamentos e a possibilidade de recomeçar tudo de novo me influenciaram positivamente para a tomada de decisão. Conversei com o Plínio no dia seguinte e aceitei, ele me dissera que precisava chegar a São Paulo o mais rápido possível, eu lhe respondi que precisava tratar da mudança e que isso levaria um certo tempo, que Augusta e as crianças iriam a frente enquanto eu tratava de tudo na França, e ficou assim combinado. Evidentemente a alegria de Augusta foi muito grande, mas eu tomei sozinho a decisão de retornar ao Brasil.

Como quem vai começar uma vida nova, resolvi me desfazer de muitas coisas e objetos pessoais, dei todas as roupas e calçados, vendi meu som, filmadora e outros apetrechos mais. Comprei algumas roupas novas para quando chegasse ao Brasil, na véspera de partir pedi à Odette minha irmã para que me fizesse a barra das calças e passasse no ferro elétrico a roupa, seria a ultima vez que iria ver minha irmã Odette viva.

Tinha que aproveitar a ultima oportunidade

*Estava derrotado, sem mais nenhuma expectativa de vida
Forçado em aceitar a realidade para manter-me vivo*

No começo do mês de abril de 1986, levei Augusta às crianças e o Vladi ao aeroporto de Orly, eles voltariam a São Paulo viajando pelas Aerolineas Argentinas, e eu fiquei para preparar a mudança e liquidar as pendências. Pedi demissão do meu serviço junto ao Daniel que não me fez nenhuma pergunta, ele tinha percebido que eu não estava satisfeito. Contratei os serviços de uma transportadora e despachei toda a mudança, somente me restava comprar a passagem de volta ao Brasil, consegui uma passagem para início do mês de maio bem mais em conta viajando de Paris a Londres, Lisboa, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. O Guy, marido de uma de minhas sobrinhas e seu irmão me acompanharam até o aeroporto de Orly para pegar o avião que me levaria a Londres, era um vô noturno econômico, bebemos bastante cerveja em quanto aguardava a chamada para o embarque, estava embriagado quando subi no avião, o problema era que por causa da cerveja tinha muita vontade ir ao banheiro, o avião era de tamanho reduzido e o tempo de vô muito curto, não dava para ir até o banheiro e quase que fiz xixi em cima de mim no avião.

Em Londres morava outra sobrinha, Ana Maria a filha mais velha de minha irmã Odette, quando cheguei em Londres a chamei pelo telefone desde o aeroporto, ela me explicou como fazer para chegar até a casa dela, eu lhe respondi que não falava nem lia uma palavra de inglês e que por favor viesse me buscar, ela veio e me levou até sua casa. Passei uns dois dias em Londres no aguardo de pegar o outro avião da TAP que me levaria a Lisboa, fiquei fazendo um pouco de turismo e matando saudades com ela porque fazia muito tempo que não a via. Na véspera da partida, fomos num “pub”, bebi ali todo o que tinha direito aproveitando a ocasião para beber a famosa cerveja “guiness” e depois é claro whisky até me derrubar, tinha no pub um conjunto que tocava todo tipo de musicas, de repente tocaram “Brasil”, e eu sai dançando na pista e sem falar o inglês eu gritava “tomorrow me in Brasil”, estava muito eufórico, em primeiro lugar porque tinha bebido muito, em segundo lugar porque sabendo que Augusta e os filhos estavam já em São Paulo me dava uma certa tranqüilidade, e finalmente porque nessa nova guinada em minha vida tudo poderia acontecer, esta poderia ser a ultima cartada e devia aproveitar para me sair bem de uma vez por todas, poderia ser o fim do meu sofrimento. Durante o período que fiquei sozinho tratando da mudança Augusta me ligou desde São Paulo para me dizer que tinha encontrado o Plínio e que havia uma pequena mudança nos planos para meu trabalho no Brasil, que não iria mais para Campinas, que a filial que eu iria gerenciar seria a do Rio de Janeiro e o que eu pensava disso, para mim foi uma grande surpresa e ainda para muito melhor, lembrava de minha adolescência e também da primeira vez que cheguei no Brasil do quanto tinha ficado emocionado, sempre tinha sonhado um dia morar no Rio de Janeiro e isso estava para acontecer. Obviamente que disse que estava de acordo em ir trabalhar ao Rio no lugar de Campinas.

Viajei de Londres a Lisboa no horário do almoço, era uma viagem curta mas o avião era bem mais confortável do que tinha tomado de Paris a Londres. Duas horas depois estava aterrissando em Portugal, um primo em segundo grau de Augusta estava me esperando, era o Nito que já o tinha conhecido durante nossas férias, ele não morava muito longe de Lisboa numa cidade pequena no alto de uma colina com vista para o mar, passaria a tarde na casa dele com sua

família, jantaria e me levariam ao aeroporto para viajar novamente pela TAP para o Brasil, o vôo era às vinte e três horas, viajei para o Brasil com escalas em Recife e Rio de Janeiro que era o ponto final da TAP, fiz conexão e em outra companhia terminei a viagem até São Paulo no recém construído aeroporto de Guarulhos. Minha saída da alfândega demorou mais tempo que os outros passageiros porque tinha que mostrar toda a documentação já aprovada na França pelo consulado brasileiro, obviamente tinha que provar porque minha passagem era somente de vinda, uma vez que passei por todos os controles finalmente sai no saguão e atrás dos vidros que separavam passageiros e publico vi de longe à Augusta, o Xavier e Alain que estavam colados trás os vidros quase que os lambendo, fiquei feliz, muito feliz. Toda a família de Augusta inclusive amigos da família vieram ao aeroporto para me receber, foi grande a emoção em revê-los abraçamo-nos com Augusta e os filhos um bom tempo. O Dr. Silvio grande amigo da família fez questão de me oferecer um cafezinho brasileiro na lanchonete do aeroporto e aceitei prontamente. Augusta me disse depois que o Plínio não ia poder vir no aeroporto porque tinha compromissos de trabalho, que viria almoçar com a gente no apartamento de propriedade de meu cunhado onde morava minha sogra e provisoriamente Augusta e os filhos. Na verdade estava muito contente por reencontrar à família e pela nova oportunidade que tinha se apresentado, chegamos no apartamento tomei banho para me refrescar e vesti roupas apropriadas ao clima, após o meio dia chegou o Plínio como sempre impecável de terno, gravata e a pasta.

Foi bom vê-lo novamente, eu fazia questão de que revivêssemos os velhos tempos, fui até o quarto procurar na minha bagagem uma garrafa de whisky Walentine's doze anos, abri e me acompanhou tomando umas doses para comemorar, pensei que poderíamos conviver e trabalhar como antigamente quando tínhamos o mesmo cargo então dissera lhe que ele agora era o gerente nacional de operações e que o diretor geral poderia-me aproveitar para abrir novos mercados em outros países de América Latina, claro, depois que eu houvesse solucionado os problemas que a firma tinha no Rio de Janeiro e que eu supunha que por este motivo tinham-me convidado para voltar ao Brasil. O Plínio não interpretou minha colocação da mesma maneira que eu, sentiu-se agredido como se eu quisesse passar por cima dele ou ir além de suas funções para conseguir um cargo superior ao que ele tinha naquele momento e respondeu-me que si tal probabilidade surgisse seria ele quem assumiria este cargo na empresa, ele interpretou que eu queria evitar em ficar sob seu comando, acho que houve um mal entendido, ele falava e pensava como um profissional e eu falava e pensava com meu coração e bem intencionado, queria na verdade que fossemos ter um relacionamento de igual para igual e não de chefe para subordinado, e foi isso que me atrapalhou e prejudicou nesta nova fase. Era preciso que fizesse um pequeno estagio de integração e atualização pois tinham-se passado mais de quatro anos desde que tinha partido para Europa, mas o Plínio pediu-me para acelerar e que fosse o mais rápido possível para o Rio, primeiro eu sozinho na frente e depois minha família. Fiz o estagio em apenas duas semanas, entreguei o relatório ao Plínio, comentei o que ali estava escrito. As observações e críticas que escrevi no relatório foram feitas com a melhor das intenções no sentido de ajudar ou colaborar para o crescimento da firma, mas acho que o Plínio não o interpretou desse modo. Transcrevo alguns trechos do meu relatório: *“Por razões de mudanças freqüentes de estrutura nesses últimos anos, e a incidência do crescimento rápido da Empresa, o pessoal ao nível de supervisão esta muito desmotivado e desorientado. Na fase atualmente critica, um gerente de Recursos Humanos se torna indispensável. Não é de minha incumbência analisar o estilo ou política adotados em SP, mas é preciso salientar a total falta de comunicação nesta área, falta de motivação, falta de sinceridade (porque fechados neles mesmos e ou incompetência), mas continuando a fazer devidamente o serviço, porque gostam da Empresa. Espero que o problema venha se estabilizar, porque do contrario poderia se tornar crítico A comunicação esta faltando de cima para baixo (importante como se comunicar), e conseqüentemente falta o pique (punch) e o planejamento para ser mais eficientes, sem esses itens não se obtém todo o potencial a ser desenvolvido e deixamos de otimizar a área operacional A comunicação e a informação*

interáreas é muito discutível, com a interferência entre os próprios departamentos ou áreas, o que traz como conseqüências fatais, uma completa confusão, e uma total ineficiência”.

Fui logo transferido para o Rio de Janeiro, sozinho tentando me integrar e conhecer a nova realidade, morava no hotel e viajava todo fim de semana para São Paulo. Aluguei um apartamento no bairro do Grajaú comprei o mínimo necessário para que Augusta e os filhos pudessem vir se juntar a mim. Consegui fazer um bom trabalho durante o ano que fiquei no Rio, a responsabilidade era grande havia em torno de quatrocentos e cinquenta funcionários sob meu comando e o faturamento mensal equivalia a meio milhão de dólares. Fomos passar uns dias de férias no apartamento de Praia Grande no litoral Paulista, estávamos isolados do mundo e curtindo a praia nós quatro e o Vladi quando no horário do almoço fomos chamados pelo zelador porque minha sogra estava chamando pelo telefone de São Paulo (o zelador era o único que tinha telefone no prédio), Augusta atendeu e ficou sabendo que tinha chegado um telegrama de minha sobrinha Ana Maria dizendo para entrar em contato urgente em casa de minha mãe, terminamos de almoçar e fomos logo ao correio para chamar à França, eu tinha-me preparado psicologicamente para escutar a notícia do falecimento de minha mãe, e não foi nada disso, conversei com minha sobrinha e com minha mãe que me comunicaram que minha irmã Odette tinha falecido de repente, não conheciam a causa mas que talvez fosse pelos remédios antidepressivos que estaria tomando em grande quantidade e que talvez poderia ter misturado com bebida alcoólica, foi uma notícia muito desagradável para mim, mas não podia fazer nada, minha irmã tinha falecido com seus cinquenta e três anos de idade.

Por causa de falta de atividade profissional por parte de Augusta que não gostava de ser chamada “do lar”, pensamos que seria mais fácil em São Paulo arrumar um emprego para ela, porque no Rio não conseguiu, e também porque tínhamos nossa casa que estava alugada mas que poderíamos reaver evitando despesas com aluguel como era o caso no Rio. Durante minha estadia no Rio viajava a São Paulo pelo menos uma vez por mês para apresentar pessoalmente os resultados da filial, uma vez o Xavier filho viajou comigo para São Paulo pela ponte aérea e ficou alguns dias na casa de sua vovó, estava muito feliz por viajar de avião com seu pai. Pedi para ser transferido para São Paulo e consegui, a principio o Plínio não concordava e eu ameacei em sair da firma, a metade de 1987 estaríamos voltando para São Paulo no apartamento de minha sogra enquanto não pegássemos nossa casa de volta para morar. Fizeram uma festa de despedida para nós no Rio, mais uma vez ganhei um cartão de prata com o nome de todo o pessoal do escritório, era o segundo cartão pois em 1982 quando parti da firma para a França tinham-me presenteado também com um cartão de prata.

Em São Paulo ocupava o mesmo cargo que no Rio, gerente regional de uma área geográfica sempre no setor operacional, desta vez estava mais próximo do Plínio. O problema das fobias e crise do pânico me perseguia sem me avisar quando acontecia, um dia indo ao escritório precisei voltar para casa no meio do caminho por causa de uma crise, na firma ficaram preocupados e resolveram me transferir para a área de recursos humanos. Em setembro do mesmo ano recebia uma carta manuscrita pela responsável da área de recursos humanos do Rio, a Teresinha, que após minha saída do Rio não conseguiu se relacionar com meu sucessor e estava saindo da empresa, ela escrevia na carta: *“Xaxá (diminutivo de Xavier), como é difícil me despedir de você. Não sei se alguma vez te disse, mas tenho profunda admiração por você, como pessoa e como profissional. Não conta para ninguém, mas tenho muitas saudades do tempo em que trabalhamos juntos. Sem dúvida, foi para mim a fase de maior autonomia, maior criatividade, maior respeito profissional. Acho muito bom você estar trabalhando agora em RH. Eu, melhor que ninguém, sei o quanto você gosta da área e o quanto você pode fazer por ela. Por favor, continue produzindo tudo o que você é capaz; ainda há muito a ser feito para que a empresa tenha um RH EFICAZ (e não apenas eficiente). Desejo lhe muito sucesso dentro e fora da firma. Posso lhe garantir que terá sempre uma grande amiga. Sempre que precisar ou tiver*

um pouquinho de saudade, me procure. Dê, por mim, um grande abraço na Augusta. Muito, muito obrigada por tudo, abraços . . . Teresinha.

Meus conflitos emocionais provocados pela bebida me causavam novamente sérios transtornos juntamente com o pânico, Augusta estava muito preocupada comigo, meu desempenho no serviço estava caindo. Fui durante algumas semanas mais ou menos uma vez por semana num centro espírita para tomar um passe, para eu ter aceitado faze-lo era porque estava me sentindo muito mal, ainda teimava e continuava bebendo, não acreditava em nada nem em ninguém, estava fechado e isolado mais uma vez no meu mundo, e sofrendo. Mais uma tentativa foi a de consultar uma psicanalista e fazer um tratamento para tentar melhorar, ela me deixava conversar sozinho deitado no sofá enquanto ela colocava o cronômetro a funcionar, quando terminava o tempo me dizia “por hoje é só”, e no fim do mês eu lhe fazia um cheque para pagar as consultas, não dei continuidade porque tinha a impressão de estar sendo roubado. Uma noite na hora de dormir, minha depressão tinha chegado a tal ponto que comecei a chorar na cama, Augusta ficou muito assustada sem saber o que fazer, ela punha sua mão na minha testa para tentar me tranquilizar, eu estava desesperado.

Durante esse período fizemos o necessário para recuperar nossa casa que estava alugada, não havíamos tido ainda a oportunidade de morar nela, em 1982 quando estava pronta eu tinha preferido voltar à França, o bairro tinha crescido muito, tivemos sorte pois a valorização estava muito além da inflação, era um bairro muito procurado classe “A”, onde somente haviam residências de alto padrão, minha casa ficava de frente à praça. No final de 1989 conseguimos pela justiça despejar os inquilinos para morar finalmente em nossa casa oito anos após sua construção, mandamos fazer uma reforma geral e deixa-la em condições de morar. Alguns meses antes de mudar para nossa casa, ainda no apartamento, o Vladi morreu de velhice com dezessete anos de idade, muita idade para um cachorro pura raça que não deveria ultrapassar os doze anos, ele andava caindo e Augusta o pegou nos seus braços para levá-lo ao veterinário pois eu não tinha coragem, quando saiu com ela, eu sabia que não voltaria mais em casa, foi um triste “adeus”.

Três meses após nossa mudança definitiva expliquei à Augusta o que estava sentindo a respeito do meu trabalho e minha saúde, ela me sugeriu que o principal era que eu me sentisse bem e que havia muitas outras firmas onde seguramente acharia um bom emprego. A sugestão de Augusta me fez sentir aliviado, não teria gostado pedir minha demissão sem conversar com ela, assim foi bem mais fácil para que pedisse a demissão, e foi o que fiz. O Plínio me perguntou o porque estava indo embora, disfarçou muito bem sua posição como “chefe”, eu não lhe dei nenhuma satisfação, devolvi lhe as chaves do carro da firma e os respectivos documentos, a calculadora financeira HP, uma gravata e um botton da empresa, agi de um modo muito duro e seco com ele, dissera-me que a gente falaria mais tarde, eu respondi lhe que isto não iria ser possível porque estava indo embora do escritório e que não ia voltar mais.

Estava começando outra etapa em minha vida, aliviado por sair da firma que tanto gostava parecia que tinha conseguido tirar uma espinha que estava me incomodando, mas angustiado por ter problemas de relacionamento com os outros. Era uma incógnita, estava sem emprego morando em nossa casa sem planos futuros mas tinha recebido uma boa quantia na rescisão com a empresa. Planejamos com Augusta abrir uma firma de alimentação para fornecer refeições nas indústrias, eu tinha experiência e ela sendo nutricionista tínhamos tudo para dar certo, consegui até que bastante rapidamente o primeiro contrato numa firma em Alphaville na grande São Paulo, que ótimo para nós, estávamos muito contentes. De manhã as crianças iam à escola em Pinheiros, nós dois íamos até o cliente, e no fim da tarde voltávamos juntos à casa passando antes pela escola buscar os meninos. Foi uma boa época em todos os sentidos, mas eu falhei em me acomodar e não sair à procura de novos clientes, na verdade conseguimos mais um contrato mas não era o suficiente. Nessa época houve uma crise política e o confisco do dinheiro em circulação por parte do governo (da noite para o dia) de todos os brasileiros sem exceção,

todas as pessoas físicas estavam sem liquidez e as firmas também, era uma loucura e não demorou muito em perdermos os clientes por falta de dinheiro destes. Uma amiga de Augusta que era síndica no condomínio onde morava num bairro residencial perto da avenida Paulista, nos propôs que se quiséssemos poderíamos administrar a lanchonete do condomínio, eram muitos apartamentos e moradores, havia um centro de lazer e esportivo muito grande e os fins de semana o movimento era grande, concordamos em fazer o negocio. Foram alguns meses com muito trabalho mas com inúmeros problemas porque muitos clientes ou seus filhos assinavam as despesas na lanchonete e depois era difícil receber porque os pais não concordavam com as consumações dos filhos na lanchonete. Os controles de dinheiro eram complicados pois não dava para ficar de olho em tudo, pelos horários e feriados que trabalhávamos não compensavam nem de longe os resultados financeiros. Ficamos com a firma aberta por mais de um ano e desistimos, foram os anos 1990/1991 muito cansativos e sem resultados que merecessem a pena.

Um antigo colega de trabalho da empresa de alimentação e restaurantes coletivos entrou em contato comigo, ele estava gerenciando uma filial regional em Salvador na Bahia, tinham-no procurado para gerenciar outra firma no mesmo ramo de atividade mas voltada para “off-shore”, ou seja o principal cliente era uma empresa nacional de perfuração e exploração de petróleo, em plataformas marítimas ou em terra no continente, meu amigo indicou meu nome para ocupar o cargo, fiz uma serie de entrevistas e fui contratado pela empresa como diretor de operações a nível nacional para todo o Brasil. O escritório que me contratou ficava em São Paulo, porém o dono da empresa assim como toda a administração estava no Rio de Janeiro, os clientes estavam espalhados por todo o território nacional mas principalmente na bacia de Campos (Macaé), Salvador, Aracaju, Mossoró e Natal. Trabalhei somente três meses nesta firma, na verdade passava mais tempo viajando de avião do que propriamente nos escritórios das diversas filiais, montei uma estrutura operacional nomeando gerentes regionais para as diversas áreas geográficas, passei um bom tempo em Rio Grande do Norte onde estava iniciando uma nova operação em Mossoró, o calor era demais, era a primeira vez em minha vida que estava num lugar tão quente, as sete da manhã a temperatura era aproximadamente de quarenta graus centígrados, e ao meio dia acima de quarenta e cinco graus, lembro que na estrada via o asfalto ferver, com certeza dava tranquilamente para estrelar um ovo no chão, ainda suportava razoavelmente por ser gringo, quando vinham diretores de São Paulo não saiam do escritório aonde haviam aparelhos de ar condicionado. Esta firma não era nada seria, não tinha nada a ver com a multinacional francesa onde tinha trabalhado, faltava honestidade perante os funcionários e fornecedores, precisava contar historias sem pés nem cabeça para que tanto funcionários como fornecedores continuassem trabalhando e fornecendo, eu tinha credibilidade pelo meu modo de falar e negociar mas não tinha sustentação por parte da firma que não se importava em ter o nome sujo na praça, foi uma oportunidade para viajar bastante e conhecer um pouco deste imenso país, fui até passar vinte quatro horas numa plataforma em alto mar a cinquenta minutos de helicóptero do continente, tive muito medo mas por dentro da plataforma parecia um hotel cinco estrelas, na hora de partir e subir no heliporto precisei de duas pessoas para assegurar para eu não cair, a altura em cima do mar era tão alta que minhas pernas não me obedeciam parecia que ia desmaiar, ali na plataforma era rigorosamente proibida a ingestão de bebida alcoólica, quando regressamos a Macaé e cheguei ao hotel fui desesperadamente ao frigobar para tomar algumas cervejas e whiskys. Saí numa boa da firma e voltei a São Paulo.

Voltava tudo a estaca zero, Augusta procurou um emprego para que pelo menos houvesse alguma entrada de dinheiro em nosso lar, tínhamos economias para viver alguns tempos mas tínhamos que recomeçar tudo novamente. Eu não queria voltar a trabalhar novamente para um patrão, fiz alguns contatos pelo telefone mas a crise estava brava, não consegui nenhuma colocação. Apareceu uma oportunidade, soube que uma multinacional francesa no ramo de laticínios e derivados estava nomeando distribuidores institucionais para vendas diretas aos consumidores e grêmios de empresas com preços inferiores aos dos supermercados, por

coincidência conhecia o diretor de vendas da empresa com o qual tive uma reunião e me dissera que se eu quisesse podia ser um distribuidor sem problema desde que tivesse as instalações mínimas para tal, como por exemplo câmara fria e transporte refrigerado para os produtos. Conheci alguém no bairro onde moro que estava interessado no negocio e que tinha já as instalações necessárias por ser distribuidor de frios, era um japonês o Lauro que imediatamente quis conversar a respeito. Montamos logo a sociedade cujo nome eu tinha escolhido como “La Ferme” que em francês quer dizer “A Fazenda”, quem tratou das papeladas para abertura da firma foi o contador que já tratava da minha firma de refeições industriais, mas o Lauro não a pôs em nome dele e sim de um funcionário dele (laranja), nem desconfiei nem questionei o porque estava fazendo desta forma, mas com o decorrer do tempo percebi que a distribuidora de frios estava emitindo notas frias contra a distribuidora de laticínios com o objetivo descontar duplicatas, quando percebi o que estava fazendo comuniquei ao meu contador o qual intimou-o a transferir a metade da firma para Augusta ou denuncia-lo e abrir um processo contra ele, nem se defendeu sequer, pagou os títulos no banco e assinou um documento passando a parte do “laranja” para o nome de Augusta, ainda precisou me ressarcir os danos e levei sua câmara frigorífica e vários móveis e equipamentos de escritório, a partir daí mudamos de local, fizemos alteração do estatuto da firma e começamos vida nova mas desta vez sem sócios, Augusta e eu éramos os únicos proprietários da firma. O mercado estava ruim e em crise, o aluguel bastante alto, fizemos alguns negócios que renderam bons lucros mas no global dava prejuízo, contratei um gerente de vendas que não conseguiu cumprir as metas, posteriormente conheci o Célio que quis investir algum dinheiro como sócio, mas o negocio não foi para frente. A essas alturas Augusta precisou arrumar um emprego e eu estava afundando cada vez mais, o álcool não me ajudou e sofria demais, estava perdendo totalmente o domínio e o controle de minha vida, estava desesperado e na reta final. Precisei me desfazer do gerente de vendas e mudar para outro local menor para economizar despesas fixas, o Célio sem nenhuma queixa preferiu voltar a trabalhar e foi contratado num renomado banco para ampliar negócios e parcerias do banco em outras atividades. Já em local novo fiquei somente com o motorista e tentei fazer algumas vendas sozinho, e ele entregava as mercadorias, eu não estava mais indo à firma, era um pequeno local com a câmara fria para estoque de mercadorias que normalmente ficava fechado, o motorista levava ou ia buscar mercadorias para entregas aos clientes, funcionou assim uns seis meses até o dia que o motorista acabou com o motor da Kombi por falta de manutenção e descuido por parte dele, preferi manda-lo embora enquanto o veículo ficava parado na frente de minha casa com o motor quebrado, tive que paralisar as atividades da “La Ferme” pagando ainda os alugueis todo mês. Dei-me por perdido enquanto ao negocio de distribuição, ficava durante o dia ocioso e começando a beber diariamente a partir do meio dia. Uma vez Augusta esqueceu de fazer as compras durante o fim de semana como era habitual no supermercado das bebidas alcoólicas e cervejas, eu não estava mais saindo de casa e na terça feira faltou bebida na dispensa para meu consumo, comecei a ficar nervoso e ansioso, de manhã cedo não sabia como eu faria ao meio dia para beber se não havia nada em casa, pensei que a única solução seria pedir ao meu filho Xavier quando voltasse da escola que fosse rapidinho de bicicleta ate o supermercadinho e comprasse para mim, fiquei me remoendo durante toda a manhã, precisava beber ao meio dia mas se pudesse controlar à compulsão o melhor seria não pedir nada ao Xavier, naquele momento lembrei-me de quando ele nasceu em janeiro de 1978, a alegria que eu tive e de como me senti realizado, tinha feito inúmeros planos para o meu futuro e o dele, sabia que queria ser um pai bem sucedido e exemplar, que pudesse dar a maior segurança aos meus filhos, queria ser um pai e esposo equilibrado e feliz, mas naquele momento da terça feira de manhã a historia era bem outra, tinha-se passado já quatorze anos bebendo diariamente e me encontrava diante uma difícil escolha, iria ou não pedir ao Xavier que fosse comprar uma garrafa de pinga?. O Xavier e o Alain chegaram da escola as treze horas, nervoso fiquei rodando em torno da mesa da sala de jantar, o que fazer?, chamei o Xavier e dissera lhe “escuta, a mamãe esqueceu de comprar no sábado

passado pinga para fazer caipirinha, será que você daria um pulo até o supermercadinho para comprar uma garrafa?”, na verdade eu bebia a pinga pura mas por causa do meu orgulho achei interessante e mais elegante comentar sobre a caipirinha, ele olhou bem nos meus olhos e me disse: “pode deixar pai, vou comprar, eu entendo”. A resposta do Xavier me deixou envergonhado, muito envergonhado, percebi que a decepção estava marcada no seu bonito rosto, eu tinha falhado e chegado a ponto da perda total do controle sobre mim mesmo e sobre meu modo de beber, senti-me no momento como se estivesse sendo fuzilado por um pelotão de execução, senti que estava morrendo naquele instante, eu dependia da bebida alcoólica para viver, precisava beber para viver, não conseguia mais não beber e sofria por isso, era um círculo vicioso, bebia para não sofrer e sofria porque bebia, e isso diariamente.

Passaram-se alguns meses neste estilo de vida, Augusta trabalhando fora de casa, eu com a firma ainda aberta com despesas e sem faturar nada, e bebendo como sempre o fiz, ou seja, diariamente, não bebia mais whisky escocês doze anos nem whisky nacional nem do Paraguai, pela quantidade que precisava beber somente dava para beber pinga Cinquenta e Um ou Velho Barreiro. Também não saía de casa por causa da fobia. Durante este período já na reta final do meu alcoolismo andei procurando botar todas as papeladas e documentos em ordem, escrituras, seguros, impostos etc., não sabia se iria viver por muito tempo e queria que Augusta não ficasse atrapalhada a respeito dos documentos, pois era eu quem sempre tinha administrado nosso lar como um verdadeiro “chefão”. Meu desespero era tanto que um dia durante o jantar disse que estava farto por ter tanto percebimento e sensibilidade com as coisas que me cercavam; desejava ser analfabeto, pedreiro e pobre, esta era minha receita para não sofrer, procurava uma saída, eis a verdade porque nunca tive essa bola toda nem fui rico, era somente uma expressão que procurava manifestar querendo ser uma pessoa mais simples e menos complicada.

Em outubro de 1992 fomos convidados a um casamento de amigos quase parentes da família de Augusta, era um convite irrecusável e eu deveria ir também ao casamento, era o sábado dia dezessete a noite, primeiro seria o casamento na igreja e depois iríamos ao jantar para os familiares e amigos mais íntimos. Naquele dia eu não estava nada bem e deprimido como quase todos os dias, era um sacrifício para eu ter que sair de casa para ir ao casamento, teria preferido que como outras vezes Augusta tivesse ido sozinha com o Xavier e o Alain, mas conhecia e gostava muito do Zeca, pai da moça que ia casar. Eu como de costume tinha bebido desde o meio dia, antes de ir ao casamento eu e Augusta havíamos tido uma conversa onde me queixei que ela só se importava com seu trabalho e ela me disse que meu verdadeiro problema era a branquinha da garrafa, a tardezinha e por último me arrumei e fomos os quatro a igreja onde ia ter o casamento, não passei nada bem e me senti muito esquisito e triste, depois do casamento fomos até o buffet para o jantar no bairro de Higienópolis aqui em São Paulo, continuava não estando bem, mas pensei que após alguns whiskys poderia estar mais relaxado e melhor, infelizmente não foi o que aconteceu, bem ao contrario comecei a me sentir cada vez pior, por sorte colocaram os convidados em mesas redondas de nove lugares e em nossa mesa estavam minha sogra, meu cunhado Elpidio e minha cunhada Fina, meu sobrinho Helio e a namorada, o Xavier, Alain, Augusta e eu, pensei que seria menos mal porque não estava a fim de conversar com ninguém e aí pelo menos todos eram parentes e não tinha nenhuma obrigação de ser simpático naquele momento de depressão, o Xavier estava sentado bem na minha frente, ele vestia um paletó meu e umas calças minhas, o Alain não vestia sequer paletó porque os meus não serviam para ele, pela situação e o momento pela qual eu estava passando aquele quadro me deixou ainda mais frustrado e abatido, tomei conhecimento e tive a consciência do meu fracasso na vida, todos meus sonhos e projetos tinham ido água abaixo. Meu copo long drinque andava sempre cheio e eu cada vez pior, Augusta percebeu que eu não estava legal e ficou muito preocupada, ela sugeriu que o Xavier descesse comigo ao jardim do buffet para tomar um pouco de ar fresco, aceitei a sugestão e descemos tomar um pouco de ar puro, o Xavier perguntou-me o que estava acontecendo, eu disfarcei e não lhe disse a verdade de como me estava sentindo, não

queria decepcioná-lo, subimos uns quinze minutos depois e sentamo-nos novamente na mesa, o jantar estava servido e eu não consegui comer absolutamente nada, mas continuava bebendo devagar, sei que chamei a atenção e alguns convidados que me conheciam ficaram preocupados, repentinamente senti uma mão amiga em cima do meu ombro direito, era o senhor Horacio pai de duas amigas de infância de Augusta, a Cila e a Lídia, ele sussurrou no meu ouvido algumas palavras bondosas, dissera-me “não fiques triste Xavier, a vida é feita de altos e baixos, dias melhores estão por vir, não sei porque estás triste nem precisas me dizer, sei que tua família está longe na França, não sei se teu negócio está dando certo, mas, olha que esposa e filhos bonitos você tem, tenha fé que tudo vai mudar para melhor, nós aqui te amamos muito, Xavier levanta esse astral”. Estas palavras me deixaram extremamente emocionado e tocaram-me profundamente, a partir desse dia nunca mais esqueci destas palavras amigas do senhor Horacio passei a considerá-lo como um pai/mentor e amigo no Brasil.

As palavras do senhor Horacio me reconfortaram de certo modo, mas minha tristeza continuava, acho que essas palavras deram-me uma esperança que poderia haver uma luz no fim do túnel, reconheci minha derrota e talvez poderia estar disposto a entregar os pontos, não seria uma tarefa fácil. Quando finalizou o jantar voltamos os quatro para casa, durante o trajeto de volta me encontrava ainda pior, apesar do que tinha bebido aquele dia estava consciente e minhas idéias muito claras por causa dos sentimentos e verdades que teria descoberto sobre mim mesmo, as palavras do senhor Horacio tinham-me certamente influenciado, e muito. Voltávamos para casa e eu chorava igual a uma criança pequena, cheguei até a soluçar, Augusta e os filhos cada vez mais inquietos e preocupados. Chegamos finalmente em casa, deveriam ser uma hora da madrugada, Augusta e os filhos foram logo dormir, eu disse à Augusta que queria ficar na sala para refletir e meditar um pouco, pois estava sem sono. Fiquei sentado numa poltrona da sala de estar de frente à lareira, não quis mais beber porque já tinha bebido mais do necessário aquele dia, queria ficar sozinho e pensar, tinha a intuição que iria acontecer algo e queria que acontecesse, estava exaustivamente cansado, sentia minha cabeça muito pesada de tanto pensar e minhas emoções andavam a mil. Pensei muito no acontecido durante o casamento, fiz uma avaliação sobre minha vida, estava cansado de tudo, lembrei-me das bondosas palavras do senhor Horacio, levantei minha cabeça para o teto inclinado da sala e fiquei olhando um dos alto-falantes que estava pendurado na parede a seis metros do chão, pensei de que maneira poderia me livrar de meus problemas e principalmente de meu modo de beber, sabia que tinha brigado com Deus quando tinha quatorze anos e que fui morar na França e comecei a solucionar minha vida por mim mesmo, será que esse Deus existia mesmo?, não vi naquele momento outra alternativa senão clamar por ajuda a quem quer que fosse, que existisse ou não existisse, eu não tinha mais nada a perder porque já tinha perdido tudo, não controlava mais minha vida nem minha vontade, tinha-me tornado um escravo do álcool, já fazia tempo que não era mais o dono do meu nariz, de repente falei em voz alta olhando para o alto-falante, “O Deus, eu fui teu amigo quando era pequeno, se verdadeiramente existes faz algo por mim, estou morrendo e sofrendo e, não quero nem morrer nem sofrer mais”. De repente senti um grande alívio dentro de mim, meu peito estava inchado de um bem estar indescritível, percebi que estava vivendo um momento de paz e serenidade, estava vivendo uma experiência sem nome. Fui dormir aproximadamente às três horas da madrugada.

Após esse dia, tornei-me consciente de meu problema e passei a aceitá-lo, continuava bebendo igual, mas algo dentro de mim deixava aberta uma porta para ser ajudado, quando comentamos com Augusta sobre o casamento e o acontecido durante o jantar, veio a tona e conversamos sobre meu modo de beber, pela primeira vez consenti que falássemos deste assunto durante o almoço, tornei-me mais tolerante e admiti que poderia sim, ter um problema com o álcool, ela me propôs que tentássemos pedir ajuda a alguém para solucionar o problema da bebida, eu não via como poderia haver uma solução mas dissera-lhe que tudo bem, pelo menos tentar não custava nada.

“No momento que estou escrevendo, fim de março de 2001, o senhor Horacio veio a falecer, sua filha nos ligou contando a triste noticia, eu fiquei muito triste e não tive suficiente coragem para ir vê-lo no velório nem de ir ao enterro, prefiro guarda-lo na memória daquelas palavras no dia do casamento em 1992, não quero deixar de expressar aqui minha gratidão por aquele que um dia deu-me a esperança de que meu sofrimento poderia terminar, tenho certeza que ele se encontra agora no lugar que merece, gostaria que quando chegue minha hora possamos estar novamente juntos”.

Algum tempo antes Augusta já havia procurado o Al-Anon, depois como minha sogra quebrou o pé ela deixou de ir. A partir do dia que conversei com Augusta, eu lhe pedi que fosse procurar aquelas senhoras, mas ela me disse que lá era para os familiares, que eu precisava do A.A. e ela foi lá buscar ajuda. Em fim eu tinha admitido e deixado espaço para conversar a respeito, não estava mais negando minha condição de doente alcoólico. Sabia que não podia beber mais porque acabaria ficando louco ou então mais dia ou menos dia eu não acordaria mais, todo dia de manhã quando ia fazer minhas necessidades no banheiro perdia muito sangue e ficava assustado, não ia ao medico por medo e colocava um absorvente dentro de minhas cuecas para absorver o sangue até que parasse, já me encontrava na fase de escutar barulhos e ver coisas que não existiam, a noite aguardava o sono chegar para ir pra cama e cair nela, tinha queixas de Augusta sobre meus roncos durante a noite, era por isso que quando acordava de manhã ela não estava em nossa cama simplesmente tinha ido ao quarto de um dos filhos para poder dormir e não ficar acordada a noite toda por causa do barulho provocado pelos meus roncos, bem parecidos com o barulho do “Concorde” conforme ela me explicava no dia seguinte, eu ficava envergonhado, mas para mim não havia nenhuma solução.

Lembro-me de ter consultado nas primeiras paginas da guia telefônica e ligado para a Associação Anti Alcoólica e também para Alcoólicos Anônimos para pedir informações sobre onde poderia me dirigir para tentar parar de beber, havendo admitido minha derrota estava prestes a tentar qualquer coisa para não sofrer mais. No Al-Anon tinham lhe sugerido de continuar indo às reuniões do grupo para tratar dela mesmo e estar de bem com a vida procurando uma vida melhor, tudo por causa daqueles que convivem com um alcoólatra acabam sendo tão doentes quanto o próprio bebedor problema, e que para pedir ajuda para mim ela poderia ir até o grupo de A.A., e que também havia um em nosso bairro. Numa tarde de sábado ela foi à reunião de A.A. onde foi muito bem recebida, foi lhe oferecida a palavra durante a reunião e ela disse que estava ali por minha causa, que eu era muito orgulhoso para ir até lá para pedir ajuda e o quê poderia ser feito para me ajudar a parar de beber ou pelo menos beber menos quantidade. Prontamente algumas pessoas membros de A.A. daquele grupo se dispuseram a me fazer uma visita e falar sobre o assunto desde que eu aceitasse tal visita e estivesse disposto a falar sobre o problema. Como Augusta me conhecia muito bem e não sabia se eu aceitaria a proposta, ela ficou com o numero de telefone de um dos membros de A.A. deixando combinado que se eu topasse ela ligaria para ele dando uma satisfação e caso positivo confirmando dia e hora para a visita em nossa residência.

Augusta voltou para casa e me contou o acontecido na visita que ela fez naquele sábado, dissera-me que tinha visitado o A.A. e que tinha gostado muito, perguntou-me se estaria disposto a receber alguém do A.A. para conversar a respeito do problema, uma ou duas pessoas poderiam me visitar de preferência num sábado de manhã por volta das dez horas se eu concordasse é claro, percebi com toda clareza que havia no rosto dela uma grande expectativa esperando que minha resposta fosse “sim”, diante tal decisão e tendo que dar a resposta na hora, parei um instante para pensar e fiz questão de refletir direitinho sobre o que iria responder, estava novamente com medo, não tinha certeza que fosse possível para eu viver sem beber, acabei dizendo a ela “tudo bem, combine então com eles”. Ela marcou por telefone com o Henrique para me visitar às dez horas da manhã do dia trinta e um de outubro, uma data que dificilmente

poderei esquecer. Na sexta-feira dia trinta Augusta lembrou-me “amanhã às dez horas vem o senhor Henrique, esta lembrado?”, respondi que sabia e mais nada.

Naquele sábado Augusta me acordou às nove da manhã, justamente sendo o fim de semana que antecedia finados minha sogra estava passando o fim de semana em casa para poder ir junto com ela ao cemitério que não fica muito longe de minha residência, para visitar o tumulo da família onde esta sepultado meu sogro. Eu acordei bem devagar, tomei café e fui ao banheiro, tomei banho e quando estava prestes a fazer a barba escutei tocar a campainha, fui ver no dormitório que horas eram no meu radio relógio e exatamente eram as dez em ponto, nem um minuto a mais nem a menos, escutei vozes do lado de fora, era Augusta que estava cumprimentando o Henrique enquanto o fazia entrar em casa. Fiquei irritado por causa da pontualidade, parecia que estivessem me pressionando e tinha pavor disso, enquanto fazia a barba escutava no andar térreo que estavam minha sogra e Augusta oferecendo café e biscoitos ao Henrique enquanto me aguardava. Nos meus botões fiquei pensando comigo mesmo enquanto fazia a barba; quem será esse cara?, coitado, veio até aqui para tentar me convencer que pare de beber e ele não imagina o quanto já bebi durante toda minha vida e o quanto gosto ainda de tomar umas e outras, esse cara não deve entender nada de bebida deve ser adepto de alguma religião, deve estar de terno escuro e gravata com a bíblia embaixo do braço querendo me converter para ir a alguma igreja e, se for isso aí não estou a fim de aturar esse cara nem cinco minutos, digo lhe que tenho um compromisso e o mando embora. Desci as escadas e no segundo lance que dava direto à sala deu para avistar o Henrique em questão, estava ali comodamente instalado tomando meu café e comendo meus biscoitos, assim que ele me percebeu ficou em pé eu fiquei parado no penúltimo degrau e olhamo-nos os dois fixamente nos olhos, a distancia que nos separava era aproximadamente de uns seis metros, como sempre tive muitos preconceitos preferi observa-lo de longe para ver se ia com sua cara, tinha uma boa aparência e de bastante simplicidade, tinha mais de um metro e oitenta, forte e corpulento, bem vestido porém sem sofisticação, ele vestia um boné, Augusta nos apresentou e sentei junto a ele para tomar um cafezinho e fumar um cigarro. Quando olhei para ele achei-o simpático, delicado, educado e misterioso, uns cinqüenta e cinco anos de idade, a primeira vista não pensei que ele fosse um alcoólatra, eu precisava reconhecer que ele não era nada de tudo o que tinha pensado que poderia ser enquanto estava fazendo a barba, não vestia terno, não tinha cara fechada, não carregava nenhuma bíblia e ainda era simpático, posso dizer que fui logo com sua cara o que me deixou bastante a vontade para falarmos, seu olhar era bondoso e parecia estar em paz com ele mesmo, fiquei bastante impressionado porque me causou atração e queria ser e ter a aparência que ele tinha. Passou uma empatia muito boa entre nós dois, muito educadamente e diplomaticamente me dissera que estava ali a pedido de Augusta para conversar sobre alcoolismo e que eu havia concordado em recebê-lo, não me fez perguntas nem discursos, deixou-me a vontade para que eu falasse, ele não dava nenhuma opinião sobre mim, nem elogios nem críticas, limitou-se a dizer que ele era um alcoólatra e que estava sóbrio há onze anos sem beber nenhuma bebida com álcool, que pertencia a Irmandade de Alcoólicos Anônimos e que tinha dado certo para ele. Percebi logo que era uma pessoa “especial” não me interrompia e escutava atentamente, acreditei nas palavras dele porque seu modo de expressar e “sentir as coisas” era bem parecido com o meu, estávamos falando a mesma linguagem e não conseguia entender “como” ele tinha conseguido parar de beber e estar sóbrio, somente deu-me as informações necessárias porque o tema era muito amplo, tão amplo como a própria doença, primeiro eu falei um pouco sobre mim sem ser interrompido para que pudesse entender até onde tinha chegado, depois ele falou-me um pouco sobre a vida dele que por coincidência havia fatos e circunstancias bem parecidas entre nós dois, nunca nos havíamos encontrado ou visto antes e tínhamos vivido coisas semelhantes, conforme o tempo passava achava nossa conversa interessante, depois me presenteou com um livro sobre a historia de um alcoólatra, e finalmente me falou do programa de recuperação de A.A. e os “Doze Passos” sugeridos para parar de beber, a informação e complexidade era tanta que minha cabeça

começava a ferver, aliás, era um momento tão importante que me deixava até ansioso, seria que eu conseguiria parar de beber como o Henrique?. Convidou-me para assistir naquele mesmo sábado a uma reunião de A.A. no bairro e no grupo que ele freqüentava, com um pé atrás dissera-lhe que não dava porque eu não estava dirigindo mais o meu carro por causa de fobia e também porque não gostava de ser encostado e pressionado na hora contra a parede, preferia pensar e decidir com calma durante a semana e dar-lhe uma resposta a outra hora, afinal havia muito tempo pela frente, mas o Henrique me respondeu que não me preocupasse para chegar até o grupo de A.A. porque ele se propunha me apanhar em casa quinze minutos antes da reunião e me trazer de volta após o término, a reunião era às dezesseis horas e terminava às dezoito, achei que ele estava me fazendo a proposta no sentido de me ajudar, concordei com ele e combinamos que passaria me buscar em casa às quinze horas e quarenta minutos. Ele saiu de casa exatamente ao meio dia, tínhamos conversado durante duas horas, durante nossa conversa Augusta e minha sogra tinham ido até o cemitério para limpar e arrumar o túmulo onde repousava meu sogro, elas voltaram em torno da uma da tarde. O Henrique tinha saído de casa justamente no horário que eu costumava começar a beber, e foi o que fiz porque nada tinha mudado a não ser uma simples conversa com esse cara simpático, sentei na poltrona tomando umas pingas e refletindo sobre a visita, já tinha assumido o compromisso de ir à reunião de A.A. à tarde e fiquei pensando que provavelmente o Henrique saindo de minha casa poderia ter ido avisar toda sua turma explicando que na reunião da tarde iria trazer um novo “freguês” e desta vez nada mais nada menos que um “gringo”, que seguramente iriam planejar entre eles alguma estratégia para me convencer a ficar lá com eles, pensei também durante alguns instantes que poderiam ser um bando de frustrados convertidos e que poderiam ter perdido suas personalidades sendo uns “João ninguém”.

Quando Augusta e minha sogra chegaram em casa, avisei-a que precisava almoçar logo porque o Henrique ia passar para me levar à reunião de A.A., preparou o almoço e almoçamos para não estar atrasado, pensei que se não gostasse do que iria ver na reunião não aconteceria nada senão que não voltaria mais, e pronto. Na hora combinada o Henrique passou em casa me buscar, fomos até o grupo de A.A., confesso que estava um pouco nervoso e ansioso porque não sabia aonde tudo isso iria me levar, chegamos ao grupo que justamente estava localizado ao lado de uma favela, na mesma casa (tipo casarão térreo) havia um lar para deficientes físicos, ou seja, bastantes internos sentados em cadeiras de rodas, a sala principal logo na entrada tinha uns sessenta metros quadrados e bem no meio uma mesa de pingue-pongue, meu nervosismo era tal que nem me preocupei em saber o que fazia ali a mesa se os deficientes não podiam jogar, fui apresentado a alguns deficientes e também aos membros de A.A. que iam participar da reunião. Na sala havia uma grande mesa arrumada com uma toalha azul marinho e o logotipo de A.A., sobre a mesa bastantes livros e folhetos, um relógio que me lembrou aquele que minha psicanalista no passado utilizava para cronometrar meu tempo e passar a fatura depois, uma campainha de mesa e um livro de presença com o nome das pessoas, naquele dia havia quatorze pessoas no total na reunião, já incluídos o Henrique e eu, na mesa sentaria o coordenador e do outro lado da mesa haviam várias fileiras de cadeiras bem arrumadas e alinhadas para sentarem os participantes da reunião, sobre a mesa de pingue-pongue havia uma garrafa térmica de café, açucareiro, colheres e copinhos descartáveis, biscoitos e um bolo, no fundo da sala dependurados na parede haviam três cartazes, no meio lia-se “Oração da Serenidade”, e em ambos os lados da oração um cartaz com “Os Doze Passos” e outro com “As Doze Tradições”. Estava tudo muito bem organizado e bem apresentado, naquele dia quem ia coordenar a reunião era uma mulher, às dezesseis horas em ponto deu início à reunião. Nervoso e suado estava ansioso por ver o que iriam contar e verificar se tinham se entendido previamente com o Henrique sobre o que iriam falar, pesava vinte quilos a mais do meu peso normal, não estava gordo estava “inchado” por causa da bebida, iniciaram a reunião tinha um roteiro pré-escrito que a coordenadora lia e percebi que chamava ao público de “companheiros”, ela iniciou convidando à leitura da oração dependurada na parede que dizia assim:

***“Concedei-nos Senhor, a Serenidade necessária
para aceitar as coisas que não podemos modificar,
Coragem para modificar aquelas que podemos e Sabedoria
para distinguir umas das outras”.***

A coordenadora chamava cada companheiro pelo seu nome e o convidava para fazer uso da palavra, a pessoa se aproximava da mesa e sentava numa cadeira de frente aos participantes, todos começaram seus depoimentos dizendo “meu nome é fulano de tal, e sou um alcoólatra em recuperação”, a coordenadora marcava dez minutos no relógio até tocar a campainha que sinalizava o fim do tempo concedido, durante a fala das pessoas ninguém interrompia, o silêncio era total, nas falas, os companheiros expunham como era seu passado alcoólico e até onde chegou seu “fundo do poço”, e como estavam vivendo agora sua recuperação longe dos bares e da bebida alcoólica, alguns deles tinham perdido tudo na vida, mas nenhum deles era igual ao outro, cada um tinha sofrido as conseqüências do alcoolismo à sua maneira. Percebi que o que estavam falando ali era minha vida e minha história, mesmo que as circunstâncias fossem diferentes das minhas o problema principal e a forma de sentir as coisas eram igual a mim, não era possível que houvessem montado um teatrinho para minha chegada, afinal ninguém ali estava se importando no que eu pudesse pensar, falavam com o coração sem perder a razão, falavam coisa com coisa e achei-os muito inteligentes, parecia haver “algo” no ambiente que não dava muito bem para entender, eu que sempre tive preconceitos sabia que lá não havia “macumba”, era prazeroso escutar alguém falando e os outros escutando, dava uma sensação de paz e bem estar, o espírito de cordialidade era grande. Após a primeira hora de reunião com os depoimentos e leitura de alguns trechos de literatura do A.A., veio o intervalo de dez minutos para relaxar um pouco conversar com as pessoas e tomar um cafezinho acompanhado de um pedaço de bolo, alguns iam até o banheiro porque durante a reunião ninguém queria perder o que o companheiro que fazia seu depoimento estava falando. Verifiquei que ninguém estava curioso em saber quem eu era, ninguém me perguntou meu nome completo, disseram-me que como queria ser chamado pelos companheiros, que se eu quisesse poderia dar um pseudônimo, ninguém me perguntou onde eu morava ou qual era minha profissão, estavam ali para fazer sua recuperação e fortalecer seu propósito de ficar sóbrios nas próximas vinte e quatro horas, entretanto verifiquei que se aproximaram de mim no intuito de me dar uma palavra amiga demonstrando querer compartilhar meu problema e querendo me ajudar, todos sabiam que eu não estava ali porque tivesse uma unha encravada no pé, meu problema era o álcool igual a eles. Na segunda parte da reunião continuaram os depoimentos, havia muita espiritualidade nos relatos ninguém falava alto nem grosso, pareciam felizes e gratos por estarem sóbrios, comecei a pensar que devia haver algo por trás disso tudo, seria que tomavam algum remédio?, seria que os faziam assinar algum compromisso por escrito?, seria que os obrigavam a jurar na frente de todos que não voltariam a beber álcool?, os obrigariam a assistir ao culto de alguma religião?, e quanto seria que cobriam por tudo isso?, a resposta era muito simples: “não estavam obrigados a nada, não tinham compromisso nenhum com ninguém a não ser com eles mesmos”, e tem mais, ninguém estava proibido em voltar a beber, foi demais para mim, eu não estava acreditando no que estava escutando, fiquei bastante aliviado em tomar conhecimento desses princípios. No decorrer da reunião estava intrigado e queria analisar cada detalhe do que estava se passando, me chamaram a atenção alguns cartazes dependurados nas paredes, curtos, simples e cheios de sabedoria cujos dizeres eram; Evite o primeiro gole, O que você vê e ouve aqui quando sair deixe que fique aqui, Só por 24 horas, O silêncio faz parte da recuperação, Vá com calma más vá, Viva e deixe viver, e outros mais.

A coordenadora dissera que eu era a pessoa mais importante na sala naquele dia, leu um trecho do seu roteiro e fez o convite para que se alguém presente na sala quisesse ingressar na

Irmandade o fizesse porque o momento era aquele, bastava levantar o braço e se aproximar da mesa para pegar uma ficha de ingresso e se quiser escolher um padrinho que o ajudasse e guiasse nos primeiros passos na Irmandade, poderia também escolhe-lo naquele momento. Lembrei-me naquele momento por todo o que tinha passado durante minha vida, as tentativas de parar de beber, o sofrimento, a psicanalista, o centro espírita, disse para mim mesmo “Xavier, esta é a ultima carta na sua manga, ou pega ou morre”, de imediato levantei o braço e me aproximei da mesa, toda minha camisa estava molhada de suor estava muito nervoso e emocionado, perguntava-me “será que vai dar certo?, será que eu consigo?, mas como vou fazer?”. A coordenadora me perguntou se queria fazer uso da palavra para dar meu depoimento na cadeira e respondi lhe que não porque estava muito emocionado e as palavras não iriam sair, somente agradei a todos e disse que esperava que desse certo para mim, seguidamente me perguntou se queria ou gostaria de escolher um padrinho na Irmandade que por acaso me houvesse identificado com ele, respondi que sim, e escolhi o Henrique para padrinho que imediatamente me entregou uma ficha simbólica com o logotipo de A.A., um cartão de ingresso com o nome do grupo, meu nome “Xavier” e alguns folhetos informativos sobre Alcoólicos Anônimos. Voltei para meu lugar e ainda lembro que o assento da cadeira estava sujo de sangue, seguramente porque o absorvente estava vazando. As reuniões daquele grupo eram nas quartas feiras às vinte horas e aos sábados às dezesseis horas, fui convidado a voltar e eu disse que talvez voltaria no sábado seguinte. A reunião terminou e o Henrique me levou para casa. Conteí à Augusta como tinha sido a reunião, tive uma boa impressão mas ainda estava curioso em saber “como” poderia conseguir não beber.

Uma luz no fim do túnel

*Estava começando uma segunda vida
Os primeiros tempos de sobriedade*

No dia seguinte, domingo, comecei a ler os folhetos que tinham-me dado durante a reunião, evidentemente continuava bebendo mas com a curiosidade e o desejo de conhecer o A.A. não esquecendo o que tinha visto e escutado em minha primeira reunião, assim como meu ingresso na Irmandade. Peguei um dos folhetos que me deram na reunião, cujo título era “*Você deve procurar o A.A.?*”, abri-o e havia doze perguntas que somente eu poderia responder, não era nenhum questionário médico nem coisa parecida, também não era dever de casa para preenchê-lo e entrega-lo no grupo, simplesmente era para ver se as perguntas tinham algo a ver comigo e com meu modo de beber, verificar se me identificava com cada pergunta, eis o conteúdo do folheto:

Somente você poderá determinar se o programa de A.A. – a maneira de viver de A.A. – tem algum sentido para você e pode ajudá-lo.

É uma decisão que você terá de tomar por sua própria conta. Ninguém em A.A. poderá fazê-lo por você.

Nós, que hoje somos membros, ingressamos em A.A. porque reconhecemos que a bebida havia se convertido em um problema que não podíamos controlar sozinhos. A princípio, muitos de nós não queríamos admitir que não conseguíamos mais beber normalmente. Porém, quando membros veteranos de A.A. nos contaram que, para eles, o alcoolismo era uma doença que, como a diabete, podia ser detida, começamos a procurar em nós mesmos os sintomas dessa enfermidade.

Encaramos os fatos referentes a esta doença em particular, da mesma forma com que enfrentaríamos qualquer outro problema sério de saúde. Demos respostas honestas às perguntas realistas sobre nossa maneira de beber e seus efeitos na nossa vida cotidiana.

Eis algumas perguntas que tivemos de responder. Sabemos por experiência própria que qualquer pessoa que responder SIM a QUATRO ou mais destas doze perguntas, tem claras tendências para o alcoolismo (e poderá já ser um alcoólico).

Por que não tentar, você mesmo, responder a estas perguntas? Lembre-se que não há desonra em admitir que você tem um problema de saúde. Se existe realmente um problema, o importante é solucioná-lo.

- (1) Já tentou parar de beber por uma semana (ou mais), sem conseguir atingir seu objetivo?**

Muitos de nós “largamos a bebida” muitas vezes antes de procurar A.A. Fizemos serias promessas aos nossos familiares e empregadores. Fizemos juramentos solenes. Nada funcionou até que ingressamos em A.A. Agora não lutamos mais. Não prometemos nada a ninguém, nem a nós mesmos. Simplesmente esforçamo-nos para não tomar o primeiro gole hoje. Mantemo-nos sóbrios um dia de cada vez.

- (2) Ressente-se com os conselhos dos outros que tentam fazê-lo parar de beber?**

Muitas pessoas tentam ajudar bebedores problema. Porém, a maioria dos alcoólicos ressentem-se com os “bons conselhos” que lhes dão. (A.A. não impõe esse tipo de conselho a ninguém. Mas, se solicitados, contaríamos nossa experiência e daríamos algumas sugestões práticas sobre como viver sem o álcool).

- (3) Já tentou controlar sua tendência de beber demais, trocando uma bebida alcoólica por outra?**

Sempre procurávamos uma fórmula “salvadora” de beber. Passamos das bebidas destiladas para o vinho e a cerveja. Ou confiamos na água para “diluir” a bebida. Ou, então, tomamos nossos goles sem misturá-los. Tentamos ainda beber somente em determinadas horas. Porém, seja qual for a fórmula adotada, invariavelmente acabamos embriagados.

- (4) Tomou algum trago pela manhã nos últimos doze meses?**

A maioria de nós está convencida (por experiência própria) de que a resposta a esta pergunta fornece uma chave quase infalível sobre se uma pessoa está ou não a caminho do alcoolismo, ou já se encontra no limite da “normalidade” no beber.

- (5) Inveja as pessoas que podem beber sem criar problemas?**

É obvio que milhões de pessoas podem beber (às vezes muito) em seus contatos sociais sem causar danos sérios a si mesmos, ou a outros. Você parou alguma vez para perguntar-se por que, no seu caso, o álcool é, tão freqüentemente, um convite ao desastre?

(6) Seu problema de bebida vem se tornando cada vez mais sério nos últimos doze meses?

Todos os fatos médicos conhecidos indicam que o alcoolismo é uma doença progressiva. Uma vez que a pessoa perde o controle da bebida, o problema torna-se pior, nunca desaparece. O alcoólico só tem, no fim, duas alternativas: (1) beber até morrer ou ser internado num manicômio, ou (2) afastar-se do álcool em todas as suas formas. A escolha é simples.

(7) A bebida já criou problemas no seu lar?

Muitos de nós dizíamos que bebíamos por causa das situações desagradáveis no lar. Raramente nos ocorria que problemas deste tipo são agravados, em vez de resolvidos, pelo nosso descontrole no beber.

(8) Nas reuniões sociais onde as bebidas são limitadas, você tenta conseguir doses extras?

Quando tínhamos de participar de reuniões deste tipo, ou nos “fortificávamos” antes de chegar, ou conseguíamos geralmente ir além da parte que nos cabia. E freqüentemente continuávamos a beber depois.

(9) Apesar de prova em contrário, você continua afirmando que bebe quando quer e pára quando quer?

Iludir a si mesmo parece ser próprio do bebedor problema. A maioria de nós que hoje nos encontramos em A.A., tentou parar de beber repetidas vezes sem ajuda de fora. Mas não conseguimos.

(10) Faltou ao serviço, durante os últimos doze meses, por causa da bebida?

Quando bebíamos e perdíamos dias de trabalho na fábrica ou no escritório, freqüentemente procurávamos justificar nossa “doença”. Apelamos para vários males para desculpar nossas ausências. Na verdade, enganávamos somente a nós mesmos.

(11) Já experimentou alguma vez “apagamento” durante uma bebedeira?

Os chamados “apagamentos” (em que continuamos funcionando sem contudo poder lembrar mais tarde o que aconteceu) parecem ser um denominador comum nos casos de muitos de nós que hoje admitimos ser alcoólicos. Agora sabemos muito bem quais os problemas que tivemos nesse estado “apagado” e irresponsável.

(12) Já pensou alguma vez que poderia aproveitar muito mais a vida, se não bebesse?

A.A., em si, não pode resolver todos os seus problemas. No que se refere, porém, ao alcoolismo, podemos mostrar-lhe como viver sem os “apagamentos”, as ressacas, o remorso ou o desconsolo que acompanham as bebedeiras desenfreadas. Uma vez alcoólico, sempre alcoólico. Portanto, nós em A.A. evitamos o “primeiro gole”. Quando se faz isto, a vida se torna mais simples, mais promissora e muitíssima mais feliz.

Qual foi a contagem?

Respondeu SIM quatro vezes ou mais? Em caso positivo, é provável que você tenha um problema sério de bebida, ou poderá tê-lo no futuro.

Por que dizemos isto? Somente porque a experiência de milhões de alcoólicos recuperados nos ensinou algumas verdades básicas a respeito dos sintomas do alcoolismo – e de nós mesmos.

Você é a única pessoa que poderá dizer, com certeza, se deve ou não procurar o A.A. Se a resposta for SIM, teremos satisfação em mostrar-lhe como conseguimos parar de beber. Se ainda não puder admitir que você tem um problema de bebida, não faz mal. Apenas sugerimos que você encare sempre a questão com mentalidade aberta. Se algum dia precisar de ajuda, teremos satisfação

em recebê-lo em nossa Irmandade

Estava mais do que comprovado que eu era um alcoólatra, quase todas as perguntas estavam confirmando minha condição, eu respondia SIM em quase a totalidade das perguntas. Não tinha outra coisa a fazer senão tentar no A.A., ver como aqueles companheiros da reunião fizeram para conseguir abandonar a bebida, como seria que eles estavam fazendo quando tinham vontade de beber?, o quê poderia substituir o vazio da bebida?, eram muitas perguntas sem resposta . . . por enquanto.

Peguei o outro folheto para tentar entender melhor, o título era “*Alcoólicos Anônimos em sua comunidade*”, o texto dizia:

A Irmandade funciona através de mais 95.000 Grupos locais em mais de 160 países. Vários milhões de alcoólicos têm alcançado a sobriedade em A.A., mas seus membros reconhecem que seu programa não é sempre eficaz com todos os alcoólicos e que alguns necessitam de aconselhamento e tratamento profissional.

A.A. preocupa-se unicamente com a recuperação pessoal e a contínua recuperação individual dos alcoólicos que procuram socorro na Irmandade. O movimento não se dedica à pesquisas sobre o alcoolismo ou ao tratamento médico ou psiquiátrico, e não apóia quaisquer causas – embora os membros de A.A. possam participar como indivíduos.

O movimento adotou a política de “cooperação mas não afiliação” com outras organizações que se dedicam ao problema do alcoolismo.

Alcoólicos Anônimos é auto-suficiente através de seus membros e Grupos, recusando contribuições de fontes externas. Os membros de A.A. preservam seu anonimato pessoal ao nível de imprensa, filmes e outros meios de comunicação.

Como A.A. vê o Alcoolismo?

O alcoolismo é, em nossa opinião, uma doença progressiva – espiritual e emocional (ou mental) tanto quanto física. Os alcoólicos que conhecemos parecem ter perdido o poder para controlar suas doses de bebidas alcoólicas.

Como funciona A.A.?

A.A. pode ser descrito como um método para tratamento de alcoolismo, no qual os membros ajudam-se mutuamente, compartilhando entre si uma enorme gama de experiências semelhantes em sofrimento e recuperação do alcoolismo.

Que são os Grupos de A.A.?

A unidade básica em A.A. é o Grupo local (do bairro ou cidade) que é autônomo, salvo em assuntos que afetem outros Grupos de A.A. ou à Irmandade como um todo. Nenhum Grupo tem poder sobre seus membros. Só nos Estados Unidos e Canadá, se tem conhecimento de que mais de 1.000 Grupos funcionam em hospitais e cerca de 1.900 em instituições correccionais. Os grupos geralmente são democráticos, assistidos por “comitês de serviços” de curtos períodos de mandato. Desta maneira, nenhum Grupo de A.A. tem uma liderança permanente.

Que são Reuniões de A.A.?

Cada Grupo realiza reuniões regulares, nas quais os membros relatam entre si suas experiências – geralmente em relação aos “DOZE PASSOS” sugeridos para a recuperação, e às

“DOZE TRADIÇÕES” sugeridas para as relações dentro da Irmandade e com a comunidade de fora. Existem reuniões abertas para qualquer pessoa interessada, e reuniões fechadas somente para alcoólicos.

Quem são os membros de A.A.?

Pessoas que acham que têm problemas com sua maneira de beber são bem vindas para assistir a qualquer reunião de A.A. Elas tornam-se membros simplesmente ao decidir que querem sê-lo.

Membros de A.A. são homens e mulheres provenientes de todos os níveis de vida, desde adolescentes até pessoas com 90 anos de idade, ou mais, de todas as raças, de todos os tipos de afiliações religiosas formais, e mesmo sem nenhuma.

Onde você pode Encontrar A.A.?

Procure por “Alcoólicos Anônimos” na lista telefônica. Nas capitais e nas grandes cidades do Brasil, um Escritório de Serviços Locais de A.A. poderá responder suas perguntas ou colocar você em contato com membros de A.A.

Se A.A. não constar na lista telefônica local, escreva para ESG – Escritório de Serviços Gerais. Caixa Postal 3180. CEP 01060-970, São Paulo – SP

Que é o ESG – Escritório de Serviços Gerais?

Este escritório serve como central nacional de informações. A literatura de A.A. do Brasil é publicada e distribuída pela JUNAAB. O ESG é a secretaria da JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de A.A. do Brasil, composta por nove custódios, sendo seis alcoólicos – membros de A.A. e três não alcoólicos – amigos de A.A.

Nem a JUNAAB ou o ESG tem “autoridade” sobre os membros de A.A. ou Grupos. Ambos são responsáveis perante os Grupos e, anualmente, apresentam um relatório à Conferência de Serviços Gerais, que incluem Delegados selecionados pelos Grupos de A.A., dois em cada área (Estado) do Brasil.

O que você pode esperar de A.A.?

- 1. Os membros de A.A. ajudam qualquer alcoólico que demonstre interesse em ficar sóbrio.*
- 2. Os membros de A.A. podem visitar o alcoólico que deseja ser ajudado – embora eles possam sentir que seja melhor para o alcoólico solicitar tal ajuda antes.*
- 3. Eles podem auxiliar a providenciar uma internação hospitalar. Os escritórios de serviços de A.A. freqüentemente sabem onde existem hospitais para tratamento de alcoolismo, embora A.A. não seja afiliado a qualquer estabelecimento hospitalar.*
- 4. Os membros de A.A. têm satisfação em compartilhar suas experiências com qualquer pessoa interessada, seja em conversações ou em reuniões formais.*

O que A.A. não faz?

- 1. A.A. não recruta membros, ou tenta persuadir alguém se juntar ao A.A.*
- 2. Não mantém registro de seus membros ou de suas histórias.*
- 3. Não se dedica e nem patrocina pesquisas.*

4. *Não se liga a agências sociais, embora os membros de A.A., Grupos e escritórios de serviços cooperem freqüentemente com elas.*
5. *Não fiscaliza, nem tenta controlar seus membros.*
6. *Não faz diagnósticos ou prognósticos médicos ou psicológicos.*
7. *Não proporciona serviços de enfermagem ou desintoxicação, hospitalização, medicamentos ou qualquer tratamento médico ou psiquiátrico.*
8. *Não oferece assistência religiosa.*
9. *Não se dedica à educação ou propaganda a respeito do álcool.*
10. *Não fornece abrigo, comida, roupas, empregos, dinheiro ou outros serviços de beneficência ou assistência social.*
11. *Não fornece orientação em questões domésticas ou vocacionais.*
12. *Não aceita dinheiro em pagamento por seus serviços ou quaisquer contribuições de fontes de fora do A.A.*
13. *Não emite cartas de referência para juntas de livramento condicional, advogados, tribunais de justiça, agências sociais, empregadores, etc.*

NOTA: Um membro de A.A., individualmente, pode fazer algumas dessas coisas, de forma privada e pessoal, mas não como membro de A.A. Muitos profissionais no campo do alcoolismo também são membros de A.A. Seu trabalho profissional, porém, NÃO tem nada a ver com sua condição de membro de A.A. Alcoólicos Anônimos, como tal, não pretende ter competência para realizar serviços profissionais como os relacionados acima.

Alcoólicos Anônimos ® é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.

O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de A.A. não há necessidade de pagar taxas ou mensalidades; somos auto-suficientes, graças às nossas próprias contribuições.

A.A. não está ligado a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apóia nem combate quaisquer causas.

Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

A história de A.A. está repleta de nomes de não alcoólicos, profissionais e leigos, que se interessaram pelo programa de recuperação de A.A. Milhares de nós devemos nossas vidas a essas pessoas e nossa dívida de gratidão não tem limites.

A posição de A.A. no Campo do Alcoolismo.

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade mundial de homens e mulheres que se ajudam mutuamente a manter a sobriedade e que se oferecem para compartilhar livremente sua experiência na recuperação com outros que possam ter problemas com seu modo de beber.

Estava tudo batendo, o conteúdo dos folhetos com o que tinha presenciado na reunião do sábado, fazia sentido e não encontrei nenhuma contradição. Reconheço que havia entrado dentro de mim alguma energia “positiva” no momento que levantei o braço e desejei não sofrer mais e ingressar em Alcoólicos Anônimos. Lembrava-me de cada depoimento dos companheiros daquele grupo, eram diferentes, mas pensavam e falavam igual a mim, acreditei que tinha tomado uma boa decisão em querer me juntar a eles, senti-me um pouco mais forte e menos só. Na segunda e terça feiras fiquei sem fazer nada e meditando muito, queria não beber mais, mas pelo

menos precisava tomar uma dose, até porque meu corpo se debatia com minha mente, a compulsão física tomava conta de mim e brigava com minha mente que desejava não beber mais, eu queria ser e ter o que aqueles companheiros do grupo tinham. Foi difícil, mas não impossível, na quarta-feira consegui não beber mais uma gota de bebida alcoólica após trinta e um anos consecutivos ingerindo diariamente álcool, passei o dia lendo os folhetos e o livro que o Henrique tinha me dado de presente no sábado anterior quando veio falar comigo em casa. Vi as horas daquela quarta-feira passarem bastante depressa, eu estava conseguindo, mas, e no dia seguinte será que continuaria tudo igual?, lembrei-me daquele cartaz “só por hoje”, bastava no dia seguinte lembrar novamente que seria “só por hoje” e assim sucessivamente cada dia que se passa. As horas iam passando e olhava a ficha simbólica e o cartão de ingresso, no cartão estava impressa a Oração da Serenidade, lia e relia tentando não meramente ler a literatura, mas sentindo profundamente o conteúdo e significado da mesma, desejava ter serenidade para poder terminar o dia sem beber. Durante as refeições da quarta-feira, preferi não tomar nenhuma bebida, bebia fora das refeições e comia muito doce, chupava balas porque a falta de álcool no meu corpo pedia açúcar, precisei mudar alguns hábitos e me sentia diferente, queria ter força para não beber e consegui. A noite na hora de ir dormir eu não estava acreditando o que tinha acontecido, “eu não tinha bebido” e não conseguia dormir de tanta felicidade, dava voltas na cama para pegar no sono, mas a alegria me dava insônia, lembrava-me da minha infância na véspera do Natal quando o Papai Noel iria trazer brinquedos, demorava em dormir por causa da ansiedade. Não fui na reunião do grupo na quarta-feira, mas voltei na de sábado de carona com o Henrique, tive a oportunidade de fazer uso da palavra, queria que todos soubessem que não estava mais bebendo desde a última quarta-feira, portanto estava já no meu quarto dia de sobriedade, quando sentei na cadeira para falar minha boca estava muito seca e pastosa por causa dos nervos e meu coração e minhas emoções andavam a mil, disse “meu nome é Xavier e sou um alcoólatra”, normalmente teria direito a fazer uso da palavra dez minutos, mas me limitei a expressar minha alegria por não estar bebendo, não sabia mais o que dizer, não entendia nada sobre o A.A. e após alguns minutos agradei e desejei muita sobriedade para os companheiros que estavam ali presentes. Ganhei livros de A.A., dava para me dedicar à leitura em casa, pois tinha tempo disponível e a distribuidora de laticínios estava devagar quase parando.

Os companheiros do Grupo de A.A. tinham-me sugerido que de início freqüentasse noventa reuniões consecutivas, mas ainda algo reticente e me conhecendo bem, optei por ir somente aos sábados me resguardando como margem de segurança as reuniões das quartas-feiras, pensei que se somente fosse nos sábados e não estivesse me sentindo legal teria a alternativa de ir também nas quartas-feiras, como tinha conseguido parar de beber achei melhor assim, pois se gastasse toda minha munição (quartas-feiras e sábados) e não estivesse bem poderia voltar a beber porque não teria nenhuma outra alternativa. Nas primeiras semanas de sobriedade aproveitei para ler ao máximo diversas literaturas de Alcoólicos Anônimos, nunca gostei de ler em toda minha vida, mas estava tratando de um assunto da mais alta importância, afinal tratava-se de minha própria vida. A leitura dos livros de A.A. era muito fácil de ser lida, as letras eram de bom tamanho, e o texto e linguagem simples de entender, cada vírgula no seu devido lugar, palavras muito fortes e abrangentes, toda a literatura de A.A. é escrita por membros alcoólatras para outros membros alcoólatras, com o coração agradecido daqueles que se salvaram da loucura ou da morte, é para ser “sentida” e não simplesmente lida. Estava muitíssimo feliz por não estar bebendo, nos primeiros meses senti como estava mudando, aos seis meses de sobriedade tinha “desinchado” e emagrecido vinte e três quilos, de manhã quando fazia a barba na frente do espelho estava gostando de ver meu rosto que também mudava semana após semana, aquele modo de viver, meus novos amigos e companheiros, a leitura e a prática das sugestões propostas por A.A. para viver uma nova vida estavam dando certo para mim, cheguei até mudar os móveis da sala de lugar, sentia no ambiente de casa pequenas mudanças que ocorriam dias após dia.

Fico triste quando vejo inúmeras pessoas chegando ao A.A. e acabam não ficando, querendo e tentando parar de beber e não conseguem, sempre foi assim e sempre o será, o **A.A. não é para quem precisa, mas sim para quem quer.**

Fui aos poucos sabendo algo mais sobre a Irmandade e pela experiência dos companheiros o que era bom ou não para continuar na caminhada da sobriedade, percebi que quando mais dava de mim mesmo mais recebia em sobriedade contínua, uma entre muitas coisas que dava certo era ajudar a outro alcoólico, participei ativamente em serviços dentro da irmandade espontaneamente e voluntariamente, eu era o principal beneficiado nos diversos serviços, fui muito bem apadrinhado pelo Henrique, até hoje estamos no mesmo grupo, vemo-nos pelo menos duas vezes por semana, andei com ou sem ele durante todos esses anos tentando levar a mensagem àqueles que ainda sofrem e estão envoltos nas malhas do alcoolismo, eu também sou padrinho de outros que chegaram na irmandade depois de mim, infelizmente alguns já faleceram por não ter levado a sério o programa, meus conceitos e valores sobre a vida mudaram radicalmente, pois amando e ajudando a quem precisa me sinto gratificado, a prática da humildade tem sido de máxima importância para modificar meu egoísmo e orgulho. Desde 1994 decidi ser doador de meus órgãos após minha morte, algo que nunca teria pensado em fazer quando bebia, hoje me sinto um privilegiado por estar onde estou e ser quem sou, só por hoje. Uma das coisas que muito me influenciou e atraiu em A.A. foi quando escutava falar os companheiros de um “Poder Superior” tal e como cada um o “concebe”, achei que era convidativo “confiar” em algo ou alguém que pudesse fazer o que durante tanto tempo eu tinha tentado fazer, mas este P.S. (abreviado) não era imposto pela Irmandade, podia ou não acreditar, pois era o assunto de cada um de nós. Achei-o atrativo porque tinha um sentido bem diferente daquele Deus divulgado na maioria das religiões, na minha infância onde eu via Deus como um poder “castigador” do pode ou não pode fazer e dependendo do que fizesse era considerado “pecado”. Esta palavra (P.S.) era bem mais leve e podia ser concebida da maneira que eu quisesse, nunca vi durante toda minha vida alguma religião, organização, associação ou entidade que falasse num Deus ou Poder Superior ou ainda Força Superior, a la carte, e ainda sem estar obrigado a acreditar nele(a). Esta era a proposta do A.A., me oferecer uma serie de ferramentas para não voltar a beber, me modificar e crescer numa nova vida como “outro” individuo totalmente oposto ao que eu tinha sido e vivido durante meus trinta e um anos de ativa do alcoolismo. A partir do momento em que eu não estava mais bebendo, minha mente tinha clareado e podia dar valor a tudo o que estava acontecendo ao meu redor, minhas faculdades mentais faziam com que raciocinasse e falasse racionalmente, bem diferente do passado quando raciocinava anestesiado sob os efeitos do Dr. Álcool. Não estava proibido de voltar a beber, o problema era meu, pois que eu me lembre ninguém nunca me obrigou nem pôs bebida em minha boca, fui eu sempre sozinho quem bebeu porque assim o quis, agora que tinha parado de beber bastava que eu quisesse esticar o braço uns quarenta centímetros e pegar no copo para voltar a beber.

Entre outras literaturas li um poema do Borges que me agradou muito e não poderia deixar de transcrever:

Instantes

Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros.

Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.

Seria mais tolo ainda do que tenho sido, na verdade bem poucas coisas levaria a sério.

Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais os entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios.

Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos lentilha, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto de sua vida; claro que tive momentos de alegria.

Mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos.

Porque, se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos, não percas o agora.

Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda chuva e um pára-quedas; se voltasse a viver viajaria mais leve.

Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo.

(Jorge Luiz Borges, argentino, falecido na Suíça em 1987, é considerado um dos maiores escritores do século).

Sem duvida alguma esta poesia dava-me vontade de viver novamente, de apreciar tudo o que me cercava, cheguei as vezes a olhar para praça em frente minha casa desde meu quarto, admirava tudo aquilo que estava vendo, escutando os pássaros cantar, nunca tinha prestado atenção a esse tipo de coisas, percebi a grandiosidade da natureza e o quanto eu era minúsculo.

Continuei firme em minha recuperação, se estava dando certo, porque iria desistir?, não senti mais vontade nem tive compulsão por bebida alcoólica, sabia que se tentasse experimentar se estava curado poderia ser fatal, aprendi em A.A. que a doença somente pode ser detida e não tem cura, é como uma vela que pode ser apagada mas se voltar a acender continua queimando até chegar ao toco, acaba num piscar de olhos e não tem mais volta. Tenho visto vários membros de A.A. recaírem e em pouco tempo voltar ao estagio onde pararam e se afundarem ainda mais até chegar à morte, é por isso que a doença é progressiva, mas o programa de recuperação de A.A. quando praticado e levado a serio permite progredir como individuo tanto quanto o avanço da doença, eu entendo que se deve crescer mais um pouco para ter uma margem de segurança e não ficar no limite em cima do muro tentando equilibrar-se para não cair. Aprendemos e conseguimos a nos relacionar com o mundo externo, temos os mesmos problemas que qualquer um lá fora, mas nossa paz interna permite-nos enfrentar a realidade sem pânico, friamente, buscando sempre solucionar nossos problemas da melhor maneira e com as alternativas que melhor nos convém. A recuperação diária é uma tarefa para toda a vida, há dias em que aparecem problemas de difícil solução, somos postos à prova e parece ser necessário que seja assim, são obstáculos que não aparecem por acaso, pois estamos dispostos a levar alguma experiência positiva de cada problema, tentando sobrepô-lo e crescer em sabedoria e conhecimento.

O A.A. não me da nenhuma garantia que eu fique sóbrio enquanto eu estiver vivo, eu sou o único responsável pela minha sobriedade, o único que pode fazer algo para mim mesmo para “permanecer” sóbrio a cada vinte e quatro horas, A.A. põe as ferramentas à disposição bem na minha frente, no chão, eu preciso abaixar-me para pegá-las. Sei que continuando em A.A. estou com minha turma, são pessoas iguais a mim com um passado diferente, nada a ver, o que nos une é o mesmo problema; permanecer sóbrios porque se bebemos não conseguimos controlar nosso modo de beber, uma vez dentro da sala de reunião somos todos iguais, ninguém é mais nem menos que outro, não há nenhum “chefe” em A.A., aqueles que são servidores de confiança o fazem por um período determinado em forma de rodízio, são escolhidos pelos outros membros para representá-los, mas nunca como chefes. Há na Irmandade todo tipo de pessoas da sociedade, padres, advogados, militares, escritores, artistas, muitas pessoas famosas tanto no plano nacional como internacional, é assim que funciona o A.A., um lugar para quem tem o sincero desejo de abandonar a bebida, e consegue, para isso basta à pessoa “querer”.

Tenho me dedicado durante todos estes anos, em recuperação, ao estudo e prática do programa de A.A., conheci muitas pessoas interessantes, sinto-me bem comigo mesmo e feliz por ter conseguido me tornar alguém sociável, conheço e cumprimento meus vizinhos, e as pessoas do bairro onde moro, vejo até as vezes o padre da paróquia que diga-se de passagem também é um gringo simpático, atualmente, quando volto para minha casa e abro o portão da garagem para estacionar meu carro, minha cachorra pastora belga, a “Lora”, fica me aguardando contente e abanando seu rabo e, quando desço do carro pula sobre mim para brincar, bem diferente que há nove anos atrás quando chegava com meu carro ela corria se esconder para os fundos seu rabo entre as pernas porque me temia, mas, o que será que aconteceu para ela ter mudado tanto?, a resposta é que a cachorra tem o dom de sentir o estado de humor de qualquer pessoa e na realidade ela não mudou absolutamente nada, quem mudou fui eu.

Por outro lado, Augusta continua freqüentando o Grupo de Al-Anon, ela também faz sua parte para viver uma vida melhor, chegamos mutuamente a nos aceitar para um convívio eficaz. Tenho participado uma ou outra vez de reuniões Al-Anon em grupos de outros bairros, minha intenção é escutar o que familiares de alcoólicos tem a dizer no seu dia a dia, isto me dá muito a refletir, pois tenho observado pelos relatos dos membros que tenho muitos defeitos que poderia melhorar.

A prática do programa de A.A. não me faz sentir um “santo”, mas levo agora uma vida normal, participo de festas, casamentos e qualquer tipo de reunião festiva, aqueles que sabem de minha historia e me viram como o “animador” das festas. Ficam admirados com meu comportamento atual, outros que me conheceram já na sobriedade ficam sempre a minha volta conversando sobre assuntos os mais variados possíveis.

No capítulo introdução deste livro agradeço aos reclusos e gostaria de explicar porque, durante estes anos todos estando em serviço em A.A. ou seja, levando a mensagem àqueles que ainda sofrem, seja em palestras, programas de radio, imprensa escrita, e também participando em reuniões de Alcoólicos Anônimos na penitenciária do Carandiru em São Paulo, tive oportunidade de conhecer membros de A.A. que estavam atrás das grades, lembro-me de ter encontrado um deles numa sala de A.A. na cidade, depois dele ter sido solto após cumprimento da pena, foi uma grande alegria nos encontrar lá fora nesse mundão, a gente se cumprimentou e abraçou. Também me correspondi durante alguns anos com membros de A.A. de língua francesa, a maioria do Canadá, é outra formula de recuperação, pois através das cartas a gente escreve coisas que nem sempre dá vontade de contar no depoimento na sala de reunião “ao vivo” ou “cara a cara”, entre estes correspondentes do Canadá havia um que tinha o dom da arte da pintura, ele me enviou pelos correios um quadro que tinha pintado para mim dentro da prisão, ele está ainda encarcerado e o será até o fim de seus dias porque sua pena a cumprir é perpetua.

A vida continua, meus dois filhos Alain e Xavier agora estão trabalhando na França desde maio de 1999, nunca os influenciei para que fossem trabalhar em Paris, naturalmente as coisas aconteceram assim, quando em 1982 queria a qualquer preço que meus filhos fossem educados e criados em um país “civilizado” as coisas não se concretizaram do jeito que “eu” queria, lá em Lesigny falava sempre com eles em francês e proibia que se falasse o português em casa, parece inacreditável como este “Poder Superior” tem-me mostrado sua força, vejo hoje porque a vida de nossos filhos não nos pertence, podemos guiá-los e explicar o que é o bem ou o mal mas nunca obriga-los que façam as coisas que nós queremos, precisamos muito Augusta e eu trabalhar o “desprendimento” pois o amor de pais costuma ser egoístico de modo exagerado, afinal, tudo o que é difícil na vida é o que nos convém fazer, minha experiência me provou isso. Em agosto de 1999 tive um desentendimento com o Xavier numa conversa telefônica, não me dei bem e transcrevo a seguir o texto da carta que lhe enviei: *“Meu querido filho Xavier, recebemos tua última carta que era especialmente dirigida a mim, ficamos todos muito contentes e felizes toda vez que temos notícias suas, eu particularmente lhe agradeço muito por sua carta, ela ficou*

guardada encima da mesa do computador na espera de ser respondida no momento oportuno, não por falta de tempo, mas porque precisava saber o quê iria responder”.

Fiquei muito emocionado com sua carta, aliás, esta sua viagem é importante para mim justamente porque talvez o azar o levou até os lugares onde eu vivia exatamente quando tinha sua idade. Na verdade pelo fato de você ter viajado a Europa, tal como você menciona em sua carta, sabia que você iria me conhecer e entender um pouco melhor quem eu sou.

Em primeiro lugar, devo lhe pedir desculpas pelo tom que falei com você naquela madrugada de sábado para domingo quando você me ligou na saída de seu serviço, não importa saber ou comentar o porque eu estava alterado, pois simplesmente perdi mais uma vez o total controle sobre mim mesmo, e na verdade após ter falado com você pelo telefone fiquei bem pior, passei o domingo todo na cama, estive praticamente três dias sem me alimentar, depois passou. Foi na terça feira seguinte (após ter recebido sua carta) que pedi à mamãe para lhe ligar por duas razões, a primeira porque ela não havia tido a oportunidade de conversar com você no sábado anterior porque foi até a casa da avó, e em segundo lugar porque eu queria lhe pedir desculpas pois sabia que você poderia não estar bem, assim, como que foi ela quem discou seu número de telefone já pedi para que pedisse desculpas em meu nome sem eu interferir na conversa de vocês dois.

Concordo com você que poderemos conversar sobre minha vida na França na primeira oportunidade que tivermos de fazê-lo, mas posso desde já lhe adiantar algumas coisas sobre mim. Realmente fui muito ambicioso, até o extremo mesmo, de maneira doentia, era minha única razão para viver, ter, possuir e ser o melhor, essas eram minhas principais motivações, mas no fundo de mim mesmo, no meu íntimo, ainda tinha aquela sensibilidade e emoção a flor da pele que foi marcada pela doença do meu pai, totalmente impotente numa cadeira de rodas, de minha mãe lutando sozinha contra tudo e contra todos para sustentar e levar a família adiante, e também pelas desgraças ocorridas aos meus irmãos mais velhos e minha irmã sozinha com várias filhas e enfraquecida para enfrentar a vida.

Resumindo, eu aparentava uma coisa por fora, e era outra por dentro. Sempre gostei de comer e beber bem, como você já sabe, pessoas assim na França são chamadas em "argot" de "fine-gueule". A comida não me fazia nenhum mal bem ao contrário, mas a bebida que me proporcionava momentos inesquecíveis, não podia imaginar que poderia me afetar ao longo do tempo com o consumo abusivo tal como eu fazia para me sentir aliviado de minhas angústias provocadas por minhas emoções doentias. Aos 27 anos de idade vivia em função dos meus ambiciosos objetivos, mas muito isolado das pessoas, meus relacionamentos eram somente profissionais ou de farra, tinha problemas para me relacionar com as pessoas, tinha minha casa própria desde os 25 anos, passava todo meu tempo livre fazendo reformas e decorando minha casa. Em dezembro de 74 conheci à mamãe, justamente num sábado a noite em Paris, tinha trabalhado o dia todo em casa e um amigo e colega de trabalho o Gérard veio me buscar em casa para sairmos dar umas voltas em Paris, foi esse 12 de dezembro de 74 que conheci à mamãe no "Le Caveau de la Huchette" na Rue de La Huchette no começo perto da rue St. Jacques, este era meu lugar para minhas saídas noturnas, aonde a maioria das vezes acabava de manhãzinha após ter bebido bastante durante a noite toda. Deste dia em diante minha vida mudou e muito, pois você sabe que gosto muito da mamãe, ela preencheu um vazio muito grande que havia dentro de mim. Acho que deste ponto em diante vai ficar para uma próxima vez. Hoje faz exatos três meses que você viajou para França, o tempo passa depressa, eu estou muito feliz por você, tenho tentado trabalhar bastante meu egoísmo, é claro que em nossa casa há um vazio sem sua presença, mas você tem que construir sua vida com bases sólidas, e tenho certeza que irá conseguir, estou torcendo para que seja assim.

Xavier, te amo muito e você sabe disso, que Deus o proteja.

Beijos do seu pai”.

Os Doze Passos de A.A.

*Sugestões para quem quer abandonar a bebida
Um programa de vida que pode ser adotado por qualquer um*

- (1) *"Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas".*

O primeiro passo é o mais importante no sentido de que é necessário admitir a derrota total para conseguir a liberdade, em outras palavras, chegar ao fundo do poço e jogar a toalha ou entregar os pontos, o desejo de parar de beber precisa ser mais forte que a vontade de beber, não se pode parar de beber bebendo. Para chegar a ponto de querer abandonar a bebida sem duvida alguma é porque nossa vida se tornou um inferno, tanto para nós como para aqueles que nos rodeiam, chega-se ao circulo vicioso de beber para não sofrer e sofrer por causa da bebida. A maioria das pessoas bebe socialmente, curte alguns drinques e pára logo porque sua condição física e mental mostra lhe quando deve parar para não ficar embriagada, alguns ainda poderão beber esporadicamente com exagero, mas se arrependem porque não lhes faz bem, ao contrario, após a ressaca ficam muito tempo antes de voltar a beber demasiadamente. O alcoólatra é ao contrario, quando começa a beber não consegue controlar e parar, é como uma alergia ao álcool, não pode nem deve beber, mas se tomar uma simples dose é como soltar o freio de mão, não para mais. Progressivamente se chega a esse ponto porque ninguém começa a beber tomando um litro de bebida destilada, mas o corpo habitua-se e pede cada vez mais, a constituição física do alcoólatra o privilegia no sentido que agüenta beber mais bebida que os outros, provavelmente quando observarmos num bar um grupo formado por duas ou três pessoas alcoolizadas e outra em pé, esta última é o alcoólatra e possivelmente levará os outros para suas casas.

Na segunda parte deste passo devemos admitir a perda de controle total sobre nossas vidas, esta parte do passo é uma consequência da primeira, o álcool nos leva a nossa própria destruição e à dos outros, se nossa vida esta desgobernada é por causa do álcool, chega-se a ponto de não termos mais nenhuma credibilidade na sociedade, fizemos mil e uma promessas, dizemos que bebíamos com nosso dinheiro e que bebíamos e parávamos quando queríamos e nada disso foi cumprido porque a vontade antes de beber era uma coisa e a realidade após termos ingerido o primeiro gole era outra. As tristes consequências que o álcool pode levar ao alcoólatra são imensuráveis, como, perda de emprego, amigos e até as vezes a própria família. Este passo sugere-se que seja praticado cem por cento em sua totalidade, é o primeiro passo que nos permitirá a pratica dos onze restantes, sabemos que nem sempre é fácil de admitir a falência e quebrar o orgulho porque na mente do alcoólico a obsessão alcoólica do "beber ou não beber" a solução mais fácil é beber. A prática deste passo "sozinho" é muito difícil, porém não impossível, cada caso é um caso, mas, rodeado de pessoas que tem passado pelo mesmo problema se torna bem mais simples pois parece que ao "dividir" com os outros é mais fácil e menos angustiante, eles estão ali no topo do poço esticando o braço com uma corda, querendo me ajudar, me puxar para que possa sair da escuridão. Também existe a possibilidade de que este passo não seja para você, talvez você não seja alcoólatra e quem sabe até consiga continuar bebendo controladamente, mas lembre-se sempre o que você já leu sobre o alcoolismo.

- (2) *"Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade".*

Porque um Poder Superior a mim mesmo?, porque toda minha vida tentei fazer tudo por mim mesmo, desenvolvi progressivamente defeitos de caráter que anestesiados com a ajuda do álcool me levaram à falência moral, se tivesse sido auto-suficiente teria resolvido tudo eu mesmo, teria bebido e parado de beber quando eu quisesse, infelizmente, não foi bem assim. Eu mesmo construí minha própria prisão onde fiquei isolado da liberdade e do mundo, construí castelos de areia que desabaram com as ondas do mar, a vida me reservou surpresas nem sempre muito agradáveis, quando criança senti-me bem próximo de Deus através de minha fé, chegando até ser candidato a futuro religioso mas por circunstâncias da vida resolvi fazer tudo eu mesmo, virei as costas a esse Deus por não ter satisfeito minhas exigências, até considera-lo um dia como meu irmão caçula, meus distúrbios emocionais me levaram sempre pelo caminho da paixão ou da raiva.

Se somente um Poder Superior pode me remover a vontade de beber preciso acreditar Nele, não digo que seja fácil, até porque muitos de nós nunca acreditamos em Deus ou qualquer outra coisa parecida, posso afirmar que há nas fileiras de A.A. companheiros ateus e agnósticos. Esse Poder ou Força Superior pode ser considerado e interpretado da forma que quiser, até para alguns o próprio grupo de A.A. passa a ser considerado como a tal Força Superior. Diante deste Passo as vezes nos encontramos frente a um dilema, seria conveniente “acreditar” porque isto nos ajudará no início da nossa caminhada à uma vida de sobriedade feliz, mas não pode haver pressa, a decisão pode ser tomada inclusive em doses homeopáticas na hora certa quando estivermos certos e convictos de nossa fé. No A.A. está cheio de gente que antes pensava igual a você, e já faz disso muitas vinte e quatro horas, se você tiver receio em praticar este Passo, o entendo perfeitamente, o A.A. não exige que você acredite em coisa alguma, lembre-se que os Passos são apenas sugeridos, porém saiba que praticá-los não é tão difícil como você pensa, tenha a mente “aberta”. Também não precisa agora pegar nos livros de religião ou teologia para tentar descobrir e conhecer quem é Deus, é um assunto muito complicado no seu modo prático, tentar entender com profundidade os assuntos de Deus pode levar até à loucura, não esquite sua cabeça em saber quem veio primeiro o ovo ou a galinha, nada mudará, seja pragmático e viva o aqui e agora, se pensar bem o Poder Superior pode estar até dentro de você. A respeito da sanidade, podemos dizer que aqueles que bebem a ponto de querer parar de beber é porque estão longe de possuir “saúde mental”, se não fosse assim não teríamos a obsessão pela bebida como a tivemos, associada a uma alergia alcoólica.

- (3) *"Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos".*

Se você não é muito chegado às religiões não se assuste, o enunciado diz: na forma em que O concebíamos. Para a prática do terceiro Passo basta um pouco de “boa vontade”, se conseguimos praticar o segundo Passo o terceiro está ao nosso alcance com mais facilidade. Durante longos anos carregamos a responsabilidade pelos nossos atos, agimos conforme achamos ser o melhor para nós, mas nem sempre deu certo é isso era um dos bons motivos para continuar bebendo cada vez mais, tinha que ser tudo sempre do jeito que nós queríamos, mesmo errados íamos até o fim para não ferir nosso orgulho. Entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus – ou de um Poder Superior – é de certa forma aconselhável para aliviar-nos e desfazer-nos de qualquer tipo de carga negativa e dos contratemplos que se apresentam em nosso dia a dia. Quando enfrentamos um problema ou situação difícil cabe-nos fazer essa entrega e evitarmos ser os protagonistas de novas situações que poderão nos prejudicar, se o problema não tem solução solucionado está. Devemos viver com a leveza que nos ajuda a encontrar a paz e

serenidade oferecida pelo programa de recuperação através desses Passos. Abra seu coração e deixe Ele entrar. Consegui fazer-lo sem grandes esforços, e não me considero melhor que ninguém, acho que qualquer pessoa com um mínimo de boa vontade irá consegui-lo. Se for pensar bem, quando se “admite e acredita” que poderá abandonar a vida anterior para uma melhor, por tabela supõe-se que está optando por uma reformulação total em sua vida, essa mudança inclui deixar que “alguém faça por nós o que não podemos fazer por nós mesmos”, afinal, quando bebíamos não nos entregávamos totalmente ao álcool?. A entrega não significa que você se anula, você continuará fazendo as coisas na prática, mas desta vez será guiado por alguém Superior, você entenderá como acontece praticando este Passo. Se começa a praticar este Passo talvez se lembre dos velhos tempos, quanto mais pratique mas irá gostar e se tornará dependente de Deus ou Poder Superior, em outras palavras quanto mais você é dependente mais independência mental e emocional você consegue, estará mais seguro de você mesmo. Talvez esteja eufórico com a recente sobriedade encontrada, ou ao contrário, talvez esteja há um bom tempo sóbrio e seus problemas continuem ou se agravem, este Passo não quer dizer que de manhã cedo você possa sair no quintal com um saquinho de plástico e chova dinheiro para pagar suas contas e solucionar seus problemas, o terceiro Passo praticado de forma honesta nos dá a garantia de que nada de mal nos acontecerá, vale a pena aguardar para ver os resultados, Ele quer sempre o melhor para você. Continue assistindo às reuniões porque o fator “tempo” desde seu último gole é um fator da maior importância em sua recuperação, quanto mais longe seu último gole melhor entenderá os Passos e melhor será seu dia a dia.

(4) *"Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos".*

A essência deste Passo é o autoconhecimento, como poderia mudar sem me conhecer?, nasci e ganhei de presente a vida como qualquer outro ser humano, todos diferentes uns dos outros cultivando em nossas vidas os defeitos de caráter, ninguém na face da terra é perfeito este Passo nos permite descobrir e refletir o que há de certo e errado em nós, de um modo geral o ser humano tende a se desviar cada vez mais da perfeição por causa das próprias necessidades da sociedade, nossos instintos naturais nos levam a isso até para nossa sobrevivência, em A.A. caminhamos por assim dizer na contramão da humanidade, ou seja, tentando nos aperfeiçoar sem a busca da perfeição, aprimorando nossas qualidades e descartando nossos defeitos ou transformando-os em qualidades. É necessário fazer este “destemido” inventário moral, de preferência escrevendo no papel de nosso próprio punho um histórico de nossa vida, é importante que seja “escrito” pois além de visualizá-lo significa a expulsão e exteriorização do que tanto nos incomodou e carregamos durante muitos anos de nossa vida. Chegou a hora de fazer o ponto sobre nossa vida, é necessário um balancete mesmo se a realidade não é aquelas coisas, o importante é tomar conhecimento de como estamos e como deveríamos estar, não há pressa, temos toda a vida pela frente para nossa reformulação como indivíduos, é uma tarefa para toda a vida, e não tem fim. Sei que por causa de meus instintos bebia e destruía minha vida, não tinha consciência do que estava fazendo porque não me conhecia nem sabia quem eu era, vivia o mundo externo e nunca me preocupei do meu mundo interno, se tivesse me conhecido não teria bebido e destruído a mim mesmo para anestesiar minhas frustrações e depressões, tudo indica que encontrava prazer em me autodestruir. Muitas vezes dissera que bebia por causa dos outros sem reconhecer que o beber exagerado estava inculcado dentro de mim, tanto fazia beber por causa do aumento de salário como porque não tive aumento, por causa do sol e por causa da chuva, porque meu time ganhava ou porque perdia, tudo foi sempre motivo para ser festejado e justificar minhas bebedeiras. Mesmo se achava que bebia por culpa dos outros, não devo deixar de fazer o inventário, com certeza descobrirei o que causava essa vontade desenfreada de beber. É importante que encare meus defeitos sem medo, aos poucos estarei familiarizado com eles e será mais fácil trabalhá-los ou eliminá-los. Este inventário nos permite recomeçar nossa vida

sobre uma base sólida, toda construção depende de um alicerce bem executado. Qualquer comerciante que queira levar seu negocio adiante fará periodicamente um inventario sobre seus produtos ou mercadorias, alguns deverão ser jogados fora ou substituídos seja porque ficaram encalhados sem saída outros porque a data de consumo já venceu, de nada adianta colocar novas e falsas etiquetas, é bom saber em que ponto estão as coisas e estarmos preocupados em gerenciar da melhor maneira possível nosso negocio.

(5) *"Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas".*

Este Passo está ligado ao anterior, pusemos no papel nosso perfil de como éramos, com todos nossos defeitos e virtudes, tentaremos eliminar ou corrigir nossos defeitos e aprimorar nossas virtudes. Para chegar a este estagio de nossa recuperação, já "admitimos" nossa derrota total pelo álcool no primeiro Passo, acreditamos que um Poder Superior pode nos remover a obsessão pelo álcool e entregamos nossa vontade e nossa vida aos cuidados daquele em quem decidimos nos "confiar", fizemos a relação de nossos defeitos de caráter e os "admitimos" em sua consciência perante um Poder Superior, perante nós mesmos e os admitiremos e comunicaremos verbalmente a outro ser humano, ou alguém de nossa confiança. Esta real admissão de nossas falhas e a comunicação a outra pessoa, é um ato de compromisso e responsabilidade, é o sincero desejo de mudar para melhor. Aqueles que praticam a religião católica sabem o que é a confissão, em nosso caso vamos dar um passo à frente assumindo este compromisso. Alguns membros de A.A. praticam os Passos de forma alternada, ou seja, podem até pular na ordem cronológica dos Passos, mas, sugere-se a seqüência dos Passos pela ordem, pois cada Passo é consequência do anterior. Em principio, os Passos nos pedem para agir ao contrario de nossos desejos naturais, justamente porque são o contrario de nossa forma de ser e agir durante nosso alcoolismo ativo, eles irão nos ajudar a desinflar nosso ego. Não nos convém guardar dentro de nós os defeitos inventariados no quarto Passo, comunicando-os de viva voz a outra pessoa com toda franqueza propicia-nos o inicio à humildade e honestidade com nós mesmos. É importante que relatemos com precisão nossas falhas e façamos "uma limpeza da casa", disto poderá depender o futuro de nossa sobriedade, e permite-nos à saída de nosso isolamento, abrem-se as portas do mundo para que nos comuniquemos a vontade com os outros, sentimo-nos mais leves, perdoados e dispostos a perdoar. Mas, porque comunicar a outra pessoa?, porque nossa comunicação com um Poder Superior é feita pelo pensamento e meditação, é como um monólogo porque nunca obteremos as respostas diretamente, enquanto que ao fazermos o esforço de comunicar a outro ser humano a natureza exata de nossas falhas, poderemos além de ser escutados ouvir também comentários ou até sugestões de como agir, é uma comunicação de duas vias. Precisamos fazer uma boa escolha sobre a pessoa que iremos comunicar, de preferência uma pessoa experiente que possa ter passado pelo que estamos passando ou que possa nos entender, não precisa ser obrigatoriamente do A.A., poderá ser religiosa, médica ou alguém com quem tenhamos muita confiança, será precisa uma boa dose de coragem para praticar este Passo, mas é isso que justamente estamos procurando. A pratica deste Passo nos dará uma sensação de alivio e paz, podendo nos preparar para os Passos seguintes em direção a uma sobriedade plena e significativa.

(6) *"Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter".*

Prontificamo-nos significa "estar pronto", e neste Passo concretamente nos abrimos para que sejam removidos nossos defeitos de caráter, se conseguimos através dos Passos anteriores um pouco de honestidade e humildade poderemos estar prontos para praticar este Passo. Se estiver disposto, meus defeitos serão logo removidos, eu quero uma vida melhor. Quando

praticamos os três primeiros Passos, através de nossa admissão e nosso sincero desejo de abandonar a bebida nos foi removida a vontade de tomar a primeira dose, e assim acontecerá com este Passo a respeito de nossos defeitos de caráter. Podemos verificar esses fatos assistindo a qualquer reunião aberta de Alcoólicos Anônimos onde os membros testemunham através de seus depoimentos como isso lhes aconteceu, parece ser um mistério mas é a pura verdade. Não se trata de que eliminemos todos nossos impulsos instintivos, procuramos crescer espiritualmente mas nunca seremos brancos como a neve, o que nos interessa e o aperfeiçoamento e não a perfeição. Alguns de nossos defeitos não poderemos eliminá-los de um dia para outro até porque não vamos querer largá-los todos e ficaremos com alguns, e também não há pressa, o importante é a intenção e sincero desejo de consegui-lo, temos toda uma vida pela frente. Este Passo não é fácil mas está longe de ser impossível. O primeiro Passo é o único que pode ser praticado com toda perfeição, os outros onze enunciam ideais e metas. Não diga jamais “eu nunca renunciarei” a esse ou aquele defeito de caráter, pois a rebelião poderia ser fatal. O importante é avançar em direção à vontade de Deus para conosco.

(7) *"Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições".*

Não deveríamos confundir as palavras humildade e humilhação, em nossa condição de alcoólatras seria impossível aceitar a prática de tal sugestão se o assunto fosse de nos humilhar, o orgulho talvez seja o principal de nossos defeitos de caráter. Há contudo uma diferença entre humildade e humilhação, como por exemplo, um arquiteto pode ser humilde e um pedreiro orgulhoso, o sentido deste Passo nos direciona para o dobramento daquele defeito de caráter que tanto nos fez beber e sofrer, iniciar-nos à virtude da humildade é a sugestão deste Passo, e não deveríamos pensar que estamos nos submetendo. Não devemos esquecer que quando decidimos aceitar nossa impotência perante o álcool no primeiro Passo, sem perceber já praticamos a humildade talvez inconsciente de nossa derrota, e quando ficamos abastêmios sem o álcool, sobraram nossos defeitos de caráter aos quais nos agarrávamos e relutávamos em nos desfazer deles porque havia um vazio. Para dizer a verdade, todos os doze Passos exigem de nós a prática da humildade, para nós ela não significa fraqueza, e sim, força. É bastante provável que optemos inicialmente pela humildade por necessidade ou sobrevivência e não por opção, poderemos ainda sentir medo, mas o medo e a fé não são compatíveis. Somos todos nós alcoólatras seres dotados de uma inteligência incomum, mas para aplicá-la de modo correto convém pôr a humildade a frente, desta forma nos aproximamos da perfeição e percebemos nossa força de atração, os bons resultados virão de imediato. Para a maioria das pessoas o orgulho representa uma suposta segurança provocada pela autodefesa, liderança e sobrevivência são as leis da selva como por exemplo “vou agredi-lo antes de ser engolido por ele”. Estamos falando aqui dos valores espirituais do indivíduo, para nós em recuperação deveríamos colocar os valores materiais em segundo lugar se não quisermos correr riscos e voltar tudo a estaca zero, não podemos nos dar ao luxo do orgulho nem de ressentimentos que poderão ser fatais para nós. No início poderemos pensar que é difícil largar o orgulho, poderá ser difícil e as vezes até seremos tomados pela rebeldia, um trabalho que será para toda a vida, mas com o decorrer do tempo e a prática da humildade constataremos o quanto estamos tirando proveito pelos resultados obtidos nessa prática. Como?, pela felicidade que sentiremos. No Passo anterior quisemos ficar “no ponto” – prontificamo-nos – e vamos agora rogar Lhe que “remova” nossas imperfeições. Com certeza, sairemos do Passo com maior leveza, mais confiantes e seguros, prontos para a execução dos próximos Passos.

(8) *"Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados".*

Juntamente com o nono Passo eles estão interligados, são Passos de “coragem e ação”. O quarto Passo foi essencial para que pudesse fazer neste Passo uma relação das pessoas que tinha prejudicado durante meu alcoolismo ativo, visualizando tudo o que já tinha escrito se tornou mais fácil descobrir a quem, quando e aonde tinha prejudicado. Considero este Passo um acabamento do quarto Passo, como se quisesse polir minha alma para que brilhasse mais. Havia uma carga negativa dentro de mim, por causa das vantagens que tinha tirado das pessoas em situações várias, dos danos que tinha lhes causado ou que tinha causado a mim mesmo, fossem eles materiais, morais ou emocionais. Continuamos neste Passo mudando nossas vidas para viver melhor, estamos motivados para praticá-lo e queremos nos livrar dos ressentimentos, remorsos e culpa do que fizemos por causa de nossas bebedeiras. Tomaremos cuidados ao fazer a relação destas pessoas, em lembrar se os danos que causamos não afetarão às mesmas se formos fazer tais reparações, ou seja, pode ser que ao fazê-las, em alguns casos, prejudiquemos ainda mais às pessoas envolvidas e a nós mesmos, refletiremos se quando iremos fazer as reparações não pioraremos a situação do outro ou a nossa, e quais poderão ser as conseqüências. Pode ser que haja pessoas que talvez nem estejam mais vivas, outras nem sequer tenhamos o endereço para contatá-las, e ainda outras podem ter mudado para longe de nós. Precisamos de um modo “real” estar dispostos a perdoar e ser perdoados, pode parecer fácil mas nem tanto, mais uma vez nosso orgulho estará posto à prova. Pode ser que as vezes a culpa seja da outra pessoa, mas talvez nós reagimos de maneira errada sob os efeitos do álcool, vivemos uma vida quase sempre na posição de auto-defesa, agredindo para não sermos agredidos. Havíamos admitido perante Deus, nós mesmos e um confidente todas as nossas falhas, e agora estaremos dispostos a fazer reparos aos que prejudicamos?, a resposta é “sim”, evoluímos positivamente para uma vida melhor, será o começo do fim, trata-se de nosso “crescimento espiritual” e da nossa reforma íntima como seres humanos, em nosso caso não nos convém fazer as coisas mais ou menos ou pela metade, é tudo ou nada, igual à nossa doença que pode acordar se eu voltar a beber.

(9) *"Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem".*

E agora vamos agir. Praticar este Passo sem ter a estrutura emocional necessária pode ser arriscado, pois se não tivermos algum tempo de sobriedade e praticado os Passos anteriores poderemos ter surpresas desagradáveis que podem mesmo nos levar a começar toda a programação partindo da estaca zero. Não há pressa nem data marcada para fazer tais reparos, deveremos ter coragem para alguns tipos de reparos, alguns poderão ser feitos em curto prazo, outros poderão precisar de um certo planejamento por causa da complexidade dos mesmos. Existe também a possibilidade de que façamos reparações as vezes incompletas ou parciais, se fazê-las fosse prejudicar as pessoas mais do que repará-las. Neste Passo a palavra “diretas” significa “olho no olho” com as pessoas interessadas, o contato pessoal é de suma importância para que as pessoas possam “sentir” a sinceridade de nossas palavras e o verdadeiro arrependimento pelos atos que cometemos. Teremos interlocutores dos mais variados possíveis, talvez não nos comportemos da mesma maneira na frente de todos, cada caso pode ser um caso diferente, não precisaremos nos ajoelhar e pedir perdão, e conforme a personalidade de nosso interlocutor poderemos usar um linguajar diferente, para alguns poderemos explicar quem somos na realidade, qual era a vida que levamos anteriormente e o porque agíamos daquela forma, pediremos “desculpas ou perdão” pelos danos que lhes causamos. Há outros que nos avaliaram como sendo da pior espécie que existe na face da terra e que dificilmente estão a fim de nos perdoar porque não acreditam mais em nós, para estes poderemos lhes dizer que “sentimos muito” pelo que fizemos, com um pouco de psicologia de nossa parte nos adaptaremos a cada situação e caso. O importante é o sincero desejo de comunicar de viva voz àqueles que prejudicamos e eliminar de nossa mente estes remorsos e culpas, sairemos mais aliviados após cada reparação.

Possivelmente devamos em alguns casos ressarcir danos materiais, nos predisporremos a fazê-lo dentro de nossas possibilidades, custe o que custar. A experiência da maioria dos membros de A.A., mostrou-nos que agradáveis surpresas podem acontecer na prática deste Passo, muitos grandes inimigos acabaram se tornando nossos maiores amigos, a opinião sobre nós muda radicalmente pois nosso comportamento atual também significa uma mudança radical se comparada com nossas antigas atitudes. O resultado e a admiração que muitos terão de nós, poderá nos levar as vezes a uma euforia que nos dará vontade de começar de novo a praticar este Passo com outras pessoas, porém a euforia é perigosa para nós pois ela nos torna cegos e perdemos o controle total de nossas ações, convém que tenhamos paz e serenidade para a prática deste Passo. É gratificante para nós quando com coragem e humildade vamos fazer reparações diretas àqueles que prejudicamos, esta é a essência do nono Passo.

10) "Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente".

Este Passo é conhecido como “inventário relâmpago”, nossa programação está baseada nas vinte e quatro horas e da mesma forma temos a oportunidade de avaliar diariamente como foi nosso dia, onde acertamos e onde erramos, pelo fato de sermos seres humanos não estamos ao alcance da perfeição absoluta e poderemos errar a qualquer momento mesmo que seja involuntariamente. Sugere-se que achemos um momento para nos recolher diariamente e façamos um levantamento de como foi nosso dia, desta forma fatos recentes são mais fáceis de lembrar e, provavelmente acharemos algo que não acertamos. Não é conveniente para nós saber que fizemos algo errado para alguém ou para nós mesmos sem tentar fazer reparações ou melhorar nossa conduta, ficar com este peso na consciência pode nos levar à “bebedeira seca”, seria conveniente que o fizéssemos o mais rápido possível porque quanto mais a demora mais coragem precisaremos para entrar em ação. Precisamos admitir de imediato os erros que cometemos e o que nos levou a fazê-lo. Ainda com o objetivo de melhorar nossas vidas e obter a paz interna, faremos uma análise sobre o tipo de erro cometido, se por exemplo fiz algo errado à alguém quando me dirigia ao trabalho seja no trânsito ou no ônibus será praticamente impossível reparar este erro, pois dificilmente encontrarei a pessoa e reviverei a mesma situação novamente, contudo, se fui mal educado ou agressivo com um familiar, vizinho ou colega de trabalho poderei de imediato me aproximar da pessoa e pedir desculpas pelo que fiz, basta explicar com sinceridade e honestidade o que estava me acontecendo e serei compreendido e desculpado na maioria das vezes. Este Passo permite-nos revisar constantemente nossas vidas e perceber em que pé está nossa recuperação. A prática regular deste Passo ajuda-nos a viver uma vida feliz e útil. Se optarmos por praticar este Passo à noite, com certeza vamos dormir tranquilos e acordaremos dispostos para enfrentar um novo dia.

11) "Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade".

Este Passo nos proporciona um estreitamento em nossa relação com Deus na forma que cada um de nós O concebe, de uma maneira consciente rogamos e meditamos para sentir e compreender como devemos dirigir nossas vidas. Quando praticamos o décimo-primeiro Passo exercemos um ato de humildade, é um momento de gratidão por mais um dia de sobriedade e desejamos que se repita a cada vinte e quatro horas, nesta oportunidade poderemos rogar para terceiros quando sabemos que estão precisando de algum tipo de ajuda, mas nada de material pediremos para nós, solicitamos tão somente saber qual é a direção que devemos tomar ou como deveremos agir, é um momento onde nossa mente e a força onipresente de Deus se torna uma

coisa só, dá-nos uma paz interna que poderíamos chamar de estado de graça. Com a prática regular da oração e da meditação, não a dispensaremos mais e se tornará indispensável como o ar, a luz ou a alimentação, precisamos delas para sobreviver, a meditação é um caminho em direção à luz. Surgem diariamente resultados inesperados que chamamos de “coincidência, casualidade ou acaso” e entendemos o que Ele quer de melhor para nós, sempre desejando nos tornar um instrumento da Sua paz. A meditação é um ato de perguntas sem escutar as respostas, que pode ser cada vez mais desenvolvida e mais abrangente, com a prática da mesma ganhamos sabedoria e equilíbrio emocional. A intensidade de nosso bem estar ou sofrimento é proporcional à distancia entre Deus e nós.

12) "Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólatras e praticar estes princípios em todas as nossas atividades".

Quando ainda estava na ativa do alcoolismo desejava fazer qualquer coisa que pudesse deter a vontade de beber e conseqüentemente de sofrer. Viemos a conhecer os Doze Passos de A.A. que nos ofereciam meios de consegui-lo evitando o primeiro gole e iniciando-nos radicalmente a uma reforma íntima de nosso modo de viver. Em função do tamanho desta reforma íntima precisamos re-aprender a viver tal e como um recém nascido, mas quando percebemos os resultados conseguidos através destas sugestões, não pensamos mais em outra coisa senão continuar a caminhada, o ultimo gole ficava cada dia mais longe e o fato de pensar na ultima bebedeira dava-nos mais forças para prosseguir no caminho da luz, se tornou prazeroso viver em estado de graça crescente, não precisávamos mais evitar o primeiro gole, agora tratava-se de mantermo-nos sóbrios um dia de cada vez.

E com a prática destes Passos conhecemos um “despertar espiritual”. O que seria um despertar espiritual?. Na procura contínua da perfeição e crescimento espiritual praticamos estes Passos que com seu conteúdo positivo nos aproximam gradativamente à um Poder Superior a nós mesmos. O despertar espiritual poderia ser interpretado como a descoberta desta “Força Superior” que pode estar dentro de nós, de nossos familiares, parentes, amigos ou dentro de você, o bem estar é uma energia que se instala em nós com mais ou menos intensidade conforme “sentimos e apreciamos” sua existência. Através de minha própria experiência definiria o despertar espiritual como um “orgasmo espiritual”, a paz e serenidade se instalam e são alcançados durante um período de tempo variável, da a sensação de estar “surfando sobre uma onda”, da a nítida impressão de sentir-se mais leve em estado de êxtase, as vezes parece como se uma barra de ferro gelada estivesse atravessada no estomago dividindo nosso corpo em duas partes e sentíssemos uma onda de calor subir até nossa mente. O despertar espiritual não pode ser descrito de forma exata, pois cada indivíduo poderá senti-lo de maneira diferente, é uma experiência que vale a pena ser vivida.

Este conjunto de Passos nos leva a tal descoberta e modo de vida, poderemos a partir daí aplicá-la em todos as áreas de nossas vidas, estaremos prontos para divulgar tal conquista, quem éramos, quem somos, como e porque.

Perguntas e respostas sobre os Doze Passos de A.A.
Se você nunca ouviu falar de Alcoólicos Anônimos, mate sua curiosidade...

- (1) *"Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas".*

P: Como é que alguém pode saber que é alcoólatra?

R: Alcoólatra é aquela pessoa cuja maneira de beber lhe causa problemas em todas as áreas de sua vida. A obsessão pela bebida é uma das principais características. Para o alcoólatra o contato com a bebida alcoólica tem um sentido diferente das outras pessoas. Não há idade para se tornar alcoólatra. O fato de levar àqueles que bebem demais para suas casas não quer dizer nada, ao contrário, o alcoólatra possui uma resistência ao álcool incomum e superior aos outros. Não é necessário beber nem estar embriagado diariamente, mesmo os bebedores de fim de semana podem ser alcoólatras, a importância na espera de beber no fim de semana pode ser um sinal, vale a pena verificar se mesmo durante o fim de semana paramos de beber quando queremos ou se bebemos em demasia para recuperar os dias perdidos da semana sem a bebida.

P: É difícil admitir ser um doente alcoólatra?

R: Sim, estamos aqui tratando de uma doença conhecida como a doença da negação, achamos que os outros são os alcoólatras, justificamos sempre nosso modo de beber, dizemos que bebemos quando queremos e paramos quando queremos com nosso dinheiro e sem incomodar ninguém, que nunca estivemos na sarjeta, achamos que os bêbados são aqueles que todo dia estão bebendo no bar até cair. Nosso orgulho nos impede ser honesto com os outros e com nós mesmos.

- (2) *"Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade".*

P: Em quê ou em quem se pode acreditar?

R: Se no enunciado deste Passo se fala de "sanidade", é porque o alcoólatra não tem nenhum controle sobre seu modo de beber, ele não é dono da situação quando bebe, se não pode fazer uso da "vontade própria" frente ao álcool e por causa da doença, terá que confiar em algo ou alguém que o tire dessa situação desesperadora que o pode levar à loucura ou à morte prematura. Não se trata exatamente de religião, em A.A. há ateus e agnósticos. Se não conseguimos parar de beber nem controlar nossas vidas sozinhos, em A.A. conseguimos, é porque acreditamos que existe "algo ou alguém" que pode e é superior a nós. Como, aonde? não sei.

P: Estes Passos não ferem o orgulho do alcoólatra?, Será que não mexem com a sensibilidade da pessoa?

R: A maioria dentre nós chegou em A.A. por necessidade e não por opção, no fim de nosso alcoolismo ativo chegamos à dependência total do álcool, ele tinha-se tornado nosso poder superior. O que quer dizer alcoólatra? Álcool e idolatra, adoração sem escolha do álcool, dependência. Chegando a ponto de ter que escolher entre a vida ou a morte, após a aceitação de nossa condição, passamos a inverter nossa escolha para um Poder Superior, é o despertar da fé.

(3) *"Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos".*

P: Vontade?, então porque não usaram sua força de vontade para parar de beber?

R: Quando bebíamos fazíamos uso de nossa vontade para destruir os outros e a nós mesmos, nada dava certo quando agimos em função de nossos impulsos. Para parar de beber de nada adiantava nossa vontade já totalmente dominada pelo álcool, éramos impotentes e perdemos o controle total sobre tudo e sobre todos.

P: Para que entregar sua vida e sua vontade, qual a vantagem?

R: Após termos abandonado a bebida no primeiro Passo, nossa vidas continuam como para qualquer pessoa, há dias melhores e outros piores, quando nos deparamos com situações ou fatos adversos precisamos ser cautelosos para não deixar que nossos defeitos tomem conta de nós, se entregamos tais fatos e situações a Deus, sentimo-nos ajudados e mais leves, deixando que as coisas aconteçam por si só, mas nunca pelo nosso instinto natural, porque isto poderia até nos levar a beber de novo.

(4) *"Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos".*

P: O que seria colocar todo o passado a limpo para o alcoólico?

R: O alcoólatra por causa da doença vive uma vida completamente fora de seu comando, fere os principais valores e princípios da sociedade; família, profissional, social e legal. Ele revê todos estes valores através do autoconhecimento fazendo um minucioso e destemido inventário de si mesmo.

P: Qual é o objetivo de fazer um inventario de toda a vida?

R: Perdemos nossa identidade durante estes anos todos. Se não nos conhecemos não será possível saber as causas verdadeiras dessas distorções emocionais, onde, quando, e porque. Fazemos uma lista dessas falhas que nos serve como roteiro para mudar nossas vidas.

(5) *"Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas".*

P: Que beneficio traz o cumprimento desta sugestão?

R: Acumulamos durante muitos anos, defeitos de caráter como orgulho, egoísmo, prepotência e outros mais, não nos convém conviver com as seqüelas e pesadelos do passado, avaliamo-los e colocamo-los para fora, precisamos nos “libertar” deles, eliminando-os e aprimorando nossas qualidades.

P: Como escolher a pessoa em quem confiar?

R: Devemos procurar uma pessoa de nossa confiança, este método é utilizado há séculos pelas religiões como por exemplo a confissão. Poderemos escolher como melhor nos convenha, um padre religioso, um medico, um amigo ou um membro experiente de A.A., o importante é que possamos limpar nossa casa e reconhecer de viva voz nossas falhas.

(6) *"Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter".*

P: É um esforço permanente que o doente alcoólatra deve fazer para permanecer sóbrio?

R: Sim, somos portadores da doença do alcoolismo, uma doença que é incurável, devemos esforçá-nos constantemente evitando o primeiro gole e praticando as sugestões de A.A. para permanecermos sóbrios. Nos Passos anteriores percebemos que não estávamos mais sozinhos, o que torna mais fácil a prática destes Passos.

P: O cumprimento das sugestões é um aprimoramento constante do indivíduo?

R: Prontificamo-nos quer dizer “estar prontos”, nos primeiros Passos conseguimos nos aproximar do Poder Superior, se confiamos Nele não nos deixará na mão. Devemos progredir, não podemos estacionar nossa recuperação, não é suficiente parar de beber, precisamos crescer espiritualmente para viver bem e com segurança, o aperfeiçoamento é necessário para nós, desta maneira conseguimos uma recuperação satisfatória.

(7) *"Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições".*

P: O que pode significar a humildade para o doente alcoólatra?

R: O alcoólatra sempre foi um grande sonhador, tem a imaginação farta e controla com relativa facilidade situações que para outros podem parecer difíceis. Com o álcool vieram as frustrações, decepções, ressentimentos, autopiedade e ociosidade, o que criou um bloqueio para continuar a conviver com os outros. Durante o alcoolismo ativo a palavra humildade a maioria de nós a interpretava como humilhação, e somente após parar de beber e praticar os Passos percebemos o verdadeiro sentido da humildade que nunca tivemos antes.

P: Esta transformação total do alcoólatra não o prejudica para se reintegrar na sociedade?

R: Estes Passos, quando praticados nos permitem resgatar nossa verdadeira identidade e estarmos de bem com a vida e com nós mesmos, se eu estou bem comigo estarei bem com a sociedade, consigo amar aos outros e aceita-los como eles são, antes queria que os outros mudassem e fossem do jeito que eu queria, agora quem se modifica sou eu. Nosso amor vai de dentro de nós para fora e aprendemos a amar de forma desinteressada sem esperar nada em troca. Estamos substituindo imperfeições por qualidades.

- (8) *" Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados".*

P: É realmente preciso passar por essa humilhação?

R: Para nós o fato de pedir desculpas não representa mais se humilhar, porém sermos humildes nos é salutar para o progresso e crescimento espiritual, já fizemos no quarto Passo uma lista de fatos ocorridos que poderão nos ajudar a relacionar estas pessoas, agora queremos entrar em "ação" para limpar ainda mais um pouco nosso passado, será preciso um esforço para efetuar essas reparações, mas atualizar nossas vidas e deixa-las em dia é necessário para nos reintegrar na sociedade e conviver com os outros.

P: Quais seriam os critérios para avaliar a quem deve ou não deve reparar os danos causados na época em que estava bebendo?

R: É um assunto de ordem totalmente individual que tão somente pode ser avaliada por nós mesmos com toda honestidade. Em alguns casos sabemos que não poderemos fazer tais reparações porque algumas destas pessoas mudaram-se de endereço, estado ou país, para outras fazermos reparações poderá prejudicá-las ou a nós mesmos. Faremos a relação em sua totalidade, porém no próximo Passo veremos a quem faremos ou não tais reparações.

- (9) *" Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem".*

P: Precisam ter muita coragem para pedir perdão a outra pessoa?

R: Pode parecer um desafio muito grande mas não é bem assim, não é nenhum bicho de sete cabeças. Os Passos anteriores nos ajudaram a nos preparar para a execução deste Passo. Estudamos cada situação e perfil da pessoa a quem vamos fazer os reparos, com algumas poderemos ter que explicar com mais detalhes o porque do nosso antigo comportamento com ela, tentaremos explicar sobre nossa doença e da necessidade de fazermos estas reparações. Em cada caso vamos nos expor da maneira mais adequada, na procura, sempre, de obter os mesmos resultados.

P: Como podem conseguir uma mudança tão radical no seu comportamento?, o que vocês ganham fazendo este Passo?.

R: Sim, há uma mudança radical do alcoólatra em recuperação, os outros a percebem, tanto em nossa aparência como em nosso comportamento, pois refletimos exteriormente nosso bem estar interior. Convêm fazer essas reparações sempre frente a frente à pessoa que prejudicamos. O resultado é surpreendente, a maioria das vezes as portas se abrem e reatamos novamente as amizades do passado, passamos a ser respeitados pelas pessoas bem ao contrario da época que bebíamos. Nossos interlocutores após nossas reparações também se comportam de maneira diferente conosco, ficam admirados e acham até incoerente ou incompreensível uma mudança tão radical.

- (10) *" Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente".*

P: Para que serve esta sugestão?

R: O décimo Passo serve-nos para fazer um mini-inventário de nosso dia a dia, avaliamos o que aconteceu durante o dia tanto de bom como de ruim, contudo, poderemos de imediato modificar ou eliminar nossos defeitos e reparar nossos erros.

P: Mas, vocês não tinham já feito um inventário no quarto Passo?

R: Sim, quando iniciamos a prática dos Passos, mas naquele Passo estivemos relacionando nossa vida por escrito, tentando levantar a origem de nossos defeitos de caráter, quando, onde e porque. Este passo refere-se à manutenção diária para mantermos uma recuperação satisfatória. Não nos convêm carregar sentimentos de culpa, raiva ou ressentimento em função de fatos ocorridos durante o dia a dia.

(11) *"Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade".*

P: Como é que vocês praticam esse tipo de oração?

R: Conseguimos através dos Passos que antecedem, reformular nossas vidas, aprimorar nosso comportamento e crescer espiritualmente, sentimo-nos agora mais próximos e comunicamo-nos com mais facilidade com o Poder Superior. Pedimos Serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras, esta singela oração conhecida no A.A. no mundo inteiro é uma base muito sólida para permanecermos sóbrios. Cada um de nós conforme suas crenças ora e medita como melhor lhe convêm, não temos normas a seguir, procuramos saber através da prece o que Ele quer de nos, como devemos agir, pedimos ajuda e auxílio para os outros, nada para nós. Este Passo é de grande valia e nos traz grandes resultados para mantermo-nos sóbrios de forma contínua.

P: Vocês conseguem obter resultados sobre os pedidos que fazem nas orações?

R: Sim, os resultados de nossas preces se apresentam de inúmeras maneiras. Não costumamos fazer pedidos para nós, preferimos rogar por mais um dia de sobriedade. Entendemos a importância que representa o fato de permanecermos vivos quando tanto nos maltratamos, sabemos que não tínhamos força de vontade suficiente para parar de beber, este Passo nos proporciona a oportunidade entre outras coisas para sermos gratos a Deus pelo que fez por nós.

(12) *"Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólatras e praticar estes princípios em todas as nossas atividades".*

P: O que é esse despertar espiritual?

R: Representa para nós uma maneira de pensar diferente daquela quando bebíamos. Uma melhor compreensão das coisas, uma estreita relação com o Poder Superior, desejando fazer a vontade Dele juntamente com a nossa.

P: O fato de ajudarem desta forma desinteressada os outros alcoólatras que ainda não conseguiram parar de beber, vocês seriam como um clube de verdadeiras estrelas na sociedade como um todo?

R: Nada de estrelato, em A.A., somos totalmente anônimos. Fazemos questão de resguardar nosso anonimato. Queremos levar uma mensagem de esperança para aqueles que tem problemas com seu modo de beber, levar esta mensagem a outro alcoólico faz parte de nossa recuperação, nos lembra quem éramos e de como chegamos em A.A.

Minha opinião sobre A.A.

Resumindo

Capítulo V do livro azul

Vamos chegando aos finalmente desta pequena leitura, poderia se escrever paginas e mais paginas sobre o assunto “alcoolismo”, é realmente um tema muito amplo. Até o presente momento não há explicações nem estudos confiáveis que possam tratar de uma cura definitiva para a compulsão e obsessão alcoólica. Entretanto pode ser detida porque eu sou testemunho do que aconteceu comigo, foi em Alcoólicos Anônimos que consegui parar de beber, aconteceu um milagre?, não sei se existem, mas acredito que a fé pode resolver muitas coisas. Como disse anteriormente, trata-se de uma doença sem cura, mas se fossemos reler e interpretar os três primeiros Passos de A.A. poderíamos deduzir; 1^o) eu não posso, 2^o) alguém pode, 3^o) se eu deixar. Acho que temos aí uma boa resposta para deter o alcoolismo.

Não pedi para nascer, mas estou aqui neste planeta dos homens, entre vários bilhões de galáxias. Tive uma infância problemática e tinha que ser assim, sem dúvida estava tudo predeterminado até o meu “hoje”. Muitas das situações que vivi foram por mim provocadas mas outras caíram sobre mim como uma caçamba descarregando entulho. Não esqueço o meu passado, mas também não tenho saudades dele, prefiro olhar em frente vivendo no presente. Tive uma vida agitada, no que diz respeito a minhas emoções paguei um preço bastante alto, pois conforme cresci e me tornei adulto fui desenvolvendo uma psico - maníaco – depressão que com a descoberta e ingestão do álcool me firmei, igual aquele que despenca de uma arvore e se agarra a um galho para não se machucar.

Por motivos forçados viajei e procurei sempre novas aventuras para fugir das realidades e obstáculos que encontrei no meu caminho, a única vantagem foi a de conhecer muitíssimas pessoas, culturas, hábitos, línguas e lugares diferentes. Sempre queria guardar na memória o que estava vendo e vivendo, achava fantástico e não queria nunca mais esquecer, mas os lugares e situações foram tantos que somente sou capaz de lembrar-me vagamente de alguns quando menos espero.

Apesar da não aceitação em assumir responsabilidades de gente grande ainda na minha adolescência, sempre administrei com firmeza e responsabilidade todas as situações que vivi por causa de minhas ambições, se era arrimo queria exercer a função da melhor maneira possível, isto me dava coragem para “ir mais longe ainda” e além de sustentar os que dependiam de mim queria fazer minha fortuna pessoal.

Achava na minha juventude que vivia “plenamente”, por ter dinheiro, bens materiais, poder, mulheres e beleza física. Acredito que todo e qualquer ser humano passa por esta fase em sua vida, cada qual ao seu modo e realidade, na sua comunidade. Pensava naquela época que havia no mundo “eu” e seis bilhões de pessoas, ao contrario de hoje que entendo que somos seis bilhões de pessoas e eu.

Não tive a oportunidade de ir muito longe com meus estudos, precisei trabalhar logo aos quatorze anos, de todas formas meu estado emocional não me permitia a concentração necessária para aprender devidamente e poder tirar notas aceitáveis, mas as experiências da vida e meu percurso geográfico foram de alta importância para meu desempenho profissional, minha melhor escola foram as experiências que vivi. O fato de ser uma pessoa de “campo”, me proporcionou o

conhecimento do relacionamento humano, me aprofundando com os interlocutores de tal modo que conseguiria em poucos minutos saber com quem estava lidando, uma forma muito prática de aplicar a psicologia.

Quando conheci a Augusta já em outra fase de minha vida, passaria a rever o termo de viver “plenamente”, o trocava por “plenitude” que achava mais real e oportuno devido ao amor que nos unia. O álcool foi sempre uma companhia muito agradável, tinha o percebimento das coisas, fazia tudo normalmente, parecia uma pessoa normal como qualquer um, mas o álcool era um ingrediente permanente em minha vida, fui sempre um bom bebedor e por isso me achava normal, pouco podia imaginar que as quantidades aumentariam, estabilizariam e mais tarde beberia menos produzindo um efeito maior porque meu corpo estaria saturado e com menos resistência.

Hoje como já disse, sou membro de Alcoólicos Anônimos, me mantenho exclusivamente nessa linha de programação para minha recuperação diária, não pratico nenhuma religião e também não sou contra. Apesar de ser católico apostólico e romano, encontro em A.A. tudo o que eu preciso para manter-me sóbrio um dia de cada vez e viver feliz. Poderia ter conhecido outras entidades, religiões ou igrejas que também podem dar certo se o indivíduo acha ali as respostas que atendem suas necessidades. Não tenho nada contra quem bebe e acho até que faz muito bem se a pessoa não tem problemas com a bebida, eu sei que eu não posso beber, também não tenho nada contra quem fabrica a bebida nem quem faz publicidade, o mundo é assim mesmo, eu faço parte de uma minoria de dez por cento da humanidade que tem ou pode ter problemas sérios com a bebida alcoólica.

Meu pior dia hoje é muito melhor que o melhor dia quando estava na ativa do alcoolismo, sei o que estou fazendo e tenho a mente aberta para ficar alerta, preciso diariamente estar vigilante para não cair numa armadilha e voltar a beber, uma recaída não começa quando voltamos a beber e sim termina no copo. Tenho visto recaídas e não gostaria passar por isto, mas as vezes para alguns isso faz parte da recuperação, perde-se o controle porque ainda não chegou a hora ou simplesmente porque acha-se que já se está curado, ou ainda porque talvez se acredite que seja possível beber socialmente, bela ilusão. Contudo, muitos têm tentado a qualquer preço parar de beber, ficaram por alguns tempos e nunca mais os vimos na sala de A.A. Para estes e especialmente para que você possa entender do que estamos falando aqui, vou transcrever um trecho da literatura de A.A., talvez seja o meu preferido:

Alcoólicos Anônimos
Capítulo V - Livro Azul
COMO FUNCIONA

Raramente temos visto fracassar uma pessoa que cuidadosamente seguiu nosso caminho. Os que não se recuperam é porque não podem ou não querem se entregar completamente a este programa simples. Geralmente, homens e mulheres que, pelas suas constituições, são incapazes de serem honestos consigo mesmos. Existem tais desafortunados. Eles não têm culpa; parecem ter nascido assim. São, por natureza, incapazes de desenvolverem um modo de vida que requeira rigorosa honestidade. Suas "chances" são menores que o comum. Existem, também, aquelas que sofrem de graves desequilíbrios emocionais e mentais, embora muitos se recuperem por ter a capacidade de serem honestos.

Nossas histórias revelam, de um modo geral, como éramos, que aconteceu conosco e como somos agora. Se estiver decidido, deseja o que nós temos e faria qualquer coisa para tê-lo - então você está pronto para tomar certas medidas.

Frente a algumas, nós recuamos. Pensamos poder encontrar maneira mais fácil. Porém, não pudemos. Com toda sinceridade imploramos que leve a sério o programa desde o início. Alguns

de nós tentamos apegar-nos às nossas velhas idéias. O resultado foi nulo e nos rendemos completamente.

Lembre-se que estamos tratando do álcool - destro, frustrador, poderoso! Sem ajuda, é demais para nós. Mas existe Um que é todo-poderoso. Esse Um é Deus. Que O encontre agora!

Esta pequena literatura, não tem a pretensão de trazer a solução do século para o alcoolismo, escrita de modo anônimo e não profissional, de linguagem simples, relata as “duras verdades do alcoolismo” vistas por um alcoólico em recuperação. Cheia de experiências, mas sem nenhum compromisso, não querendo influenciar ou dar a receita certa para estacionar a doença do alcoolismo (até porque não existe), mas há uma solução porque para mim funciona até hoje. Se puder ajudar alguém, o objetivo estará sendo alcançado. Esta pequena literatura é um testemunho sem fanatismo de como consegui parar de beber através da Irmandade de Alcoólicos Anônimos.

Recomendaria o programa de A.A. para qualquer pessoa que queira viver uma vida melhor, por se tratar de “um programa de vida”. Mesmo não tendo nada a ver com o alcoolismo você achará com certeza propostas para estar de bem com a vida, seja qual for seu problema há uma resposta num dos Passos ou em todos no seu conjunto. A.A. não impõe absolutamente nada nem condena ninguém, aliás, sim, se você aplicar os Doze Passos de A.A. em sua vida estará “condenado a ser feliz”.

Particularmente, quero aqui agradecer a Deus na forma que eu O concebo por ter feito por mim o que nunca poderia ter conseguido por mim mesmo, por ter-me colocado A.A. no meu caminho, obrigado por estar vivo. Agradeço ao Brasil por ter-me acolhido de braços abertos, pela beleza do país, pela alegria, simplicidade, calor humano e carinho que os brasileiros tem-me dado. Este Brasil que me ajudou a redescobrir minha verdadeira identidade e reviver a inocência e pureza de minha infância. Não quero entrar em assuntos de ordem política, apesar de que no fim da década de setenta em diante tenha criticado violentamente este país, tenho a alegria de vê-lo mudar para melhor desde noventa e quatro, torço para que os lemas da bandeira Brasileira se tornem realidade, tal e como o alcoolismo convém tratar as causas para que mudem os efeitos, é um trabalho e tanto, mas está sendo bem conduzido, não é fácil mudar as “cabeças”, tomara que daqui a dez ou quinze anos apareçam os resultados.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Alcoólicos Anônimos. Folheto *Você deve procurar o A.A.?*
- 2- Alcoólicos Anônimos. Folheto *AA em sua comunidade*
- 3- Alcoólicos Anônimos. *Os Doze Passos de A.A.*
- 4- Alcoólicos Anônimos. *As Doze Tradições de A.A.*
- 5- Robert Linssen - *L'Eveil suprême*
- 6- Dr. Josep del Hoyo Calduch - *Els perills de l'alcohol*
- 7- Alcoólicos Anônimos. *AA atinge a maioridade*
- 8- Alcoólicos Anônimos. *Viver sóbrio*
- 9- Alcoólicos Anônimos. *Vemos a Acreditar*
- 10- Alcoólicos Anônimos. *Levar adiante*
- 11- Alcoólicos Anônimos. *Capítulo V*

Orelha ou contracapa.

Acredito que o tema “Alcoolismo” proposto neste livro é de amplo interesse para a sociedade como um todo.

Meu ultimo gole de bebida alcoólica foi em outubro de 1992, e até hoje estou abstinência de forma contínua ao álcool e sóbrio. Escrevi os fatos mais importantes que marcaram minha vida, relato como foi minha caminhada junto ao álcool durante trinta e um anos sem folga (autobiografia), até onde cheguei por causa do álcool, como e quando encontrei o A.A., e o mais importante, "como consegui parar de beber". Minha vida hoje, um dia após outro é bem diferente, só por 24 horas, aprendi a viver o “aqui e agora”.

Achei que por gratidão poderia escrever algo à respeito desta doença e que o mínimo que podia fazer era divulgar esta experiência no intuito de informar e/ou alertar aqueles que já perceberam que o álcool está sendo algo muito importante em suas vidas, seja porque bebem diferente dos outros, seja porque convivem com tais pessoas.

Até o presente momento foram divulgadas varias obras tanto para as classes medicas e profissionais, como outras de auto-ajuda, ainda há as que testemunham o poder da fé de varias religiões no sentido de propagar e de aumentar os rebanhos desta ou aquela religião. Toda e qualquer obra que trate do problema “alcoolismo” é sempre muito bem-vinda, pois a cada ano aumenta o numero de portadores desta doença de características física, mental e emocional.

O que acredito ser novidade é que apesar de que a obra seja escrita por um "anônimo" não profissional, ela traz uma leitura simples, cheia de experiências, sem nenhum compromisso e atrativa, não querendo influenciar ou dar a receita certa para estacionar a doença do alcoolismo (até porque não existe), mas há uma solução porque para mim funciona até hoje. Se puder ajudar alguém, o objetivo estará sendo alcançado. Esta pequena literatura é um testemunho sem fanatismo de como consegui parar de beber através da Irmandade de Alcoólicos Anônimos.

Esta obra é dedicada ao publico em geral sem entrar em controvérsia com A.A. e escrita de forma totalmente "anônima". Entendo que para resguardar meu "anonimato" meu nome completo deve estar protegido, respeitando as tradições de Alcoólicos Anônimos, porque nossos princípios estão acima de nossas personalidades.